



Departamento de Humanidades da Universidade Aberta

MESTRADO EM ESTUDOS PORTUGUESES MULTIDISCIPLINARES

*'Comunidades de práticas' nas redes sociais: atos de discurso em interação
e estratégias discursivas principais*

Violante Rosa Teles Crespo Franco da Silva

Lisboa, 2014

Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares

*'Comunidades de práticas' nas redes sociais: atos de discurso em
interação e estratégias discursivas principais*

Violante Rosa Teles Crespo Franco da Silva

Aluna nº 1002679

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Estudos
Portugueses Multidisciplinares, na especialidade de Linguística

Orientadora: Professora Doutora Carla Aurélia de Almeida

Universidade Aberta, 2014

DEDICATÓRIA

Ao meu marido e ao meu filho por me apoiarem nas horas difíceis.

Aos meus pais pelo constante incentivo. 😊

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Doutora Carla Almeida o apoio científico, assim como as suas palavras amigas que me ajudaram a ultrapassar obstáculos e a continuar na senda deste objetivo.

RESUMO

Sendo os atos de discurso um fenómeno linguístico revestido de múltiplas facetas, pois tanto permitem a interação verbal e sua manutenção como a impossibilidade comunicacional, tornam-se um interessante tema de estudo.

Estudar os atos de discurso implica abranger contextos diversificados. As redes sociais, tais como o *Facebook*, apresentam-se como mais uma forma de comunicação globalizada cujas especificidades importa identificar, explorar e analisar. Esta análise fundamentada numa metodologia eclética que abrange os estudiosos dos atos de fala, da cortesia linguística e da comunicação eletrónica pretende melhorar o conhecimento sobre estas práticas discursivas.

A idiosincrasia da comunicação pelo *Facebook* faz-nos considerar que os obstáculos na interação verbal não são facilmente ultrapassáveis. Contudo, os locutores recorrem a regras de cortesia positiva/negativa como estratégia de equilíbrio interacional, assim como a instrumentos criativos que incluem linguagem não verbal e paraverbal procurando aproximar-se da comunicação oral.

Terminamos o trabalho com a conclusão de que, apesar de nesta rede social a interação verbal apresentar determinadas especificidades, as dificuldades comunicacionais detetadas não divergem das que podem surgir presencialmente/oralmente.

Palavras-Chave: atos de discurso; interação verbal; regras de cortesia; *facebook*; comunicação cibernética.

ABSTRACT

Since speech acts are a linguistic phenomenon coated with multiple facets, because they enable both verbal interaction and its maintenance as a communication failure, it becomes an interesting topic of study.

Studying speech acts implies covering multiple contexts. Social networks such as Facebook, are presented as another form of globalized communication whose specificities are important to identify, explore and analyze. This analysis based on an eclectic approach that includes experts on speech acts, courtesy and electronic communication aims to improve knowledge about these discursive practices.

The idiosyncrasy of Facebook communication makes us consider that obstacles in verbal interaction are not easily surmountable. However, speakers tend to resort to positive/negative courtesy rules as an interactional equilibrium strategy, as well as creative instruments that include non-verbal and paraverbal language in order to approach oral communication.

We finish with the conclusion that, despite this social network presents certain special verbal interactions, communication difficulties detected do not differ from the ones that can occur in person/orally.

KeyWords: speech acts; verbal interaction; courtesy rules; facebook; cybernetic communication.

ÍNDICE

Dedicatória	III
Agradecimentos	IV
Resumo	V
Abstract	VI
Índice	VII
Capítulo I – Problemática de Partida	1
1. Problema de partida	2
2. Objetivos e orientações metodológicas	2
2.1. Objetivos	2
2.2. Orientações Metodológicas	2
2.2.1. Hipóteses	2
2.2.2. População e amostra	3
2.2.3. Recolha de dados	3
3. Descrição do objeto de estudo	4
4. Organização do Estudo	4
Capítulo II – Fundamentação Teórica	7
1. Introdução	8
2. Atos de discurso	9
2.1. A Intersubjetividade no Discurso	23
2.2. A Cortesia Linguística: Estratégias Discursivas de delicadeza	24
3. A Conversação Familiar	29
4. Caracterização da Comunicação no <i>Facebook</i>	31
5. Constituição e Delimitação do <i>Corpus</i>	34
Capítulo III – Práticas Discursivas no <i>Facebook</i>	37
1. Introdução	38
2. Descrição e Análise Discursiva dos Dados	38
2.1. Atos de Ironia	38
2.2. Sequências discursivas de Acordo	44
2.3. Atos de Conselho	53
2.4. Sequências discursivas de desacordo e Atos de Ameaça	57

2.5. Atos de Agradecimento	67
2.6. Atos de Convite	71
2.7. Atos de Oferta	80
2.8. Atos de Elogio.....	83
2.9. Atos de Discurso em Interação: O Contexto <i>Online</i>	100
3. Síntese dos Marcadores Discursivos Utilizados no <i>Corpus</i>.....	110
3.1. Análise dos Resultados	114
Capítulo IV - Conclusões	117
1. Conclusões.....	118
Bibliografia e Webbibliografia	121
Anexos.....	133

CAPÍTULO I – PROBLEMÁTICA DE PARTIDA

1. PROBLEMA DE PARTIDA

Ao verificar-se que o *facebook* é um meio de comunicação com cada vez maior adesão entre as mais variadas faixas etárias, o problema que se coloca é:

Quais as práticas discursivas utilizadas no facebook que permitem manter a interação verbal sempre ativa? Como se realiza o trabalho de figuração no facebook? Como se organiza a “sintagmática conversacional¹” nesta rede social?

2. OBJETIVOS E ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

2.1. OBJETIVOS

Com este tema de dissertação pretende-se provar que:

- a comunicação, no *facebook*, é caracterizada pelo verbal e não verbal;
- as propriedades dos símbolos comunicacionais utilizados pelos interlocutores são importantes suportes para a interação verbal;
- nas redes sociais, as práticas discursivas não são isentas de problemas;
- nas redes sociais, há um trabalho de *figuração* que visa o equilíbrio interacional entre os interactantes.

2.2. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Apresentados os objetivos importa formular as hipóteses.

2.2.1. HIPÓTESES

A presente investigação apresenta uma componente empírica sustentada nas seguintes hipóteses:

¹Sobre a sintagmática conversacional, Kerbrat-Orecchioni (1998: 193) realça que “(...) une conversation se présente donc comme une succession de tours de parole. Or il est évident que cette succession n’est pas régie seulement par les règles d’alternance qui viennent d’être envisagées, mais aussi par des règles de cohérence interne (ou “cohésion”: une conversation est une organisation qui obéit à des règles d’enchaînement syntaxique, sémantique et pragmatique...”

Hipótese 1: as interações comunicacionais, no *facebook*, apresentam características específicas destes contextos interacionais e interlocutivos;

Hipótese 2: os símbolos comunicacionais utilizados são complementos importantes para manter o equilíbrio das faces do(s) locutor(es) e do(s) alocutário(s);

Hipótese 3: nestas práticas discursivas existem situações em que as sequências de abertura do(s) locutor(es) não têm resposta;

Hipótese 4: as estratégias de delicadeza e os atos valorizadores da face (potencialmente não ameaçadores) são muito importantes para a manutenção das interações verbais nas redes sociais.

2.2.2. POPULAÇÃO E AMOSTRA

A amostra é constituída por uma população internauta portuguesa que frequenta o *facebook*, se conhece presencialmente, interage e partilha os mesmos locais de trabalho, estudo e diversão. Esta engloba jovens do sexo masculino e feminino na faixa etária dos vinte anos. A sua escolaridade oscila entre o 12º ano e a frequência do ensino superior.

2.2.3. RECOLHA DE DADOS

A recolha de dados foi efetuada durante o ano de 2011 no *facebook*, em várias páginas de interação verbal sobre temáticas diversas. Todas as identificações dos participantes foram retiradas por questões éticas tendo sido utilizada uma codificação simples para cada interactante (L1, L2...). A análise tem exclusivamente por base o estudo das produções discursivas em contexto interlocutivo neste contexto *online* específico e o falar em interação que aí ocorre.

3. DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

A sociedade atual apresenta várias formas de comunicação, para além das tradicionais.

O *Facebook* é uma das redes sociais que o Homem utiliza com cada vez maior frequência e tornou-se tão importante e poderoso que, inclusivamente, facilita manifestações políticas e sociais. Verifica-se que os seus utilizadores, através de mensagens escritas, recorrem a esta rede social para abordar os mais variados assuntos. Sendo tendencialmente curtas e assíncronas, também se revestem de representações iconográficas e códigos verbais.

Assim, o objeto de estudo desta dissertação é constituído por interações conversacionais no *facebook* cujas proposições podem apresentar símbolos comunicacionais (representações iconográficas e códigos que destacam o não verbal com símbolos que representam aspetos que dizem respeito à comunicação paraverbal).

4. ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

O presente trabalho é composto por quatro capítulos, com subsecções, de organização gradativa, *i.e.*, faz-se um percurso do geral para o particular, na tentativa de delimitação, de especificação e aprofundamento das questões.

Na sequência da apresentação e delimitação do trabalho, efetuadas neste Capítulo I, o trabalho desenvolve-se em duas partes. Uma de caráter teórico e outra de caráter prático, relativa ao estudo realizado.

Da parte teórica consta o Capítulo II, onde é feita a Revisão da Literatura relativa ao processo de comunicação.

O Capítulo II, denominado Fundamentação Teórica, aborda o estudo desenvolvido por vários autores tanto no campo dos atos de discurso como da comunicação eletrónica e apresenta a constituição/delimitação do *corpus*.

O Capítulo III é dedicado às Práticas Discursivas no *Facebook* enquanto contexto cibernético. Tendo como base de trabalho interações verbais no *facebook*, proceder-se-á à identificação e análise:

- do tipo de atos de discurso a que os internautas recorrem;
- dos códigos de comunicação eletrônica utilizados e da influência que os mesmos podem ter na manutenção da interação verbal;
- das dificuldades comunicacionais que possam surgir e do modo como se realiza a gestão das trocas interacionais em termos de resolução de conflitos que ocorram.

Num outro ponto far-se-á um levantamento dos marcadores discursivos utilizados e da sua função nas formas de interação, assim como de uma análise dos resultados.

Por último surge o Capítulo IV que integra as conclusões do trabalho desenvolvido.

CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. INTRODUÇÃO

O presente capítulo visa analisar práticas discursivas patentes nas redes sociais. Assim, para uma melhor compreensão dos atos discursivos, torna-se primordial enquadrar uma fundamentação teórica baseada nos autores que tiveram um papel fundamental nesta temática.

Neste sentido começar-se-á por apresentar a teorização de Joaquim Fonseca (1991) sobre o discurso e a sua heterogeneidade. Em seguida será explanada a reflexão de Austin [1977] (1989) sobre ato constativo e performativo, assim como a necessidade de ultrapassar esta dicotomia recorrendo às “condições de felicidade” que subjazem à realização dos atos de discurso. Posteriormente, far-se-á uma análise, em contextos diversificados, do valor indireto dos atos de discurso partindo do implícito e do funcionamento das implicaturas conversacionais formuladas por Paul Grice (1975;1989), assim como da taxonomia de John Searle sobre atos ilocutórios (1971; 1972; 1984; 1989; [1979] 2002). A esta fundamentação acresce relevar o estudo de Gilles Fauconnier (1981) sobre atos de fala indiretos em que o falante emite uma frase, quer significar o que diz, mas também quer significar algo mais. Além destes autores importa não descurar os seguintes autores: Erving Goffman (1973; 1993) e o estudo da linguagem na interação social através do estudo do que designou “trabalho da face” ou *face-work*, reportando-se a momentos eufóricos e disfóricos do ato comunicacional e a determinados preceitos sociais (*atenuadores*) para que se mantenha o equilíbrio comunicacional das faces do locutor e do alocutário; a teorização de Brown e Levinson (1986) que analisaram, classificaram e elencaram as estratégias de delicadeza; os estudos de Kerbrat-Orecchioni (1986; 1987; 1990; 1992; 1994; 1999; 2002; 2005; 2007; 2010) que contribuíram para um melhor conhecimento da interação verbal enquanto necessidade de manter o equilíbrio das faces e atenuar possíveis conflitos. Finalmente serão relevados, entre outros, os estudos de Michel Marcoccia (2000; 2002; 2003; 2004; 2007; 2012) que, agregando aspetos da Sociolinguística Interacional e da Análise Interacional francesa, abordam a interação verbal nas redes sociais e procedemos à relação destes estudos com os de autores vários da área da Análise Conversacional como Norrick (2008), da Análise do Discurso, no sentido lato, como Sara Mills (2009) e, no cruzamento da Psicologia Social e da Psicolinguística, referiremos os trabalhos de Raymond Gibbs (2012).

Teremos por base a afirmação de Kerbrat-Orecchioni (2010: 90) que defende o “ecletismo metodológico” na análise do discurso em interação.

“(...) This eclecticism is justified by the fact that discourse, and more especially discourse-in-interaction, functions on different levels which are both distinct and articulated (management of turns-at-talk, semantic-pragmatic coherence of the dialogue, global as well as local organization, face-work and ritualistic constraints), one same item working simultaneously on several levels”.

Contudo integrar diferentes metodologias de análise comporta riscos. Para evitar esses riscos devemos utilizá-las enquanto forem compatíveis e adaptadas ao objeto e objetivo da descrição. Assim,

“(...) for what happens in interactions, it is often desirable – and indeed in some cases even essential – to include theoretical propositions from different paradigms (for exemple, we cannot do without the notion of speech act to describe the sequential organization of a conversation or the notion of face-work to describe preference organization” (Kerbrat-Orecchioni, 2010: 90).

2. ATOS DE DISCURSO

Os atos de discurso² ou atos de fala são unidades de análise que surgiram com a Filosofia Analítica. Os seus precursores foram Wittgenstein (1958) e Austin (1962) ao verificarem que a linguagem cria mundos imaginários e reais, institucionalizando papéis sociais. Deste modo, “(...) dizer é fazer, isto é, o locutor³ em interacção com o alocutário⁴ age sobre ele, modificando-o nos seus estados epistémicos, comportamentais e emocionais” (Almeida, 1998: 1). Esta interação locutor-alocutário confirma a natureza

²Segundo Alain Berrendonner, estes atos obedecem a determinadas leis que constituem “(...) un corps de prescriptions normatives, qui réglementent l’usage du langage par les individus, c’est-à-dire astreignent leurs énonciations à des sanctions diverses, en fonction de leurs conditions de contexte, notamment institutionnelles et interpersonnelles. À ce titre, elles apparaissent d’abord variables d’un sujet à l’autre...” (Berrendonner, 1981: 29).

³De acordo com Oswald Ducrot, o locutor é “(...) un être qui, dans le sens même de l’énoncé, est présenté comme son responsable, c’est-à-dire comme quelqu’un à qui l’on doit imputer la responsabilité de cet énoncé. C’est à lui que réfèrent le pronom *je* et les autres marques de la première personne...” (Ducrot, 1984: 193).

⁴Segundo Oswald Ducrot *et alii* (1980: 35), “(...) l’allocutaire est désigné, sauf dans le discours rapporté en style direct, par les pronoms et les marques de la deuxième personne, ainsi que par différents procédés d’interpellation analogues au cas vocatif du latin.”

comunicativo-interativa da língua e do discurso, assim como da sua heterogeneidade⁵. Joaquim Fonseca (1991: 291-292) refere que a heterogeneidade inscrita no discurso converge com a denominada heterogeneidade enunciativa e que esta apresenta dois subdomínios: tomada como conjugação de vozes que se dão a ouvir ou se fazem ouvir no discurso; perspectivada como conjunção ou junção de vozes no discurso. Quanto ao primeiro subdomínio, este apresenta dois grandes eixos: o eixo do discurso como unidade global dominada pela correlação EU-TU, ou seja, Locutor e Alocutário; o segundo, o eixo dos «discursos no discurso», isto é, do encaixe ou da irrupção no discurso de um dado Locutor⁶ de outras enunciações, outros discursos/discursos de Outros. O seu significado é tanto de uma retoma explícita através da qual o Locutor dá explicitamente a vez a outras vozes como, ao mesmo tempo, menciona e usa, adotando em relação a elas diferentes atitudes. No que concerne à retoma implícita é de salientar os ativadores de pressuposição e os de implicaturas conversacionais e convencionais, assim como os morfemas argumentativos.

A atualização destes elementos no discurso⁷ transporta uma vincada plurivocidade: o Locutor fala, mas a sua voz retoma ou responde a outra ou outras. Em suma “(...) parece claro que o discurso nos surge como o espaço onde várias vozes se orquestram, apoiando-se ou degladiando-se, num jogo interlocutivo e interactivo diversificado” (Fonseca, 1991: 294).

Perante esta heterogeneidade no discurso⁸, e a partir do levantamento de um conjunto de atos de fala elaborado por Wittgenstein, (tais como prometer, oferecer, ameaçar), Austin [1977] (1989) identificou, inseridos nos contextos de utilização, num primeiro

⁵ Kerbrat-Orecchioni (1986: 65) refere que esta heterogeneidade se manifesta “(...) dans la cohabitation, au sein d’un même énoncé, des contenus propositionnels et des valeurs illocutoires, mais aussi dans celle des contenus dénotés et connotés, littéraux et dérivés, explicites et implicites...”

⁶ Por exemplo, cf. a seguinte afirmação de Oswald Ducrot: “(...) le locuteur, désigné par *je*, peut être distinct de l’auteur empirique de l’énoncé, de son producteur – même si les deux personnages coïncident habituellement dans le discours oral. Il est en effet des cas où, d’une façon presque évidente, l’auteur réel a peu de rapport avec le locuteur, c’est-à-dire avec l’être présenté, dans l’énoncé, comme celui à qui l’on doit s’en prendre de l’occurrence de l’énoncé” (Ducrot, 1984: 193-194).

⁷ É importante não esquecer que, segundo Alain Berrendonner, as leis do discurso são “(...) au moins partiellement, intégrables avec d’autres systèmes de normes, qui réglementent les actes non verbaux, accomplis gestuellement, sans le secours du langage (règles de politesse, stratégies sociales, etc)” (Berrendonner, 1981: 29).

⁸ Cf. a seguinte afirmação de John Gumperz: “L’analyse conversationnelle démontre qu’on ne peut pas considérer le discours comme une simple séquence de phrases sémantiquement indépendantes les uns des autres. Le discours est composé d’événements de langage, c’est-à-dire de séquences de mouvements et de contre-mouvements liés entre eux, chaque événement étant marqué par un début, un milieu et une fin, de sorte que l’organisation temporelle des arguments et du changement de locuteur détermine ce qui est possible de dire et la manière de l’interpréter. Cette dépendance organisationnelle permet aux participants de guider le cours de l’interaction et de se donner les conditions d’une interprétation” (Gumperz, 1989: 126).

momento da sua teorização, os enunciados performativos e constativos. Contudo, afirma que não existem critérios seguros e considera que, para ser performativo, o enunciado deve apresentar várias características: o verbo deve estar na primeira pessoa do singular do Presente do Indicativo; na voz ativa ou na voz passiva, deve nomear a performance de fala e o seu performador. Ou seja, tem de constituir um ato em si mesmo e o enunciado ser atribuído a quem tem autoridade para o proferir. Outro domínio onde se podem produzir enunciados performativos é no campo do compromisso relativamente à pessoa do locutor: Exemplos: “*juro*”; “*prometo*”. No campo do implícito, dos gestos, da entoação e do contexto também podem surgir performativos.

Austin [1977] (1989) sugere o imperativo como outra hipótese de formular performativos. Contudo, Benveniste (1992) explica que o imperativo não é um performativo, pois apresenta outras particularidades: não é denotativo, não visa comunicar um conteúdo, caracteriza-se como pragmático e pretende agir sobre o alocutário, intimar-lhe um comportamento.

Segundo Austin [1977] (1989: 44-48), os enunciados performativos podem ser descritos a partir de critérios de infelicidade. Estes baseiam-se em falhas contextuais que podem comprometer a correta realização de um enunciado performativo. Essas falhas podem ser de índole diversa (nulidade, falta de sinceridade, quebra de compromisso, o enunciado ser tornado público sob pressão ou acidentalmente, sofrer de insuficiência sintática ou de incompreensão, surgir num contexto inadequado), dependendo fundamentalmente de qual (ou quais) das seis⁹ condições necessárias reguladoras do funcionamento dos performativos é que é (ou são) violada(s) aquando da enunciação.

Quanto às asserções (perspetivados, inicialmente, como atos constativos), Austin [1977] (1989) considera que têm “(...) a propriedade de serem verdadeiros ou falsos” (*Idem*: 43). Além destas também lhes aponta a característica de poderem ser absurdos por vários motivos, como, por exemplo, a deficiência sintática. O filósofo apresenta três maneiras ainda mais subtis de um enunciado ser absurdo: na pressuposição¹⁰, no dar a

⁹Carlos Gouveia (1996: 387) sintetizou as seis condições. 1ª: é necessária a existência de uma atitude comportamental convencional, assim como o seu efeito. Além disso, parte dessa atitude deve ser enunciada por falantes específicos em circunstâncias específicas; 2ª: os falantes e as circunstâncias devem ser os apropriados; 3ª e 4ª: a atitude deve ser assumida correta e completamente por todos os participantes; 5ª o falante que assume a atitude e que participa no ato deverá assumir os pensamentos ou os sentimentos a ela associados; 6ª a coerência deve ser uma constante.

¹⁰Kerbrat-Orecchioni (1986b: 25) definiu os pressupostos como “(...) toutes les informations qui, sans être ouvertement posées (*i.e.* sans constituer en principe le véritable objet du message à transmettre), sont

entender e no implicar. Também refere a possibilidade de, no campo do nulo, se fazer uma asserção ou promessa, se anunciar que não se acredita ou que não se tem a intenção. Além disso, sugere que formular um enunciado constativo pode compreender um ato: o ato de afirmar.

Com as condições de felicidade¹¹ prova-se que as fronteiras traçadas entre performativos e constativos são facilmente desfeitas, chegando-se à conclusão de que também as afirmações, enunciados constativos por excelência, são passíveis de ser analisadas de acordo com as condições de felicidade próprias dos performativos. Ou seja, os enunciados constativos são casos particulares dos performativos, pois “(...) se a enunciação de uma promessa é um acto performativo, a enunciação de uma afirmação também o é, se bem que de tipo diferente” (Gouveia, 1996: 388).

Atente-se nos seguintes exemplos:

(1) (a) Prometo que te trago o livro amanhã.

(b) Trago-te o livro amanhã.

A única diferença existente entre (1a) e 1 (b) está na estrutura sintática. Enquanto (1a) mostra a ação que está a ser realizada, através do verbo *prometer* (na primeira pessoa do singular do Presente do Indicativo da voz ativa), em 1 (b) recorre-se a fatores paralinguísticos e contextuais. Têm em comum o facto de realizarem uma promessa. Perante isto, os enunciados do tipo (1a) são denominados de enunciados performativos explícitos¹² e os do tipo (1b) de enunciados performativos primários. Assim, quando alguém profere um enunciado performativo primário, este pode ser transponível para um enunciado performativo explícito¹³.

A partir destes exemplos também se pode inferir que estes enunciados contêm a possibilidade de serem caracterizados como a realização de um ato locutório¹⁴ (em que

cependant automatiquement entraînées par la formulation de l'énoncé, dans lequel elles se trouvent intrinsèquement inscrites, quelle que soit la spécificité du cadre énonciatif”.

¹¹ Esta perspetiva é contestada por Alain Berrendonner (1981: 29): “(...) tout locuteur ne souscrit pas aux mêmes normes, et il y a là un champ de variation grossièrement méconnu: toutes les considérations faites à ce jour sur les «conditions de félicité» des actes de langage, par exemple, supposent une réglementation uniforme et inflexible, ce qui est loin d'être le cas”.

¹² Oswald Ducrot (1984: 201) recusa esta teoria do performativo explícito ao realçar que a mesma “(...) [elle] laisse entendre qu'il est possible d'effectuer un acte illocutoire par le simple fait qu'on asserte explicitement qu'on l'effectue.”

¹³ Kerbrat-Orecchioni (1986b: 61) acrescenta que “(...) son énonciation vient toujours d'une certaine manière modifier la situation interlocutive, et/ou les dispositions affectives des interactants, et/ou la compétence encyclopédique du récepteur, qui se trouve illocutoirement chargé”.

¹⁴ Segundo Alain Berrendonner, o ato locutório compreende “(...) l'activité phonatoire, l'activité de combinaison syntagmatique par laquelle le sujet parlant assemble les mots en phrases, et, au plan

se diz a frase), de um ato ilocutório (executado na fala) e de um ato perlocutório (que provoca um efeito no alocutário¹⁵ influenciando os seus sentimentos ou pensamentos). Segundo Austin [1977] (1989), os três tipos de atos ocorrem na realização completa de um ato de fala. Contudo, quando o filósofo procura definir o ato ilocutório como uma atividade semântica fundada na noção de valor e insiste na necessidade de distinguir o valor do significado, não consegue indicar qual é a diferença entre estas duas noções¹⁶. Alguns dos verbos e expressões verbais associados aos atos ilocucionários são os seguintes: declarar, afirmar, descrever, advertir, observar, comentar, ordenar, solicitar, criticar, pedir desculpa, aprovar, dar as boas-vindas, prometer, expressar aprovação e lamentar. Sobre esta questão, Searle [1979] (2002: 3-11) formulou uma taxonomia dos atos ilocucionários baseada na sintaxe de uma língua natural como o inglês e apresentou doze dimensões de variação para provar que os atos ilocucionários diferem uns dos outros quanto:

1. ao propósito do ato;
2. à direção do ajuste entre as palavras e o mundo;
3. aos estados psicológicos expressos;
4. à força ou vigor com que o propósito ilocucionário é apresentado;
5. ao estatuto ou posição do falante e do ouvinte, no que concerne à força ilocucionária da emissão;
6. ao modo como a emissão se relaciona com os interesses do falante e do ouvinte;
7. às relações com o resto do discurso;
8. ao conteúdo proposicional em que as diferenças são determinadas pelos dispositivos indicadores da força ilocucionária;
9. aos atos. Ou seja, devem sempre ser atos de fala e os que podem, mas não precisam, ser realizados como atos de fala;
10. aos atos que requerem e os que não requerem instituições extralinguísticas para a sua realização;

sémantique, l'activité qui consiste à construire un sens représentatif d'une certaine référence, c'est-à-dire à mettre en oeuvre la fonction dénotative du langage..." (Berrendonner, 1981: 14).

¹⁵Joaquim Fonseca (1991: 295) reforça esta perspectiva ao afirmar que o discurso "(...) só se consuma como objecto mediador de intersubjectividade quando o Alocutário dá mostras, explícita ou implicitamente, de que foi atingido nos seus estados cognitivos, passionais ou comportamentais."

¹⁶Alain Berrendonner (1981: 16-17) considera que "(...) l'innovation d'Austin est une sorte de produit instable, qui tend perpétuellement à basculer, si on le soumet aux rigueurs d'une définition plus opératoire..."

11. aos atos em que o verbo ilocucionário correspondente tem um uso performativo e aqueles em que isso não acontece;
12. ao estilo de realização do ato ilocucionário.

Também realçou que existe uma distinção entre verbos ilocucionários e atos ilocucionários.

Austin (1962), embora de forma experimental, classificou os atos ilocucionários em cinco categorias básicas: veriditivos, expositivos, exercitivos, comportativos e compromissivos. Contudo, a esta classificação foram apontadas várias críticas:

“(…) há uma confusão persistente entre verbos e actos, nem todos os verbos são verbos ilocucionários, há demasiada sobreposição entre categorias, muitos dos verbos catalogados nas categorias não satisfazem a definição dada para a categoria, e, o que é mais importante, não há princípio consistente de classificação” (Searle, [1979] 2002:18).

Para colmatar estas lacunas, Searle [1979] (2002: 19-31) apresentou a sua taxonomia dos atos ilocutórios constituída por seis tipos: assertivos, diretivos, compromissivos, expressivos, declarativos e declarações assertivas.

Atentemos nesta classificação:

- Assertivos - o propósito dos membros da classe assertiva é o de comprometer o falante (em diferentes graus) com a verdade da proposição expressa. Todos os membros da classe assertiva são avaliáveis na dimensão de avaliação que inclui o verdadeiro e o falso. Exemplos: afirmar, negar, informar, responder, jurar, avaliar, concluir, admitir, confirmar, criticar, louvar.

-Diretivos - os atos ilocutórios diretivos têm como objetivo levar o alocutário a realizar uma ação futura, verbal ou não verbal, e subdividem-se em atos ilocutórios diretivos de resposta física e atos ilocutórios diretivos de resposta verbal¹⁷. Para além destes, outros dois grupos existem que com estes se entrecruzam: os atos de ação explícita e os atos de informação. Os primeiros são:

“(…) os actos em que a acção verbal ou física, que o locutor quer ver praticada pelo alocutário é expressa pelo próprio locutor no seu enunciado, como acontece com os pedidos, com as ordens, com os convites, com as exortações e com as súplicas” (Gouveia, 1996: 395).

Os segundos representam:

¹⁷David Rodrigues (2003: 241-242) refere que a estes se devem acrescentar os atos ilocutórios diretivos de *resposta mista*, isto é, resposta física e verbal ao mesmo tempo.

“(...) os actos em que a acção verbal executada pelo alocutário permite ao locutor conhecer algo que até aí desconhecia e que, portanto, não está expressa no conteúdo proposicional do seu enunciado, como acontece com as perguntas” (Gouveia, 1996: 395).

Temos como exemplos de atos diretivos pedir, ordenar, suplicar, convidar, desafiar, aconselhar, permitir, proibir.

-Compromissivos - são atos ilocucionários cujo propósito é comprometer o falante (em graus variáveis) com alguma ação futura. Exemplos: prometer, comprometer-se a, jurar fazer algo, aceitar fazer algo, ameaçar fazer algo, recusar¹⁸.

-Expressivos - o propósito ilocucionário deste tipo é o de expressar um estado psicológico, especificado na condição de sinceridade sobre um estado de coisas e presente no conteúdo proposicional. Nos expressivos não há direção do ajuste, pois “(...) ao realizar um expressivo, o falante não está tentando fazer com que o mundo corresponda às palavras, nem está tentando fazer com que as palavras correspondam ao mundo; pelo contrário, a verdade da proposição expressa é pressuposta” (Searle, [1979] 2002: 23). São exemplos destes últimos atos como agradecer, dar os parabéns, felicitar, dar os pêsames, pedir desculpa, dar as boas-vindas, lamentar.

-Declarações - o seu objetivo ilocutório consiste em fazer com que o universo em referência coincida com o conteúdo proposicional do enunciado, trazendo um novo estado-de-coisas à existência. Ou seja, “(...) deve existir também uma instituição extralinguística, e tanto o falante como o ouvinte devem ocupar lugares especiais no interior dessa instituição”(Searle, [1979] 2002: 28). São exemplos deste último, atos de discurso como nomear alguém para um cargo, declarar aberta uma sessão, declarar alguém culpado/inocente, demitir-se de um cargo, despedir alguém do emprego, batizar, excomungar. O autor esclarece, no entanto, que há duas exceções: as declarações sobrenaturais (Exemplo: «Faça-se luz») e as declarações que dizem respeito à própria linguagem (Exemplos: “Eu defino/abrevio/intitulo”).

- Declarações assertivas - partilham com os assertivos uma condição de sinceridade e o objetivo ilocutório, mas partem de uma verificação dos dados da realidade.

Carlos Gouveia refere a este propósito que as declarações assertivas se baseiam nesta verificação extralinguística:

“(...) sendo essa verificação o factor ou condição que determina a força ilocutória declarativa, a qual é facultada pela posição do locutor no seio de

¹⁸ Pinto de Lima (2007: 48) insere a recusa no âmbito dos comissivos ou compromissivos.

uma instituição específica, ou pelo tipo de relação social que mantém com o alocutário” (Gouveia, 1996:400).

São exemplos desta classe: “É imperioso treinares quatro horas por dia” – disse o técnico; “Esta disposição é ilegal” – afirmou o advogado.

Ora se todos estes tipos de ações são atos de fala (ou atos linguísticos) também podem ser indiretos. Segundo John Searle, os “(...) casos mais simples são aqueles em que o falante emite uma sentença e quer significar exacta e literalmente o que diz” (Searle, [1979] 2002: 47). No entanto existem casos de significação mais complexos: aqueles em que se recorre a alusões, insinuações, ironias e metáforas¹⁹, etc. Ou seja, o falante emite uma frase, quer significar o que diz, mas também quer significar algo mais²⁰.

Exemplo:

(2) Pode dizer-me as horas?

Ao enunciar (2) o locutor não está apenas a realizar uma pergunta está, fundamentalmente, a fazer um pedido. Claro que nunca pode ser entendido como uma pergunta:

“(...) o locutor pretende que o seu alocutário reconheça não só que ele lhe fez um pedido, como também que teve a intenção de lho fazer, ainda que sob a forma de uma frase²¹ interrogativa com conteúdo proposicional diferente daquele que o pedido comporta” (Gouveia, 1996: 401).

Verifica-se, a partir destes enunciados, a importância do papel da convenção, de determinados princípios de comportamento social²², bem como “(...) the intentional and the conventional aspects and especially the relationship between them”(Searle, 1971: 190). Um desses princípios de comportamento linguístico é o chamado princípio de

¹⁹A estes casos de significação mais complexos pode acrescentar-se outro. Aquele em que a metáfora se torna o instrumento da ironia: “(...) c’est qu’elle remplit alors une fonction argumentative, et que la contradiction qui la fonde aboutit à conjoindre deux valeurs d’argument incompatibles” (Berrendonner, 1981: 186).

²⁰Nesta oposição está patente o significado explícito e implícito: “(...) l’explicite est le domaine des signifiés de la langue, marqués dans l’énoncé, parce qu’associés à certains signifiants par les règles structurelles du code verbal; l’implicite, au contraire, c’est toutes les significations occasionnelles qui sont manifestées dans chaque événement d’énonciation, par la rencontre d’une occurrence d’énoncé avec les conditions contextuelles, interpersonnelles, etc., de son énonciation, rencontre qui est régie par des règles tenant lieu de mode d’emploi des énoncés” (Berrendonner, 1981: 12).

²¹Oswald Ducrot (1984: 174) estabelece uma oposição entre enunciado e frase. Considera que a frase é “(...) un objet théorique, entendant par là qu’il n’appartient pas, pour le linguiste, au domaine de l’observable, mais constitue une invention de cette science particulière qu’est la grammaire.”

²²Tanto Locutor como Alocutário são, fundamentalmente, “(...) indivíduos histórica, social, ideológica, cultural e até situacional e biologicamente modelados e condicionados...” (Fonseca, 1991: 296).

cooperação, estudado por H. Paul Grice (1989), em função do qual as trocas conversacionais se estruturam discursivamente e que pode ser encarado como uma descrição global de outros princípios de comportamento linguístico que com ele se relacionam. Trata-se das chamadas máximas conversacionais, constituídas por quatro categorias principais de quantidade, qualidade, relação e modo. A primeira define que uma contribuição deve ser suficientemente informativa ou que não seja demasiado informativa. A segunda que se tente dizer a verdade, ou seja, não dizer aquilo em que não se acredita e que não possa ser provado. Na máxima de relação ou pertinência subsiste a necessidade de uma contribuição estar de acordo com o tema da conversação. Na última categoria considera-se importante a clareza naquilo que se diz, *i.e.*, deve ser evitada a obscuridade da expressão, assim como a ambiguidade, deve-se ser conciso e que o discurso seja ordenado. Tanto o princípio de cooperação como as máximas conversacionais²³ dão expressão ao conhecimento empírico pois, enquanto falantes, somos cúmplices uns dos outros na realização dos nossos objetivos ilocutórios. A eficácia comunicativa resulta, portanto, da exploração das máximas de conversação²⁴. Daqui se depreende que, que muitas vezes as ilocuções, bem como a intenção com que são produzidas, visam alcançar determinados efeitos, aquilo que se pode designar de objetivo perlocutório. Surtem determinados efeitos, pois acontece os falantes quererem, com os seus enunciados, dizer algo mais do que de facto dizem, realizando atos de fala indiretos. Todavia, o inverso também se verifica: os falantes quererem dizer menos do que de facto dizem²⁵.

Este “querer dizer” pode ser de sentido natural ou não-natural_(NN). No primeiro verifica-se que os fenómenos estão relacionados com os seus sintomas ou consequências. Exemplo: *A buzina do autocarro indica a partida*. O segundo, “querer dizer” de sentido não-natural_(NN), “(...) correspond au lien entre des contenus que les locuteurs veulent transmettre et les phrases qu’ils ont utilisées pour les transmettre”

²³ Paul Grice (1975) evidencia que, mesmo quando parece que as trocas conversacionais não respeitam o Princípio de Cooperação, os interlocutores cooperam sempre. O que acontece é que violam alguma das máximas conversacionais.

²⁴ “(...) Autrement dit, une stratégie d’interprétation reste en vigueur jusqu’à ce que quelque chose survienne dans la conversation qui fasse prendre conscience aux participants qu’un changement de stratégie est nécessaire. Les interprétations sont donc négociées, corrigées et altérées dans l’interaction et non communiqués de façon unilatérale” (Gumperz, 1989: 62-63).

²⁵ A estes fenómenos devemos acrescentar o trabalho de figuração que os interlocutores desenvolvem. “(...) Tal trabalho de figuração alarga-se, de resto, a outras componentes da organização e funcionamento dos discursos, pois neles operam constrangimentos rituais, ligados basicamente à face e ao território de cada falante, que convocam específicas normas sociais, como a cortesia, o tacto, a generosidade, a modéstia, a respeitabilidade...” (Fonseca, 1991: 286).

(Moeschler & Reboul, 1998: 3). Por exemplo, o enunciado *O quarto do Paulo está sujo e desarrumado* realizado por um locutor com a intenção de o levar a realizar um ato futuro de arrumação do quarto, implicando assim um pedido.

A partir destes exemplos pode-se inferir que existe uma íntima relação entre a noção de *querer dizer* e a noção de *intenção*:

“(…) a esta relação de sentido que se estabelece entre o que se diz com um enunciado e o que esse enunciado deixa dizer, dá-se o nome de pressuposição²⁶, a qual pode ser fundamentalmente de índole semântica ou pragmática²⁷” (Gouveia, 1996:405).

É importante realçar que, através das pressuposições²⁸, se convocam para o discurso outras vozes (polifonia)²⁹.

Além destas particularidades, os atos de fala indiretos³⁰ também abarcam o implícito³¹, *i.e.* os casos em que o falante, ao comunicar com o seu alocutário, apenas insinua o que quer dizer.

Exemplo:

(3) Ele é gordo, logo é infeliz.

A enunciação³² de (3) compromete o seu locutor quanto à verdade lógica de que o facto de a pessoa de quem está a falar *ser infeliz* decorrer da sua condição de ser gordo.

²⁶Segundo Isabel Margarida Duarte (2004: 293) as pressuposições e outros implícitos são estratégias discursivas utilizadas pelo locutor para, indireta e subrepticamente, impor determinadas ideias ou opiniões.

²⁷Cf. a seguinte afirmação: “(…) Les présupposés pragmatiques sont aux valeurs illocutoires ce que les présupposés sémantiques sont aux contenus propositionnels. Ils reçoivent en partage toutes les propriétés des seconds – en particulier, celle de pouvoir être refutés, ou commentés métalinguistiquement, et de prêter, (...) à un usage tropique” (Kerbrat-Orecchioni, 1986b: 37).

²⁸Procurando demonstrar o carácter polifónico da pressuposição, Oswald Ducrot (1984: 233) evidencia uma das suas características: “ (...) tout en prenant la responsabilité d’un contenu, on ne prend pas la responsabilité de l’assertion de ce contenu, on ne fait pas de cette assertion le but avoué de sa propre parole”.

²⁹Na sua teoria polifónica da enunciação, Oswald Ducrot (1984: 203) assinala uma primeira forma de polifonia quando identifica dois locutores distintos em caso de dupla enunciação “...phénomène rendu possible par le fait que le locuteur est un être de discours, participant à cette image de l’énonciation apportée par l’énoncé. La notion d’énonciateur (...) permettra d’en décrire une seconde forme (...) un dédoublement du locuteur (dont l’indice est le changement de référent du pronom *je*...”.

³⁰“(…) nos atos de fala indiretos, a intenção comunicativa tem de ser captada, não só ao nível do que é dito, como ao nível do que se quis dizer: há, portanto, um plano implícito a considerar” (Lopes, Pinto e Azeredo, 2006: 311).

³¹Os conteúdos implícitos incluem pressupostos e subentendidos. Contudo, Kerbrat-Orecchioni (1986b: 16-17) evidencia que tanto o conteúdo explícito como o implícito possuem uma ancoragem textual direta ou indireta, cujos suportes podem ser de natureza cotextual (envolvente verbal); paratextual (prosódica ou mimogestual) e contextual (referente que permite identificar o desfasamento entre o conteúdo literal e o denotado).

³²Para Oswald Ducrot (1984: 179), a enunciação tem um carácter momentâneo, pois “(…) c’est l’événement constitué par l’apparition d’un énoncé. La réalisation d’un énoncé est en effet un événement historique: existence est donnée à quelque chose qui n’existait pas avant qu’on parle et qui n’existera plus après.”

Além disso, também insinua que todos os gordos são infelizes. Ou seja, estas afirmações foram objeto de uma implicação ou implicatura e provam que “(...) l’implicature est ce qui est communiqué, dans la mesure et à proportion de ce qui est transmis est différent de ce qui est dit” (Moeschler & Reboul, 1998:6). Para Paul Grice (1989), as implicaturas podem ser de dois tipos: convencionais e conversacionais. As convencionais são determinadas por princípios de inferência que decorrem da própria estrutura do enunciado e do significado convencional das palavras. As não-convencionais ou conversacionais são implicaturas ligadas a certas características gerais do discurso e são calculadas em função do contexto conversacional em que ocorrem. Paul Grice (1975: 47) explica do seguinte modo:

“(...) there are, of course, all sorts of other maxims (aesthetic, social, or moral in character), such as ‘Be polite’, that are also normally observed by participants in talk exchanges, and these may also generate nonconventional implicatures. The conversational maxims, however, and the conversational implicatures connected with them, are specially connected (I hope) with the particular purposes that talk (and so, talk exchange) is adapted to serve and is primarily employed to serve”.

Assim depreende-se que as implicaturas conversacionais podem ser subdivididas em particulares e generalizadas e estão ligadas ao princípio de cooperação e às máximas conversacionais. Exemplos:

- (4) (a) Ontem, à noite, vi o João com uma mulher.
- (b) Ontem, à noite, vi o João com a mulher.

Partindo do princípio de que os intervenientes na troca conversacional sabem que o João é casado³³, o que o enunciado (4a) implica é que o locutor viu o João com outra mulher que não a sua esposa. Da comparação de (4a) com (4b), verifica-se que as implicaturas conversacionais generalizadas decorrem do uso de certas unidades linguísticas, estando a sua realização normalmente associada a esse uso; neste caso particular, do artigo indefinido por oposição ao artigo definido, com a consequente mudança de significado na palavra *mulher*.

³³ John Gumperz (1989: 69) salienta que na cooperação conversacional “(...) les participants doivent avoir au moins une vague idée des résultats attendus avant de s’engager dans une interaction. Lorsque les résultats virtuels ne font pas l’objet d’un accord entre les participants, ils doivent être négociés dans la discussion. L’information sur les buts de l’interaction doit être fournie avant qu’on ne dispose de tout ce qui permettrait de faire une description de séquences”.

Contudo, a estas implicaturas de Paul Grice podem apontar-se críticas³⁴. Embora as implicaturas conversacionais se baseiem em esquemas de inferência válidos, verificamos, na linha de Moeschler e Reboul (1998), que a verdade das suas premissas não pode ser logo garantida fora dos contextos interlocutivos. Não constituindo “inferências demonstrativas” (*Idem*: 12), estas implicaturas prestam-se a mal-entendidos e podem ainda ser anuladas:

“Dans cette mesure, les implicatures conversationnelles peuvent donner lieu à des erreurs ou à des malentendus et la théorie gricéenne permet de rendre compte tout à la fois du succès de la communication (et notamment de la communication implicite) et de son échec. Lors d’un échec de la communication, lorsqu’il y a eu un malentendu, l’implicature conversationnelle auquel le processus inferentiel a abouti est annulée. C’est donc une des marques des implicatures conversationnelles d’être annulables” (Moeschler & Reboul, 1998: 12).

Esta fundamentação teórica vai ao encontro do estudo de Goffman (1993: 66-72) sobre momentos eufóricos e disfóricos:

“(…) lorsque tous les participants d’un échange sont suffisamment pris ou engagés dans l’action, l’interaction peut être qualifiée d’euphorique. Dans la mesure où ils ne sont pas suffisamment impliqués, soit par manque d’intérêt soit parce que trop centrés sur eux-mêmes, l’interaction est dite dysphorique” (Goffman, 1993: 66).

Perante esta definição pode afirmar-se que todo e qualquer ato comunicacional tanto possui momentos eufóricos, como também pode apresentar picos de disforia. Para que estes últimos se verifiquem, as possibilidades são diversas³⁵. O autor refere as *faulty persons* nas quais insere as crianças que ainda não adquiriram a capacidade de manter uma conversa, os estrangeiros, o aspeto físico (pessoas com defeitos físicos, tiques, gaguez, mau hálito) e a diferença de estatuto social. Acrescenta que, por vezes, indivíduos considerados *acceptable individuals* podem, num curto período de tempo, serem *faulty*, pois“(…) un désordre temporaire du système sensoriel peut, pour quelque temps, empêcher quelqu’un de participer aussi facilement que d’habitude à un échange” (Goffman, 1993: 70). Ora qualquer um destes exemplos aponta para a possibilidade de o

³⁴ Por exemplo, no recurso às metáforas, a primeira regra de qualidade é violada, pois as palavras não podem ser compreendidas no seu sentido literal.

³⁵ Por exemplo, “(…) Quoique le chevauchement fasse partie integrante de l’interaction, la coopération conversationnelle exige que soit maintenue une synchronie interactionnelle, de sorte que les locuteurs ne puissent être interrompus n’importe quand. De plus, pour suivre la progression thématique d’une discussion et faire en sorte que leur propre contribution soit pertinente, les participants doivent être capables de reconnaître les types de raisonnement possibles” (Gumperz, 1989: 63).

sistema de inferências³⁶ poder falhar. Por exemplo, se os locutores não estiverem suficientemente empenhados, a ironia³⁷ colocada num ato de discurso pode não ser compreendida e verifica-se a disforia³⁸.

Também existe um princípio de comportamento social que tem reflexos a nível linguístico³⁹, quer no que respeita à dissimulação (por atenuação) da força ilocutória na estrutura sintática do enunciado, quer no que respeita ao modo como essa dissimulação tem efeitos no reconhecimento, por parte do alocutário, da ação que o locutor visa realizar. As regras de etiqueta, por exemplo, são regras que condicionam o comportamento social dos falantes, determinando o seu modo de estar perante a situação, em termos de formalidade. Nestas regras de etiqueta estão patentes a delicadeza e a cortesia. Contudo, enquanto princípios de comportamento social, têm os seus contrapontos no modo como o sujeito falante realiza as suas ações linguísticas. O princípio de delicadeza, nas trocas conversacionais, passa pela atenuação de certas forças ilocutórias por ação de mecanismos linguísticos, cuja inserção nos enunciados é determinada pela delicadeza do locutor. É este princípio de delicadeza que determina o uso de certos eufemismos em enunciados como (5), por oposição a enunciados como (6):

(5) A tia Teresa deixou-nos ontem.

(6) A tia Teresa morreu ontem.

No entanto verifica-se que o princípio de delicadeza, enquanto fator minimizador dos aspetos desagradáveis da ação realizada pelo locutor, se revela mais ativo na configuração de atos de fala indiretos, de que constitui, aliás, um dos suportes de realização, como se pode ver nos enunciados em (7) e em (8), proferidos por um professor para um aluno:

³⁶ Pode definir-se a inferência conversacional “(...) comme un processus d’interprétation situé, c’est-à-dire propre à un contexte, par lequel les participants déterminent les intentions d’autrui dans un échange et fondent leur propre réponse” (Gumperz, 1989: 55).

³⁷ Kerbrat-Orecchioni (1994: 57-58) ao analisar a ironia como uma *antífrase* incluiu-a no conjunto dos tropos, pois para a autora “(...) un trope se caractérise par la substitution, dans une séquence signifiante quelconque, d’un sens dérivé au sens littéral: sous la pression de certains facteurs co(n)textuels, un contenu secondaire se trouve promu au statut de sens véritablement dénoté, cependant que le sens littéral se trouve corrélativement dégradé en contenu connoté. Ce qui ne veut évidemment pas dire que les deux sens soient toujours hiérarchisables et de cette manière.”

³⁸ Isabel Margarida Duarte (2004: 296) acrescenta: “(...) para que locutor e alocutário se sintam parte de uma mesma comunidade de crenças e saberes é que este consiga perceber e descodificar a ironia presente no discurso daquele.”

³⁹ “(...) tout comportement verbal est régi par des normes sociales qui déterminent les rôles des participants, les droits et devoirs à l’égard d’autrui, les sujets de discussion autorisés, les façons de parler appropriées et les manières d’introduire l’information” (Gumperz, 1989: 69).

(7) (a) Lamento, mas não vi o seu teste.

(b) Não vi o seu teste.

(8) (a) Importa-se de se calar?

(b) Cale-se, por favor.

(c) Cale-se!

O enunciado (7b) não deixa dúvidas de que estamos perante um ato ilocutório assertivo; no entanto, a sua realização em (7a), determinada pelo princípio de delicadeza, *i.e.*, pela introdução da forma verbal de cortesia *lamento*, fá-lo passar por um expressivo.

É nos atos de ordem que o princípio de delicadeza mais se aplica e podem variar dentro de uma escala de delicadeza. Muitas vezes o locutor aplica-o na sua forma negativa, minimizando a indelicadeza dos atos mais ameaçadores das faces do alocutário. Assim, o locutor irá atenuar esses aspetos negativos, nomeadamente o aspeto coercivo que sempre acompanha a ordem⁴⁰.

Na língua portuguesa formas verbais como: *podia, poderia, é capaz de, importa-se de* (com utilização ou não de *por favor* ou *se faz favor*) são mecanismos linguísticos vulgarmente utilizados para atenuar os aspetos mais ameaçadores da face⁴¹ expressos nas ordens, que assim se assemelham à expressão de um desejo, tornando pouco transparente a força ilocutória do ato.

Atente-se nos exemplos:

(9) Podia calar-se?

(10) Não se importa de me deixar passar?

(11) Por favor, poderia chegar aqui?

Em síntese, como podemos verificar pela análise destes exemplos, perpassa no discurso uma relação de alocação, jogo de influência do locutor sobre o alocutário (Fonseca, 1992), um traço relevante do discurso em interação.

⁴⁰ David Rodrigues (2003: 243), referenciando o estudo de Isabel Casanova (1996: 430), defende haver dois grandes tipos de atos diretivos: a ordem e o desejo. A distinção reside na coercividade que acompanha a noção do primeiro, mas não do segundo. A coercividade é, por isso, o seu traço definidor.

⁴¹ Iremos analisar, mais à frente neste estudo, a teoria das faces de Erving Goffman.

Este traço relevante do discurso denota, precisamente, a intersubjetividade na linguagem (Benveniste, 1992).

2.1. A INTERSUBJETIVIDADE NO DISCURSO

Ao considerarmos que a subjetividade no discurso apresenta uma capacidade de o locutor se colocar como sujeito, ela também se pode definir “(...) comme l’unité psychique qui transcende la totalité des expériences vécues qu’elle assemble, et qui assure la permanence de la conscience” (Benveniste, 1992: 2).

Perante esta definição constata-se que a subjetividade é uma característica intrínseca ao discurso, pois a linguagem tem, entre outras propriedades, uma natureza imaterial, um funcionamento simbólico, um agenciamento articulado e um conteúdo. Contudo, a sua propriedade fundamental, na linha de Benveniste, est «ego» qui dit «ego». Ou seja, trata-se do fundamento da subjetividade que se determina pelo estatuto linguístico da pessoa.

Alguns dos elementos contributivos surgem na utilização dos pronomes pessoais, deícticos (demonstrativos, advérbios, adjetivos) e tempos verbais. A polaridade dos pronomes pessoais não significa igualdade nem simetria, mas sim complementaridade. Esta encontra-se no facto de se utilizar “eu” dirigindo-se a alguém que será o “tu” constituindo a condição de diálogo, o que implica que este “eu” passará a “tu” na alocução daquele que se designava de “eu”. Ao empregarmos os pronomes, aplicamos uma oposição interior/exterior e, em simultâneo, a reversibilidade. A expressão da temporalidade é outro fator de subjetividade. Como exemplo, pode evidenciar-se que, quer o discurso faça referência ao passado quer ao futuro, existe um fio condutor que é o presente, o tempo em que falamos: “(...) C’est là le moment éternellement «présent», quoique ne se rapportant jamais aux mêmes événements d’une chronologie «objective», parce qu’il est déterminé pour chaque locuteur par chacune des instances de discours qui s’y rapporte. Le temps langagier est *sui-référentiel* (Benveniste, 1992: 4).

A subjetividade é uma característica intrínseca da enunciação e a teoria enunciativa permitiu o alargamento do objeto de estudo em Linguística (Kerbrat-Orecchioni, 1986) com a análise dos contextos, a dimensão acional da linguagem com o estudo dos atos de discurso e o estudo das condições do uso e dos princípios que regulam o funcionamento

dos atos como o princípio da cortesia. Este último princípio apresenta uma grande diversidade de particularidades sobre a qual importa explicar, tendo por base uma fundamentação teórica alicerçada nos seus autores mais reconhecidos.

2.2. A CORTESIA LINGUÍSTICA: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE DELICADEZA

Sendo os atos de discurso constituídos, entre outros fatores, pela interação conversacional, verificamos que nela o ser social possui duas faces (face positiva e face negativa⁴²) e existem rituais, *i.e.*, todas as sociedades humanas comportam procedimentos de delicadeza⁴³ que permitem manter entre os interactantes um mínimo de harmonia e estabilidade, apesar dos riscos de conflitos inerentes a toda a interação. Estes procedimentos de delicadeza, fundamentados no modelo desenvolvido por Brown & Levinson (1978, 1987)⁴⁴ e Leech (1983)⁴⁵, foram classificados por Kerbrat – Orecchioni⁴⁶ (2002):

1. Delicadeza negativa para com a face negativa. Exemplo: um pedido de desculpa, por qualquer violação de território do eu (território corporal, espacial ou temporal; bens e reservas materiais ou cognitivas);
2. Delicadeza negativa para com a face positiva. Exemplo: a atenuação de uma crítica;
3. Delicadeza positiva para com a face negativa. Exemplo: a proposta de ajuda;
4. Delicadeza positiva para com a face positiva⁴⁷. Corresponde ao narcisismo e ao conjunto das imagens valorizadoras que os interlocutores constroem e tentam impor na interação. Exemplo: o elogio.

⁴² Dá-se o nome de *face* à imagem pública que o locutor pretende dar de si.

⁴³ Segundo Kerbrat-Orecchioni (2002), a delicadeza é um conceito que não é dotado de existência natural. As suas únicas realidades são ao nível lexical, referencial e conceptual.

⁴⁴ *Apud* Helena Carreira (1994: 107).

⁴⁵ *Apud* Helena Carreira (1994: 107).

⁴⁶ Helena Carreira (1994: 107-108) refere que Kerbrat-Orecchioni (1992) propõe três grupos de princípios para o estudo do sistema da delicadeza, de forma a não amalgamar “delicadeza” e “face”: princípios que regem o comportamento do locutor (relativamente a ele próprio e ao seu interlocutor); princípios relativos à delicadeza negativa *versus* positiva; princípios relativos à face negativa e à face positiva.

⁴⁷ “(...) Relèvent de la politesse positive les actes qui ont intrinsèquement un caractère anti-menaçant: manifestation d’accord, compliment, invitation, remerciement, etc” (Kerbrat-Orecchioni, 1992: 227).

Cada um destes tipos articula-se com princípios orientados para o alocutário (delicadeza no sentido restrito) e princípios orientados para o locutor. Os fatores, culturalmente marcados, que orientam as suas escolhas linguísticas, são a relação de poder, a distância social e o peso da imposição, ou seja, o grau de ameaça para a face (*Face Threatening Acts*).

Kerbrat-Orecchioni (2002) acentua que o modelo de Brown e Levinson (1978) se baseia nas noções de território (face negativa⁴⁸) e de narcisismo (face positiva). É a este trabalho das faces que Brown e Levinson designam de delicadeza. A sua originalidade consiste no cruzamento das teorias de Searle e de Goffman. O principal resultado deste cruzamento foi a noção de FTA (“Face Threatening Act=FTA”) ou atos ameaçadores do discurso e atos que valorizam as faces do interlocutor (“Face Flattering Act=FFA”). Esta classificação permite-nos constatar que numa interação verbal

“(…) a realização cortês de um FTA, como a realização de um FFA, constitui sempre um acto psicossocial complexo, onde se encontram sempre quatro faces em presença: a face positiva e negativa do alocutário, e a face positiva e a face negativa do locutor. Mesmo sabendo-se que os actos de cortesia se dirigem, em primeiro lugar e só objectivamente, às faces do alocutário e só indirectamente às faces do locutor” (Rodrigues, 2003: 255).

Brown e Levinson (1978) identificaram todas as espécies de noções e categorias descritivas anexas, como aquelas que compõem a panóplia de atenuadores⁴⁹ que a língua põe à disposição dos falantes, para que possam limar as arestas dos FTAs que aqueles são levados a cometer, tornando-as menos ameaçadoras para as faces dos interactantes. Inserindo-se na delicadeza negativa de natureza reparadora, Kerbrat-Orecchioni (1992: 200-233) organizou os atenuadores linguísticos em duas categorias que podem coocorrer no mesmo enunciado e cuja distinção, por vezes, é ténue: (i) procedimentos substitutivos de figuração que configuram a substituição de um elemento de formulação direta por outro que poderá tornar o ato de fala mais delicado; (ii) procedimentos aditivos de figuração que acompanham a formulação direta. Sobre a primeira categoria (i) enunciou uma divisão constituída por comutação, uso de desatualizadores e *tropos* diversos⁵⁰. Na segunda categoria, procedimentos aditivos de

⁴⁸ Véronique Traverso (1996: 37) explica que a face negativa “(...) correspond à l’espace personnel, à la zone dans laquelle l’irruption, ou la simple intervention d’autrui, peut constituer une ingérence. C’est l’espace à l’intérieur duquel les individus ont le droit d’agir sans avoir de comptes à rendre”.

⁴⁹ David Rodrigues (2003: 204-239) apresenta toda uma diversidade de modos e tempos verbais que funcionam como atenuadores, mediante determinados contextos.

⁵⁰ Os procedimentos substitutivos por comutação podem ocorrer de diversas formas: a) através da substituição de uma forma imperativa por uma forma interrogativa ou declarativa. Exemplo: Podias arrumar o teu quarto?; b) através da substituição de uma refutação por uma pergunta. Exemplo: Acreditas

figuração (ii), estabeleceu um conjunto de possibilidades que passam por enunciados de prefiguração, fórmulas reparadoras, desarmadores, minimização, adulação e modalização⁵¹. Nesta panóplia de atenuadores⁵², Kerbrat-Orecchioni (1994: 66-67) critica alguns que foram apresentados por Brown e Levinson. Por exemplo, considera que as suas argumentações na defesa da metáfora como atenuador são pouco sustentáveis. Sobre outros revela concordância. É o caso da litote⁵³, do eufemismo⁵⁴ e da hipérbole. C. Kerbrat-Orecchioni refere-se aos dois primeiros como excelentes atenuadores⁵⁵:

“(…) ces deux figures ont pour fonction commune et principale de tenter d’adoucir les FTAs que l’on est constamment amené à effectuer au cours du déroulement de l’interaction, et de désamorcer au moins partiellement ces menaces potentielles, afin de permettre à l’échange de se poursuivre sur un mode relativement pacifique”(Kerbrat-Orecchioni, 1994: 67).

verdadeiramente que...; c) da substituição de uma censura por uma asserção mais neutra. Exemplo: É chocante dizer que faltaste à tua palavra; d) a substituição de uma pergunta parcial por uma pergunta total. Exemplo: Não comes?; e) a substituição de uma correção por uma reformulação. Exemplo: Eu também parto amanhã – Ah bom, tu também partes amanhã? Note-se que o uso dos desatualizadores se evidencia com a negação nas interrogações (Não tem troco?), ou com o condicional (Poderias fechar a porta?), ou com o imperfeito (“Eu queria perguntar-te...”), ou com o uso da deixis pessoal (uso de: construções passivas, construções impessoais, do indefinido, comutação da segunda pela terceira pessoa, do “nós” inclusivo, da segunda pessoa pela primeira nos pedidos). Os *tropos* diversos surgem com a litote, o eufemismo, a ironia e o *tropo comunicacional* “(...) qui consiste à feindre d’adresser à A1 un énoncé qui est en réalité destiné à A2” (Kerbrat-Orecchioni, 1992: 212-213).

⁵¹ Os procedimentos aditivos de figuração podem ocorrer: a) em enunciados de prefiguração que acompanham pedidos (“Podes fazer-me um favor?”), perguntas (“Posso fazer-te uma pergunta indiscreta?”); críticas e objeções (“Posso fazer-te uma pequena crítica?”); convites (“Esta noite estás livre?”) e concessão de informação (especialmente quando não solicitada); b) em fórmulas reparadoras – desculpas e justificações; c) com os denominados desarmadores – reconhecimento do problema, contrição, apelo à indulgência e denegação do FTA; d) na minimização, como a averiguação da disponibilidade, explicitação da não-obrigatoriedade da solicitação e uso de uma frase ou morfema redutores; e) na adulação – um apelativo terno, um honorífico, uma expressão de benção e um elogio, como, por exemplo, “Minha flor, passa-me o sal”; f) com a modalização – verbal, adverbial, os *hedges* que procuram “(...) arrondir les angles d’une assertion pour lui donner des allures moins terroristes (et en même temps plus prudentes)” (Kerbrat-Orecchioni, 1992: 223) e os marcadores de hesitação como, por exemplo, “Tenho a impressão que...”.

⁵² Kerbrat-Orecchioni (1994: 68) também evidencia “(...) les vertus adoucissantes des énullages, énullages de mode ou de temps (conditionnel et passé de politesse), énullages de personne (voussoiement, ‘iloiement’ ou ‘noussoiement’)” assim como os eufemismos sintáticos que consistem em fingir dirigir um enunciado a A1 quando na realidade é dirigido a A2.

⁵³ Aparecendo com frequência na linguagem corrente, consiste numa atenuação de pensamento para significar mais do que o que se diz, e sugeri-lo assim mais intensamente. A afirmação é feita através da negação do seu contrário. É por esta razão que no cálculo dos subentendidos “(...) peuvent intervenir des lois de discours qui, comme la loi de litote, auront pour effet de doter l’énonciation d’une valeur argumentative dérivée” (Berrendonner, 1981: 196).

⁵⁴ Kerbrat-Orecchioni (1994: 67) refere que os vários tipos de eufemismo têm por função comum “(...) d’adoucir ou d’embellir la représentation de réalités déplaisantes – évocations dysphoriques, choquantes, ou ‘deshonnêtes’, qui vont à l’encontre de la bienséance, et risquent de blesser les oreilles délicates...”.

⁵⁵ David Rodrigues (2003: 209) inclui como atenuadores os circunlóquios, a indireção, as divagações, os rodeios. Para o autor inscrevem-se no conjunto das estratégias de cortesia negativa através das quais, por abstenção e/ou compensação se procura “atenuar” “o que de mal” ou “menos bom”, real ou aparente, fizemos, fazemos ou intendemos fazer ao nosso interlocutor, salvaguardando as suas faces, sem perder as nossas. Sempre condicionados e/ou influenciados pelos co(n)textos.

Quanto à hipérbole⁵⁶ considera que esta surge, sobretudo, “(...) dans les énoncés valorisants pour le destinataire (c’est un renforçateur d’anti-FTA, qui relève de la politesse positive” (Kerbrat-Orecchioni, 1994: 67) e exemplifica com o agradecimento que surge tendencialmente hiperbolizado. Exemplos: *infinitamente agradecida; mil vezes obrigada; eternamente agradecida*. Além da hipérbole, existem outros reforçadores que tanto podem ser usados para aumentar a indelicadeza de um FTA como para acentuar o carácter polido de um FFA⁵⁷.

Em suma, as figuras de retórica também podem ser excelentes auxiliares no trabalho de figuração⁵⁸. Carla Aurélia de Almeida (2009: 45) salienta que o trabalho de figuração (*face-work*) surgiu com o trabalho pioneiro de E. Goffman (1973) e com a noção de ritualização⁵⁹ das atividades discursivas que tem por base a clássica distinção entre “trocas confirmativas” e “trocas reparadoras”. Segundo a autora, Goffman (1973) procurou demonstrar que o encadeamento sequencial na conversação é regido por regras do sistema, mas também pela exigência dos constrangimentos rituais ou trabalho de figuração. Estes últimos são salientados da seguinte forma:

“(…) [os constrangimentos rituais] dizem respeito ao modo como cada indivíduo deve conduzir-se em relação a cada um dos outros de modo a não pôr em risco a sua própria pretensão tácita à respeitabilidade nem a dos outros a serem pessoas dotadas de valor social e que convém respeitar as diversas formas de territorialidade” (Goffman, 1973: 22 *apud* Almeida, 2009: 45).

Ou seja, à noção de FTA, deve-se acrescentar a de *face want*, pois todo e qualquer ser social tem o desejo de preservação das faces. Assim, as faces encontram-se constantemente divididas num jogo entre ameaças permanentes e desejo de preservação.

⁵⁶ O efeito argumentativo da hipérbole, segundo Alain Berrendonner (1981: 187), é o de “(...) apparemment, constituer des arguments *exagérés*, qui outrepassent la conclusion en faveur de laquelle on les emploie”.

⁵⁷ Kerbrat-Orecchioni (1992: 224-227) refere como principais reforçadores, no caso de FTAs: a) a formulação o mais brutal possível do ato. Exemplo: Ordeno-te que feches a porta!; b) a reduplicação do ato. Exemplo: Vai-te embora! Deixa-me em paz! c) os adjuntos intensificadores que podem ser de natureza prosódica, léxico-gramatical, retórica ou pragmática. Exemplos: aumento do volume vocal; advérbios (adjetivos, prefixos) com valor superlativo (*absolutamente, terrivelmente...*); hipérbole; ameaça; insulto; pressuposto e outros procedimentos de pejoração.

⁵⁸ De acordo com Sónia Santos Alves, podemos inferir que “(...) o grau de delicadeza de um acto dependerá portanto (i) da sua natureza intrínseca, pois um enunciado imperativo será mais ou menos polido conforme o lugar em que se situa no que Leech designou de “escala custo-benefício”, (ii) da natureza da sua formulação, *i.e.*, do facto de conter “atenuadores” ou “reforçadores” e (iii) da natureza da relação (...), que se define através dos factores “distância” e “relação de autoridade”, tal como se verifica no modelo de Brown e Levinson” (Alves, 2007: 74-75).

⁵⁹ O ritual é “(...) un acte formel et conventionnalisé par lequel un individu manifeste son respect et sa considération envers un objet de valeur absolue, à cet objet ou à son représentant” (Goffman, 1973 *apud* Traverso, 1996: 39).

É neste jogo verbal que se compreende o uso de mecanismos linguísticos específicos da mitigação dos valores ilocutórios mais ameaçadores para a face:

“(...) a calibragem das distâncias emotivas é parte integrante da competência comunicativa e conduz ao fenómeno da mitigação (*downgrading*). Conclui-se, assim, que o recurso aos mecanismos específicos linguísticos “mitigados” é fundamental nas relações humanas emotivas” (Figueiredo, 2006: 147).

Carla Aurélia de Almeida (2009) identifica possíveis atenuadores das interações verbais no quotidiano: o uso do diminutivo; as estratégias de minimização da força ilocutória dos atos de discurso; a construção de um discurso humorístico com a realização de risos (sinais do jogo mimético); a sequência de justificação como uma estratégia de mitigação e as estratégias de apelo ao consenso como a produção da *pergunta-tag*⁶⁰ que permitem a mitigação.

Sobre estes possíveis atenuadores que cada língua põe à disposição dos seus utilizadores, Kerbrat-Orecchioni (1992: 223-227) acrescenta-lhes algumas particularidades:

- os diferentes processos atenuadores são cumuláveis;
- os atenuadores têm também o seu lado negativo – os intensificadores (“*durcisseurs*”) dos FTAs – cuja panóplia de processos é semelhante e cuja função discursivo-textual consiste em reforçar o ato de discurso em vez de o amortecer, e de aumentar o seu impacto em vez de o atenuar;
- a utilização de atenuadores e intensificadores é, todavia, muito diferente: com exceção dos casos especiais de interações altamente agonais, os intensificadores negativos (“*durcisseurs*”) são muito mais raros e “marcados” do que os intensificadores positivos (“*adoucisseurs*”) no acompanhamento de um FTA, pelo menos. Porque, no caso dos FFAs, é precisamente o contrário que se verifica.

Em suma, nas práticas discursivo-textuais de quem fala ou escreve, a primeira função dos tratamentos cortesês é de natureza relacional. David Rodrigues (2003: 281) considera que ao usá-los os interactantes “negoceiam lugares”:

“(...)os interactantes estabelecem contactos, atribuem, reconhecem ou negoceiam lugares, no respeito mútuo pelas faces positivas e/ou negativas de cada um, conforme os co(n)textos em que se encontram e de que eles próprios também fazem parte e que podem alterar.”

⁶⁰ A *pergunta-tag* permite a mitigação da força ilocutória de atos de discurso específicos como a asserção (Almeida, 2009).

Porém, esta natureza relacional dos interactantes pode revestir-se de um carácter mais formal ou informal.

3. A CONVERSAÇÃO FAMILIAR

Nas práticas discursivo-textuais, a conversação familiar é uma das vertentes das interações verbais sobre a qual é pertinente refletir.

Para isso importa iniciar esta abordagem pelas especificidades da conversação que se caracteriza pela extrema liberdade e que, de acordo com Véronique Traverso, se pode definir como

“(…) un échange langagier à caractère réciproque, organisé par tours de parole dont l’alternance n’est pas pré-déterminée. La finalité de la conversation est interne et les participants y poursuivent un objectif commun. La conversation possède une temporalité particulière du fait qu’elle impose à chaque participant l’abandon de son temps individuel et ordinaire pour l’entrée dans un temps commun. Elle peut se dérouler en tout lieu mais affectionne les lieux permettant la meilleure proximité spatiale et psychologique. Elle fonctionne enfin sur la base d’une égalité de principe entre les participants” (Traverso, 1996: 11-12).

Quanto à estruturação de uma interação conversacional, Véronique Traverso (1996) refere que pode apresentar-se com

“(…) *une séquence d’ouverture* où l’on passe du silence à la parole, de l’isolement à la ‘communauté’; un ‘corps’ qui peut lui-même se découper en un certain nombre de séquences plus ou moins nombreuses et longues; une *séquence de clôture* qui consiste à fermer le canal” (Traverso, 1996: 18).

Contudo, nem sempre se detetam estas características na organização global das conversações. A particularidade das conversações familiares consolida esta afirmação, pois estas são “(…) fondées sur la relation, donc sur le passé, sur l’arrière, (...); fortement tournées vers le futur, et l’approfondissement du lien, c’est-à-dire vers l’avant...” (Traverso, 1996: 19).

A dimensão da relação entre os participantes depende do grau de conhecimento mútuo (relação cognitiva), da natureza do laço socioafetivo que os une e da situação comunicativa. Assim, segundo Kerbrat-Orecchioni, “(…) on parle d’une situation ‘familiale’ (vs ‘formelle’) lorsqu’elle produit sur l’interaction des effets analogues à ce

qui se passe quand les participants sont eux-mêmes familiers l'un de l'autre..."(Kerbrat-Orecchioni, 1992: 39).

Sobre o conceito de 'familiar', Véronique Traverso (1996: 13) atribui-lhe um sentido 1, no qual predomina a informalidade e a superficialidade, e um sentido 2 que partilha frequentemente as mesmas características, mas distingue-se da precedente por uma predominância do relacional e da cumplicidade assinalando a importância dos saberes e das experiências partilhadas.

À base de igualdade que se estabelece numa relação horizontal, podem anexar-se características de todos os níveis da comunicação. Por exemplo, ao nível verbal, há características específicas da organização estrutural da linguagem familiar:

"(...) dans l'organisation interactionnelle, une multiplication des tours inachevés, une plus grande tolérance aux chevauchements, aux 'blancs' et aux silences; un registre de langue relâché ou familier; dans l'organisation thématique, une extrême liberté quant aux enchaînements. Le caractère léger se manifeste aussi par une autre caractéristique, souvent présentée sous forme normative dans les guides de savoir-vivre: les thèmes sont (doivent être) peu développés, afin d'éviter la discussion et l'émergence des désaccords..." (Traverso, 1996: 13).

Também o tratamento por "tu" denota uma relação familiar e de solidariedade, como salienta Kerbrat-Orecchioni:

"(...) [tu]symbolise en effet mieux que toute autre forme une relation de familiarité (...) et/ou de solidarité – c'est-à-dire qu'il permet, en un double mouvement d'inclusion/exclusion, de circonscrire un groupe d'individus qui 'partagent' le 'tu' (membres d'un clan, d'une famille, d'un parti, etc.), ce 'tu' fonctionnant comme un ciment social qui soude efficacement l'ensemble communautaire..." (Kerbrat-Orecchioni, 1992: 45).

Sendo estes alguns dos traços que perpassam pela amostra discursiva em estudo, também interessa apresentar uma fundamentação teórica sobre práticas discursivas na comunicação eletrónica.

4. CARACTERIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NO *FACEBOOK*

Ao iniciarmos este subcapítulo, torna-se premente caracterizar a comunicação mediatizada pelo computador.

É de salientar o seu carácter assíncrono e, na linha de Michel Marcoccia (2003), é de relevar também o facto de estas interações serem o seguinte:

“(…) dispositifs hybrides de communication interpersonnelle de masse dans la mesure où ils permettent à la fois l’échange interpersonnel (A répond à B) et la communication de masse (A poste un message lisible par un nombre potentiellement illimité d’internautes)” (Marcoccia, 2003: 4).

Quanto ao carácter assíncrono, este pressupõe a existência de participantes, o envio de mensagens, a sua leitura e a resposta, ou não, às mesmas em momentos posteriores. Nesta perspetiva, tanto os participantes como as mensagens podem ser enquadrados de modo seguinte:

“(…) simple readers (or eavesdroppers), casual senders, and hosts. We can distinguish three levels in the production format: the transmitter (or animator) is the physical source of the message; the writer (or author) is the person who formulates the message; and the enunciator (or principal) is the participant to whose position the message attests. We can also distinguish several configurations of these production roles corresponding to several modes of participation (transmission, form, motive). Last, we can observe a three-party configuration of reception format: eavesdropper, favored recipient, and addressed recipient” (Marcoccia, 2004: 115).

Sobre a assincronia importa ainda referir que esta dinâmica interacional implica, por exemplo, que a manutenção verbal se pode caracterizar por respostas dadas várias horas ou dias depois da primeira comunicação e por participações indiretas de locutores não identificados que recorrem a códigos verbais como “Gosto” e/ou “Não Gosto”. Quando se verificam estes factos, constatamos o seguinte fenómeno discursivo apresentado por Marcoccia:

“(…) [it] disrupts the temporal dynamics of newsgroup interaction and makes the discussion structure more complex – viewing the overall global structures of conversations in a group, one can observe gaps between initiating and responding messages” (Marcoccia, 2004: 116).

Outro traço relevante é que as sequências interacionais, isto é, estruturas de vezes de elocução, são, maioritariamente, curtas.

Sendo comunidades virtuais alicerçadas na comunicação escrita são também consideradas comunidades da palavra. Para o confirmar Michel Marcoccia (2002) parte

da perspectiva teórica sociolinguística segundo a qual “(...) certains comportements langagiers manifestent l’émergence ou la constitution d’une communauté. Les paroles sont des indices de la communauté” (Marcoccia, 2002: 1).

Perante esta definição podemos inferir que os atos de delicadeza ou atos valorizadores da face são muito importantes para a manutenção das interações verbais nas redes sociais. Ou seja, numa comunicação virtual também subsistirá a necessidade de gestão das relações.

Contudo, como ocorrem numa comunicação escrita (verbal, paraverbal e não verbal), essas regras de delicadeza podem ser expressas de variadas formas:

“(…) [elles] n’ont pas seulement une valeur ludique, esthétique ou distinctive mais qu’elles recouvrent les fonctions qu’ont le non verbal et le paraverbal dans la communication en face à face” (Marcoccia, 2012: 2).

Ao pretenderem uma aproximação à oralidade⁶¹ procuram anular ambiguidades e/ou reforçar a mensagem que se quer transmitir, contribuindo para o trabalho de figuração. As suas especificidades são as seguintes:

- códigos de comunicação “gosto”, “gostam disso”, “não gosto” e “Lol”. Esta última expressão simboliza o riso, a gargalhada;
- interjeições. Exemplo: Ah!;
- repetição de vogais/consoantes/sinais de pontuação – para simular efeitos prosódicos e reforçar o espanto/a dúvida. Exemplo: *Loiraaaaa!!!!*;
- maiúsculas – para representar o grito e dar ênfase. Exemplo: ACREDITA!;
- vocalizações. Exemplo: *Humm!*
- abreviaturas e siglas – que remetem para a escrita fonética. Exemplos: Espero que *tejas* bem / *fds* (fim de semana);
- o uso de símbolos iconográficos (caras⁶² sorridentes/tristes/coléricas; olhos a piscar; deitar a língua de fora, corações, etc) que podem exprimir alegria, tristeza, fúria, ironia, humor, afeto e familiaridade. As caras ou *smileys* são “(...) des combinaisons de topogrammes et de caractères d’imprimerie permettant de représenter de manière schématique (si on les incline à 90 degrés) des mimiques faciales” (Marcoccia, 2000: 3). Exemplos: ☺; ☹; **; ;) ; ♥.

As pessoas utilizam estes *smileys* num contexto de interação socioemocional e podem ser analisados como *taxemas de proximidade*, pois encontram-se em correlação

⁶¹ Embora alguns autores não concordem com a distinção entre o oral e o escrito, Kerbrat-Orecchioni (2005) apresentou argumentos no sentido contrário.

⁶² Michel Marcoccia (2007: 43) denominou-as *smileys* ou *emoticons*.

com índices discursivos como o tratamento por **tu**, próprios de um registo familiar. Jogam um papel similar à entoação (linguagem paraverbal) ou mimogestualidade nas interações face a face (linguagem não verbal). Também intervêm no processo de contextualização e servem para construir a interação. Contudo, em determinados contextos, existe ambiguidade de alguns símbolos iconográficos. Por exemplo, Michel Marcoccia (2007: 50) refere que a ironia é uma modalidade que os *smileys* não conseguem tornar inteligível. Isto verifica-se, pois “(...) un même *smiley* dans un message peut avoir plusieurs fonctions, par exemple le clin d’oeil modifie à la fois la dimension émotionnelle, relationnelle et de politesse d’un message” (Marcoccia, 2007: 51). Por vezes, para contornar este problema, os internautas complementam o uso do símbolo com uma explicitação verbal. Perante esta caracterização depreende-se que estes signos não verbais têm um comportamento semelhante a todos os outros signos não verbais e são, como diz John Gumperz, específicos de uma cultura: “(...) ces signes non verbaux peuvent être comparés au langage: comme lui, ils sont appris au cours de l’interaction, ils sont spécifiques à chaque culture et peuvent être analysés en termes de processus sous-jacents” (Gumperz, 1989: 40).

Como alguns são ambíguos, Michel Marcoccia (2007: 52) propõe uma tipificação: aqueles que exprimem atitudes positivas, os que exprimem atitudes negativas e os fáticos. Na generalidade, pode considerar-se que têm uma função social: relevam de um socioleto; indiciam a pertença do locutor ao grupo de internautas e à matriz dos códigos desse grupo.

Em suma, estes códigos de comunicação são plurifuncionais e polissémicos⁶³.

Apesar de o estudo de David Rodrigues (2003) indicar que quanto mais elevado for o grau de familiaridade menos cortesia existirá entre os locutores, esta ilação também significa que a delicadeza não deixa de se verificar entre os internautas. Logo, se se verificam atos de cortesia, também devem existir especificidades que podem facilitar a comunicação ou contribuir para a instalação de dificuldades. A definição de delicadeza apresentada por Sónia Santos Alves (2007: 69) reforça esta perspetiva:

“(...) [a delicadeza] tem sido entendida como conjuntos mais ou menos complexos mas sempre arbitrários de regras e princípios que norteiam (e cerceiam) a interação dos membros de cada comunidade, em todo e qualquer contexto cultural”.

⁶³ A propósito da plurifuncionalidade e polissemia destes códigos de comunicação, cf. a seguinte afirmação: “(...) communication humaine peut ainsi être considérée comme un phénomène canalisé et contraint par un système multidimensionnel de signes verbaux et non verbaux qui sont appris, produits automatiquement et fortement coordonnés les uns aux autres” (Gumperz, 1989: 40-41).

Além disso importa não descurar a influência de outros fatores. David Rodrigues (2003: 254-255) enunciou-os do seguinte modo:

- a relação interpessoal existente entre os interactantes;
- as condições contextuais em que o ato discursivo se realiza bem como a competência de cortesia que o locutor possua a nível verbal, paraverbal e mesmo não verbal são fatores decisivos nas formas de cortesia a utilizar, mais ou menos elevadas, em maior ou menor número, o que se reflete também nas práticas discurso-textuais mais ou menos extensas. Por outro lado, o recurso a formas de cortesia mais ou menos desenvolvidas tem a sua explicação na relação que se constrói interlocutivamente:

“(…) [o recurso a formas de cortesia] é também uma consequência ou uma exigência da noção que se tem da cortesia e da sua importância nas relações com os outros. Noção e importância que têm muito a ver, também, com as noções de face, sobretudo positiva (autoestima) que os locutores têm de si próprios e querem dar de si próprios. Ninguém gosta, em condições normais, de passar por descortês, (ou mal-educado). Uma questão, sempre de auto e heterofiguração” (Rodrigues, 2003: 255).

Após esta fundamentação teórica pretendemos analisar práticas discursivas patentes nas redes sociais, mais especificamente no *facebook*, para identificar como interagem os internautas e que características apresentam estas formas de comunicação. Ou seja, com base nos autores anteriormente referidos, identificaremos traços de delicadeza assim como especificidades e apontaremos momentos eufóricos e disfóricos que contribuirão para o conhecimento dos fenómenos linguísticos em contexto eletrónico.

Assim, torna-se premente começar por caracterizar o *corpus* sobre o qual iremos trabalhar.

5. CONSTITUIÇÃO E DELIMITAÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus*, sendo constituído por vinte interações conversacionais em contexto eletrónico (*Facebook*), é delimitado por sequências de abertura, de desenvolvimento e de fecho. Contudo, nem todas as interações são compostas pelos três tipos de sequências.

As sequências conversacionais incluem algumas monocomunicações tanto de locutores do sexo masculino como do feminino; diálogos e interações com mais de dois interactantes. Acresce salientar que, muitas das vezes, estas práticas discursivas são finalizadas com participações indiretas de locutores não identificados, pois apenas se expressam com o código verbal “Gosto” ou “Não Gosto”.

Muitas destas proposições apresentam o seguinte:

- símbolos iconográficos para representar sorriso alegre, irónico, triste e de espanto; cara a chorar de felicidade/envergonhada; a deitar a língua de fora; corações e estrelinhas;

- códigos verbais com expressões “gosto”/ “não gosto”; maiúsculas (LOL; ROFL); interjeições (Ahah; oh; eh; elahhh) e repetição de vogais (Olaaaa loiraaa; Beijinhooo).

Também acresce que a sua delimitação abrange a familiaridade e informalidade entre internautas. Os locutores conhecem-se, partilham os mesmos locais e interesses.

As interações abordam as mais variadas temáticas: comentários sobre um álbum, diálogo sobre o fim de um relacionamento, uma decisão pessoal, a demonstração de uma amizade, convites para sair, comentários sobre imagens, o nascimento de um filho, um acidente de automóvel, a marcação de encontros, reflexões, elogios, desabafo de revolta. Foram, assim, atribuídos títulos exemplificativos para cada tema debatido.

O locutor que inicia a conversação eletrónica é denominado L1 e a todos os que surgem posteriormente ser-lhes-á atribuído um número subsequente. Para identificar melhor cada locutor recorre-se à expressão Locutor do sexo feminino ou Locutor do sexo masculino.

Durante as interações, por uma questão ética, foram omitidos os nomes de localidades e dos interactantes, tendo-se optado por siglas. Esta opção também pretende não desvirtuar o traço da familiaridade e informalidade.

Algumas das interações foram decompostas em várias sequências, pois verificámos que se podiam inserir em diversas práticas discursivas.

Outra característica destas interações é a sua assíncronia. Algumas das conversas são iniciadas e a resposta surge umas horas ou dias depois; outras não obtêm resposta e um outro tipo de interação inclui enunciados com proposições nas quais se depreende já ter havido uma outra conversa (presencial ou não).

Também importa relevar que os erros ortográficos e sintáticos, assim como outras formas de escrita, são da inteira responsabilidade dos participantes nesta rede social.

As interações que se apresentem pertencer à mesma tipologia de ato comunicacional serão agrupadas e numeradas.

CAPÍTULO III – PRÁTICAS DISCURSIVAS NO *FACEBOOK*

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo intitulado “Práticas Discursivas no *Facebook*” iniciar-se-á com a identificação e análise de todas as práticas discursivas e formas de interação detetadas no *corpus* recolhido.

Posteriormente far-se-á um levantamento dos marcadores discursivos utilizados pelos interactantes, assim como uma análise dos resultados.

2. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DISCURSIVA DOS DADOS

2.1. ATOS DE IRONIA

Ao procurarmos identificar que práticas discursivas surgem nestas interações do *Facebook*, deparamo-nos com vários atos comunicacionais.

O primeiro é o ato de ironia. Kerbrat-Orecchioni (1986: 102-107) descreve a ironia como um *tropo ilocutório*:

“(...) *le trope ironique, c’est-à-dire l’anti-phrase, comportant un décalage plus ou moins fort entre les sens littéral et dérivé. La précision s’impose car le terme d’«ironie» qualifie aussi parfois, et même fréquemment dans le discours ordinaire, des énoncés à prendre littéralement, mais qui se caractérisent simplement par leur valeur illocutoire de raillerie...*”

Observemos o primeiro exemplo:

(1) INTERAÇÃO 1

Tema: álbum

L1: Eh...inda to pa saber pa k foi tanta coisa pa pedir as fotos do verão “ah e tal pk foi pa coiso e na sei kê...” ya ya...tass bem...dp xama de amigos...

L2: Olaaa P.!

Como estas?!

Já não te vejo à muito tempo!

Espero que tejas beem:P

beijinHOO*

L3: Só quem merece?? Ainda gostava de saber porque é que não faço parte deste álbum????lool. Vou-me já embora prós Açores!! Ahah.

L1: Oh...oh P....tas-te a sentir BEST demais n?!

AHAH...vês cmo se pica uma pxoa??! Eu sou horrível! I love me so much!!!TP

L4: Oh menina j. e as fotos de verão??? LOLLOLOL a serio é preciso por as fotos aqui com muita urgência a ver se falo com o P.lol....saudades vossas☺

Bjnhs*

L5: oh menino P. e eu, onde estou? Lool

Beijinhoooooooooooo

L1: Elahhh...ainda te lembras k existem fotos “nossas”...alias ainda te lembras de nos??.....Acordou do coma!!! BOA P., seja bem -vindo, an ;)”

Nesta primeira unidade de análise verifica-se que o número de interlocutores é vasto. Estes revelam elevado grau de intimidade e nem sempre se verifica articulação e/ou sequência nas conversas iniciadas. Tendo como tema um álbum (fio condutor) as pessoas aparecem e desaparecem. Um interagem de forma mais consistente e persistente, outras de forma esporádica.

O primeiro locutor (L1) do sexo feminino inicia a conversa com a seguinte frase:

“Eh...inda to pa saber pa k foi tanta coisa pa pedir as fotos do verão ah e tal pk foi pa coiso e na sei kê” ...yaya...tass bem... dpxama de amigos”.

Esta abertura conversacional expressa um desabafo, um lamento, mas também um juízo de valor. Sendo uma das condições preparatórias do ato ilocutório expressivo, ao exprimir um juízo de valor está a contribuir para o reconhecimento de papéis. Norrick (1978)⁶⁴ considera de extrema relevância que o falante faça um juízo de valor acerca

⁶⁴Apud Silvéria Maria Ramos Palrilha (2009: 32).

dos efeitos do estado de coisas sobre o interlocutor, ou sobre ele próprio, enquanto entidade afetada.

Logo de seguida (L1), através da conjunção *e*, apresenta a justificação que lhe foi fornecida “... ah *e* tal pk foi pa coiso *e* na sei kê...” na qual se verifica uma citação implícita marcada pela ironia⁶⁵ e polifonia⁶⁶, pois o Locutor suscita outras “(...) vozes para nelas se apoiar, mas fá-lo não raro para as anular ou para, após uma fase de acordo, as orientar ou delas se servir para outras conclusões ou rumos argumentativos” (Fonseca, 1992: 292). De facto, esta participação de L1 apresenta dois locutores diferentes. Verifica-se que uma parte do enunciado imputado globalmente a um primeiro locutor, seja, no entanto, imputado a um segundo. Na proposição “yaya ...tass bem...dp xama de amigos” também existe crítica e subentende-se a intensificação da desvalorização da justificação no segmento “...dp xama de amigos”. Segundo Laver (1981: 303 *apud* Almeida, 2009: 44) a sequência de justificação é um dos atenuadores que funciona como estratégia de comentário de mitigação. Ao recorrer ao marcador⁶⁷ discursivo⁶⁸ continuativo *depois*⁶⁹ infere-se⁷⁰ que alguém está a mentir, não respeitando uma das categorias do Princípio de Cooperação, a qualidade. Quanto à ironia denotada, a sua catalogação de antífrase é polémica e existem várias interpretações⁷¹: Kerbrat-Orecchioni realça que “(...) l’ironie aggrave plutôt qu’elle n’adoucit la teneur aggressive de l’énoncé, sans qu’il soit du reste aisé d’expliquer ce qui peut apparaître comme un paradoxe” (Kerbrat-Orecchioni, 1992: 212); Raymond Gibbs, por seu lado, evidencia os seus traços positivos, pois “(...) irony is particularly notable for its ability

⁶⁵ Podemos acrescentar, na linha de Alain Berrendonner, que “(...) l’ironie se distingue des autres formes, banales, de contradiction, en ceci qu’elle est, précisément, une contradiction de valeurs argumentatives” (Berrendonner, 1981: 184).

⁶⁶ Oswald Ducrot *et alii* (1980: 46) consideram que “(...) la notion de polyphonie sert autant pour établir la signification de la phrase que pour décrire le sens des énoncés.”

⁶⁷ No uso dos marcadores, José Portolés refere que este uso “(...) también se reflejan las estrategias que los hablantes siguen en la búsqueda de sus fines comunicativos, muy especialmente aquellas que tienen relación con la cortesía” (Portolés, 2001: 131).

⁶⁸ Os marcadores do discurso “(...) son unidades lingüísticas invariables, no ejercen una función sintáctica en el marco de la predicación oracional y poseen un cometido coincidente en el discurso: el de guiar, de acuerdo con sus distintas propiedades morfosintácticas, semánticas y pragmáticas, las inferencias que se realizan en la comunicación” (Portolés, 2001: 25-26).

⁶⁹ Ana Cristina Macário Lopes e Maria da Felicidade Morais (1999-2000: 19-43) apresentaram vários valores para o marcador *depois*: espacial, de ordenação temporal, de ordenação avaliativa, em sequências de tipo argumentativo e marcador de estruturação textual/discursiva.

⁷⁰ Para que se produza este processo inferencial é preciso um contexto. José Portolés (2001: 15) acrescenta que “(...) el contexto de los participantes en una conversación es siempre mental y está formado por las creencias que residen en su memoria, pero también por aquellas que se derivan de su percepción inmediata de la situación o, simplemente, de lo que se há dicho antes.”

⁷¹ Segundo Lucariello (1994) pode surgir em sete situações que se subdividem em vários subtipos e que existem pelo menos vinte e sete tipos de acontecimentos irónicos.

to forcefully highlight the discrepancy between some reality and what some people expected or desire” (Gibbs, 2012: 104-105).

Na sua segunda participação, o primeiro locutor feminino (L1) recorre a uma pergunta-tag⁷² “...tas-te a sentir best demais, *não?*” para expor uma asserção avaliativa⁷³ com tom irónico, humorístico e procurar uma confirmação, sendo a pergunta-tag uma estratégia de apelo ao consenso que “(...) constitui um dispositivo que permite a mitigação da força ilocutória de actos de discurso específicos como a asserção (...) possibilitando o equilíbrio ritual das faces dos interactantes” (Almeida, 2009: 44-45).

No que diz respeito à ironia, de facto, “(...) numerous scholars, throughout the centuries, have concluded that irony is a wonderful tool for reestablishing equilibrium in our social relationships by alerting others to the disparities we presently experience” (Gibbs, 2012: 104-105).

Na sua última participação, este locutor revela uma estratégia de delicadeza negativa para com a face positiva do seu interlocutor, pois ao finalizar utiliza a expressão “Boa P., seja bem-vindo an...;)” recorrendo ao tratamento por você que marca a distanciação e permite subentender uma crítica atenuada pelo marcador de cumplicidade “an” e pelo símbolo “;)” que significa um piscar de olho. Ou seja, a linguagem icónica funciona como mitigadora. Importa evidenciar que a maior parte das suas frases começa com interjeições⁷⁴: “Eh...”; “Oh...Oh”; “AhAh”; “Elahhh”. Estas dão maior expressividade ao que se pretende dizer, pois pertencem ao domínio da oralidade. O seu significado varia mediante o contexto⁷⁵: “Eh” estará no campo da introspeção e perplexidade; “Oh”

⁷²Maria Helena Mira Mateus *et alii* (1989: 246) consideram que as interrogativas “tag” podem ter diferentes valores do ponto de vista pragmático: pedido de confirmação do conteúdo proposicional da declarativa que a precede; estratégia manipulatória para levar o alocutário a responder como o locutor pretende e mecanismo conversacional para dar a palavra ao interlocutor.

⁷³Palrilha refere que “a sua [actos expressivos] presença em enunciados assertivos, expressos em frases declarativas, ‘contamina’ a força ilocutória assertiva, tornando esses enunciados híbridos, uma conjugação de intenções expressivas e assertivas (Palrilha, 2009: 118).

⁷⁴Cunha e Cintra (1999: 587) definem a interjeição como “(...) uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo as nossas emoções. A mesma reacção emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação”.

⁷⁵Cf. a seguinte afirmação de John Gumperz: “Les processus de commutation de code, le dialecte ou le style, une partie des éléments prosodiques, ainsi que le choix entre des options lexicales et syntaxiques, les expressions stéréotypées, les ouvertures et clôtures conversationnelles, les stratégies de séquentialisation peuvent tous avoir des fonctions de contextualisation” (Gumperz, 1989: 29).

remete para o chamamento; “AhAH” significa satisfação por ter atingido a sensibilidade do seu interlocutor e “Elahhh” exprime espanto⁷⁶.

O segundo locutor do sexo feminino (L2), na sua sequência de abertura do diálogo, recorre à saudação⁷⁷ informal “OlaaaaaP.!” e realiza assim um ato de delicadeza positiva para com a face positiva do interlocutor. Esta saudação é caracterizada pela repetição da vogal *a* que pretende atribuir à frase uma determinada entoação (efusividade), situando-se no campo paraverbal. Haverkate (1993) refere que “(...) a função social deste acto é criar laços entre as pessoas e dar início à interacção conversacional, à comunhão fática”⁷⁸. De facto, na sua participação, encontra-se patente a relação de amizade, pois também coocorrem a asserção “Já não te vejo há muito tempo” e a afetividade “Espero que tejas beem”. É de realçar que a primeira proposição apresenta o marcador discursivo⁷⁹ *já* que marca a introdução de um segmento discursivo e inscreve-se no âmbito do significado temporo-aspetual. Maria da Felicidade Araújo Morais (2003: 10) considera que *já* como adjunto adverbial temporal contribui para a localização da situação representada num intervalo de tempo que se encontra muito próximo do intervalo de tempo da enunciação⁸⁰.

Nesta sequência de abertura o uso do diminutivo em “beijinhooo” permite expressar uma relação de familiaridade e de proximidade entre os interactantes, mas também intensifica o grau de afeto. A linguagem icónica irá atenuar ou intensificar o valor da mensagem. Exemplo: “Espero que tejas beem:P”. Este símbolo (:P) representa uma cara a deitar a língua de fora e, neste contexto, apresenta um significado ambíguo. Portanto, nem sempre se consegue perceber aquilo que é transmitido. Também se recorre à

⁷⁶Hanna Batoréo (2004: 96) identifica os vários significados e funções das interjeições. Considera que estas constituem uma das manifestações linguísticas da expressão das emoções (Gonçalves, 2000a) tanto positivas como negativas. Isto quer dizer que, quer nos encontremos numa situação particularmente agradável – numa manifestação de alegria ou prazer, por exemplo, -quer numa situação desagradável – de medo, dor, tristeza ou repugnância – temos tendência para produzir sons onomatopaicos, do ponto de vista da Gramática considerados interjeições.

⁷⁷ “Les salutations relèvent de la politesse positive, et plus précisément, selon la terminologie de Goffman, des rites de présentation. Elles sont les routines fondamentales des ouvertures et des clôtures de conversations...” (Traverso, 1996: 67).

⁷⁸ *Apud* Silvéria Maria Ramos Palrilha (2009: 50).

⁷⁹ Não existe consenso relativamente à denominação, definição e função destas partículas. Bruce Fraser (1999: 931) enumera a diversidade de denominações “(...) these lexical expressions have been studied under various labels, including discourse markers, discourse connectives, discourse operators, pragmatic connectives, sentence connectives, and cues phrases”. Perante a ausência de uniformidade terminológica, adotaremos tanto esta designação como os seus sinónimos.

⁸⁰Sobre este assunto, cf. também Campos; Xavier (1991).

expressão “Lol” que significa riso genuíno e à interjeição “ahah”⁸¹ que pode ter sentido sarcástico. Raymond Gibbs (2012: 104-105) realça que a ironia

“(...) may have its greatest power to succinctly, yet indirectly, express the mockery, disdain, and sometimes delight (in the case of jocularly) when finding ourselves in a challenging context that we can do little about”.

Assim, importa acrescentar, na linha de Alain Berrendonner, que a ironia “(...) est le moyen d’échapper à une règle de cohérence, tout en l’assumant. Elle n’est pas dépourvue de valeur argumentative, elle les a toutes” (Berrendonner, 1981: 237).

A única participação de L3, locutor do sexo masculino, surge com uma interrogação que quebra a sequência conversacional e instala o conflito: “Só quem merece??”. Configura-se mais um momento de polifonia que indicia uma fricção de vozes. A ocorrência deste movimento argumentativo-refutativo revela-se claramente manipulador, pois “(...) o Locutor, ao perguntar, demonstra uma tendencial abertura, constrói-se como dialogante...” (Fonseca, 1992: 339). Este facto concretiza-se na utilização da troca reparadora ao recorrer ao lamento e à crítica por não fazer parte desse álbum.

A participação de L4, interlocutor do sexo masculino, tem implícita um ato de delicadeza negativa para com a face positiva da sua interlocutora, pois faz uma crítica atenuada pela expressão “Lol” embora a sua intervenção também seja pautada por mitigadores que transmitem afeto. Estes apresentam-se de várias formas: pela expressão “saudades vossas”; nos diminutivos “beijinhos” e no recurso à linguagem icónica “:)”=cara sorridente. Acresce realçar que o riso, estando no campo não verbal, comporta funções importantes. Segundo Julie Diamond (1996), o humor e os risos são estratégias de solidariedade⁸².

L5 recorre a uma interrogação finalizada pelas expressões “Lol”e “beijinho”. A interrogação contém uma crítica atenuada por dois mitigadores: o riso e o afeto intensificados pelo diminutivo que se encontram ao serviço da eficácia interacional. Estes marcadores permitem terminar as interações “(...) projectando futuras interações e minimizando os efeitos da separação” (Almeida, 2009: 53).

A interação de fecho é executada por L1 e, na sua proposição, denota-se crítica e ironia. Ao recorrer ao segmento “...aliás ainda te lembras de nós??...” pretende

⁸¹ David Rodrigues (2003: 258) refere-se às interjeições e locuções interjetivas como sendo processos mais ou menos lexicalizados e gramaticalizados que, consoante os contextos de ocorrência, podem realizar valores imperativos e, por outro lado, constituírem expressões de maior ou menor cortesia ou até de descortesia.

⁸² *Apud* Carla Aurélia de Almeida (2009: 44).

reformular o que tinha dito anteriormente. Como considera que o que disse não transmite satisfatoriamente a sua intenção comunicativa utiliza o reformulador (Portolés, 2001: 109)⁸³ *aliás* para, em seguida, apresentar uma nova formulação do segmento anterior. O papel deste reformulador passa a ser preponderante, pois é com ele que a proposição interrogativa adquire força para interpelar o alocutário. Em seguida coocorre um ato de descortesia e uma alteração de registo no seu discurso. Passa de um registo familiar a um registo formal: “...Acordou do coma!!! BOA P., seja bem-vindo, an ;)”. Esta passagem é, segundo Evi Kafetzi, um fenómeno “(...) relevant de la polyphonie dans le discours, et qui est employé dans le but de projeter telle ou telle image de soi, selon l’enjeu du moment de l’interaction donné” (Kafetzi, 2010: 8).

É de realçar que, em quase todas as participações, se recorre à repetição de determinados sinais de pontuação. Exemplos: “ ...deste álbum????”; “... I love me so much!!!!”. Este código funciona como reforço da expressividade e efusividade daquilo que se pretende transmitir. Ou seja, a transcrição da oralidade adquire uma representação que procura aproximar-se da realidade. Michel Marcoccia (2004: 2) chamou-a de pontuação expressiva referindo que no ciberespaço “(...) n’est pas seulement utilisée dans des combinaisons graphiques mais aussi dans sa valeur expressive, émotive et affective, par exemple par démultiplication du même signe.”

O segundo tipo de práticas discursivas detetado insere-se no ato de acordo.

2.2. SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS DE ACORDO

As três sequências que a seguir se apresentam são exemplificativas de sequências de acordo que permitem a “acomodação intersubjetiva” (Fonseca, 1996) com a partilha dos pontos de vista expressos no conteúdo proposicional dos atos assertivos.

Observe-se o primeiro exemplo.

⁸³José Portolés (2001: 109) define os reformuladores: “(...) presentan el miembro del discurso que los sigue como la nueva perspectiva desde la que se debe reinterpretar un primer miembro. Así, permiten volver al elemento anterior y asignarle una nueva interpretación, por suponerse que, a partir de este primer miembro, no se han debido conseguir las inferências deseadas”.

(1) INTERAÇÃO 2

Tema: Relacionamento

L1 e L2 gostam disto.

L3: conheço muito bem esta foto.....Outros tempos

L4: Sim é verdade...tempos passados, ficou a lembrança, e claro como sabes um carinho por ti, porque apesar de tudo o que aconteceu, decidimos não guardar rancor, e isso faz de nós adultos e humanos. Um beijinho para ti

L3: o rancor não leva a lado nenhum, o que passou passou!

L4: Exactamente o que lá vai lá vai...o importante é que fomos capazes de seguir as nossas vidas e somos adultos. Fico bastante contente por ti, acredita.!

L3: concordo

L4: Ainda bem que conseguimos entendermo-nos....so demonstra e cala muitas pessoas, que apesar da nossa relação ter terminado e apesar de tudo apos, conseguimos passar à frente e olhar bem alto. Calamos assim as bocas das pessoas que diziam barbaridades de ambos e que fizeram de tudo para que nem uma amizade houvesse entre nós, assim dessa forma, ficam caladas. ☺

L3: tas correcto, é pena é as coisas não terem acabado da melhor forma e nem uma conversa tivemos. Mas já passou e tu estás bem e eu também!

L3: claro que sim, mas acho que podemos ter este conversa em outro sitio pois só estaremos a dar temas de conversa e outras pessoas.... Acho que compreendes

L4: concordo plenamente...a partir desta não temos de dizer mais nada aqui lol...mas o que aqui ficou escrito mostra as pessoas k não eu não te odeiu nem tu a mim, e sim falamos um com o outro. Obrigado por esta conversa era o que precisavamos.....Beijinho* qualquer coisa podes contar comigo, sabes onde me encontrar

L3: ☺

L4: Talvez se a conversa tivesse havido não estaríamos agora aqui a falar certo?!Entao deixamos os ânimos passar, deixamos o stresse... sabes V., o melhor foi mesmo termos crescido. E sim eu estou bem e tu também isso e o que importa pois so assim é que damos valor ao passado.”

Nesta interação verifica-se que a asserção inicial ancora o discurso num passado imediato relevante, funcionando como marcador de cumplicidade: “...tempos passados, ...”. Além disso, o campo do implícito tem uma forte expressividade na asserção avaliativa “... ficou a lembrança,...” e na sequência justificativa “...porque apesar de tudo o que aconteceu...”. Estas proposições comprovam, na linha de José Portolés, que toda a comunicação verbal

“(...) consta de una parte codificada y de outra parte producto de inferências, esto es, de ciertos procesos mentales que llevan a conclusiones (...) la simple descodificación humana es esencialmente una comunicación inferencial” (Portolés, 2001: 15).

Assim, na sequência justificativa subentende-se um ato de delicadeza negativa para com a face positiva do interlocutor, pois está a ferir o seu narcisismo e a justificação constituiu uma evitação desta ameaça.

Numa das primeiras participações de L4 também se deteta uma manifestação polifónica no segmento “...Calamos assim as bocas das pessoas que diziam barbaridades de ambos e que fizeram de tudo para que nem uma amizade houvesse entre nós...” Ao fazer referência a mexericos⁸⁴ apresenta uma multiplicidade de opiniões e de instâncias interlocutivas⁸⁵ revelando, ao mesmo tempo, que a sua atitude não é neutra: assume a informação e difunde-a através do ato de persuasão.

Contudo, os dois interlocutores evoluem para trocas reparadoras e confirmativas ao expressarem acordo “tas correcto”; “claro que sim”; “concordo plenamente”. Estes atos de acordo são possíveis, pois “(...) l’histoire et l’expérience communicative communes constituent des facteurs aptes à faciliter la coopération conversationnelle” (Gumperz,

⁸⁴De acordo com Daiana Felecan, o mexerico “(...) est le territoire où la voix de l’émetteur rencontre et croise la voix du destinataire, ce dernier étant devenu à son tour émetteur pour un autre destinataire, et la substitution de rôles interlocutifs continue ainsi de suite” (Felecan, 2010: 6).

⁸⁵ Como prova da sua polifonia estão os elementos que participam na constituição do mexerico: “(...) I. *L’énonciateur originare*, le plus souvent non-identifiable, qui se superpose à l’instance du non-locuteur; II. *les énonciateurs intermédiaires*, destinataires partiels, colporteurs du message; III. *la personne dont on parle dans le commérage*, individu qui n’est jamais colporteur mais toujours destinataire final” (Felecan, 2010: 7).

1989: 44). De seguida surge o conector⁸⁶ argumentativo⁸⁷ *mas*. Segundo Helena Carreira (2001: 89) este serve para marcar uma cedência e ao mesmo tempo orientar a conclusão em sentido oposto. Pode-se então depreender, na linha de Oswald Ducrot *et alii*, que o valor semântico “(...) d’une phrase argumentative contient, entre autres choses, un ensemble d’instructions concernant la stratégie à suivre pour décoder ses énoncés” (Ducrot *et alii*, 1980: 15). De facto, um dos intervenientes nesta interação cibernética, L3, recorre a proposições entre as quais se estabelece uma relação de contraste através do marcador⁸⁸ *mas* baseada numa relação implícita, inferencial, que não aparece expressa explicitamente: “**L3**: tas correcto, é pena é as coisas não terem acabado da melhor forma e nem uma conversa tivemos. *Mas* já passou e tu estás bem e eu também!; **L3**: claro que sim, *mas* acho que podemos ter este conversa em outro sitio pois só estaremos a dar temas de conversa e outras pessoas.... Acho que compreendes”. A resposta de L4 apresenta um ato de acordo, asserções avaliativas e um ato de agradecimento “...obrigado por esta conversa...”. O segmento “... era o que precisavamos...” surge no final da proposição. Com ele, este locutor do sexo feminino recorre a uma asserção avaliativa para selar uma amizade. A linguagem icónica surge como intensificadora do afeto, cumplicidade, convívência e delicadeza: “:); Beijinho*”. O primeiro signo “:)” significa piscar o olho e o segundo pretende reforçar o sentimento posto no beijo, patente tanto no diminutivo como no asterisco que simboliza uns olhos a brilhar remetendo para o campo não verbal. No grupo dos diminutivos que, em Português, são usados como meio de atenuação, Skorge (1956; 1957; 1958 *apud* Rodrigues, 2003: 184) considera que estes sufixos traduzem com maior intensidade os sentimentos, os afetos ou as intenções cambiantes das pessoas que os empregam tornando certas expressões mais sugestivas, penetrantes ou delicadas.

⁸⁶José Portolés (2001: 139) classifica os conectores de aditivos, consecutivos e contraargumentativos e define-os como marcadores discursivos que “(...) vinculam semántica y pragmáticamente un miembro del discurso com outro miembro anterior, o com una suposición contextual fácilmente accesible. El significado del conector proporciona una serie de instrucciones argumentativas que guía las inferencias que se han de obtener del conjunto de los miembros relacionados.”

⁸⁷Inês de Conceição Pinto de Oliveira (2010: 28) considera que a “(...) designação de conector é usada sempre que o sentido veiculado seja o de conexão entre enunciados ou sequências de enunciados. Podemos concluir que conector discursivo é hipónimo de marcador discursivo.”

⁸⁸De acordo com Bruce Fraser, os marcadores discursivos são “(...) a pragmatic class, lexical expressions drawn from the syntactic classes of conjunctions, adverbials, and prepositional phrases. With certain exceptions, they signal a relationship between the segment they introduce, S2, and the prior segment, S1. They have a core meaning which is procedural, not conceptual, and their more specific interpretation is ‘negotiated’ by the context, both linguistic and conceptual. There are two types: those that relate aspects of the explicit message conveyed by S2 with aspects of a message, direct or indirect, associated with S1; and those that relate the topic of S2 to that of S1” (Fraser, 1999: 950).

L4 na sua participação, iniciada pelo adjunto adverbial de dúvida *talvez*, recorre a uma construção condicional em que o antecedente é introduzido pelo conector⁸⁹ *se* e o conseqüente é precedido pelo marcador⁹⁰ discursivo *então*, pretendendo estabelecer uma relação de implicação entre o segmento expresso no antecedente e o segmento expresso no conseqüente: “*Talvez se* a conversa tivesse havido não estaríamos *agora*⁹¹ aqui a falar *certo?! Então* deixamos os ânimos passar, deixamos o stress...”. Acresce realçar que *talvez* também se insere no grupo dos modalizadores adverbiais e vai permitir “(...) renforcer l’atténuation de la formulation de l’acte” (Kerbrat-Orecchioni, 1992: 221). Outra particularidade a evidenciar é que L4, entre proposições, procura a confirmação através da pergunta-tag “...*certo?!*” e em seguida estabelece uma relação de inferência entre elas. Ana Cristina Macário Lopes (1996: 178) refere que, neste caso, o marcador discursivo *então* “(...) carrega instruções para a interpretação (num espaço lógico-argumentativo) do enunciado que introduz”. Sendo comutável com o conector conclusivo *portanto* contribui para o ato de justificação e evitamento do conflito. Em suma, “(...) nas construções em que ocorre o operador argumentativo *então*⁹², o locutor indica que a informação precedente é relevante enquanto premissa para a dedução da proposição introduzida pelo referido operador” (Lopes, 1996: 184).

Nos últimos segmentos da participação de L4 surgem atos justificativos⁹³ alternados por asserções avaliativas: “...*sabes V.*, o melhor foi *mesmo* termos crescido. E sim eu estou bem e tu *também* isso e o que importa *pois* so assim é que damos valor ao

⁸⁹Tal como outros autores, Oswald Ducrot *et alii* (1980: 15) referem que “(...) un connecteur relie toujours deux segments de la formule où il apparaît.”

⁹⁰Schmidt-Radefelt (1993: 64) utilizou a denominação de partículas discursivas e apontou-lhes as seguintes características:

- são expressões linguísticas na sua maioria monossilábicas;
- não são declináveis, nem conjugáveis, nem interrogáveis, admitem apenas combinações restritas entre si;
- elas exprimem geralmente uma atitude do falante para com o alocutário e para com o conteúdo da enunciação, assinalam as suas expectativas, as suas conclusões implícitas, a relação do enunciado no (con)texto e a valorização do que é dito, - por exemplo o realce de um facto, a ênfase ou focalização linguística;
- podem ser eliminadas sem que a proposição propriamente dita (= significação designativa ou referencial da oração, i. é, a “proposição” no sentido de Fillmore) perca a sua significação;
- só podem ser consideradas – abstraindo da sua distribuição e das suas restrições sintáticas – nas suas funções semântico-pragmáticas ocorrendo em determinadas frases ou tipos de frase/enunciações, i. é, tomando em conta o contexto mais vasto da enunciação na sua função interativa.

⁹¹“(...) Este item é utilizado no domínio temporal e no domínio discursivo. Como advérbio, *agora* é um deficiente de localização temporal: é uma expressão referencial dependente, indexada ao contexto da enunciação. O intervalo de tempo localizado pode coincidir com o da enunciação, ou abrangê-lo – em casos em que *agora* identifica um intervalo de tempo mais amplo e vago...” (Morais, 2003: 12).

⁹²Ana Cristina Macário Lopes (1996: 177-187) apresentou três valores possíveis para este marcador discursivo: temporal, argumentativo e marcador de estruturação conversacional.

⁹³Existem dois tipos de justificação: a má e a boa. Esta última “(...) étant celle qui parvient à réduire de façon appréciable la faute de la personne agissante” (Goffman, 1973: 116 *apud* Traverso, 1996: 63).

passado”. É importante realçar o recurso ao marcador⁹⁴ *sabes*, e aos conectores *mesmo*, *também* e *pois*. O primeiro “(...) indique à l’allocutaire que l’élément introduit appartient à son savoir, il assure alors une fonction de rappel et permet au locuteur d’introduire le thème” (Traverso, 1996: 137-138). O segundo pretende realçar a importância do argumento patente na proposição “... o melhor foi *mesmo* termos crescido.” *Também* e *pois* apresentam ter um relevante papel de conexão⁹⁵, “(...) de modo que la unión resultante sea un fluido de información, y no una sarta entrecortada de frases puntuales aisladas” (Montolío, 2001: 19). Podemos ainda relevar que esta intervenção de L4 funciona como fecho do tema, pois trata-se da “(...) production d’une intervention-résumé apparaissant comme une sorte de bilan de la séquence qui s’achève” (Traverso, 1996: 138).

Perante a análise destas proposições, importa concluir que entre L3 e L4 perpassa a confiança⁹⁶. Véronique Traverso (1996: 196) refere o seguinte:

“(...) [la confiance] manifeste le besoin de partager la charge émotionnelle de certains événements, le poids des situations pesantes et difficiles (...), mais aussi le simple besoin d’exposer parce que dire, expliquer, présenter permet parfois d’éclaircir les choses et de découvrir, en même temps que le confident, ce qu’on lui dit”.

Como confirmação deste ambiente de confidências⁹⁷, os participantes recorrem à primeira pessoa do plural: “...e isso faz de nós adultos e humanos...”; “...que nem uma amizade houvesse entre nós...”. Ao interagirem a uma só voz pretendem constituir uma só pessoa moral “(...) leur pluralité apparaît fondue dans un personnage unique qui englobe les différents individus” (Ducrot, 1984: 193).

Atente-se agora no segundo exemplo:

⁹⁴José Portolés (2001: 66) estabeleceu algumas diferenças gramaticais nos marcadores: “(...) no solo existen marcadores conjunciones (v. gr., *pero*) y marcadores adverbios (v. gr., *por tanto*), algunas de las unidades que estudiamos como marcadores discursivos son consideradas por diversos autores como interjecciones.”

⁹⁵“(...) A conexão pode envolver unidades mínimas como proposições ou actos de fala ou unidades mais complexas como macroproposições ou sequências de actos de fala” (Oliveira, 2010: 21).

⁹⁶A confiança comporta um certo número de FTAs para as duas faces de cada locutor.

⁹⁷Segundo Véronique Traverso (1996: 196) “(...) la conversation familière réunit un certain nombre de caractéristiques favorisant l’épanchement, le plus important étant bien évidemment la proximité (relationnelle, ainsi d’ailleurs que la proximité inhérente à la situation conversationnelle) des participants, et le fait qu’ils se sentent en confiance les uns avec les autres, qu’ils se connaissent depuis longtemps, qu’ils ont déjà une histoire commune”.

(2) INTERAÇÃO 3

Tema: Tatuagem

“(…)

L8: eu sei que não.

Estava a falar no geral. Eu imagino o significado”

Nesta sequência de fecho verifica-se tanto um traço polifónico como um reconhecimento/identificação de perspetivas quanto ao significado da tatuagem que a primeira pretende fazer. O traço polifónico surge na resposta de L8: “eu sei que não. Estava a falar no geral. Eu imagino o significado”, pois existem duas enunciações distintas “(…) assignables à des énonciateurs différents, et dans lesquelles la même proposition est successivement affirmée, par deux instances de parole...” (Berrendonner, 1981: 208). Quanto à identificação de perspetivas, os locutores demonstram partilhar o mesmo conhecimento enciclopédico, *i.e.*, o significado da tatuagem. Assim, neste universo de conhecimentos congregam-se:

“(…) a ordenação intelectual que os falantes detêm do mundo, o domínio de princípios que regem o exercício do pensamento, as “crenças” e outras representações simbólicas agregadas numa dada comunidade (mas também ao nível individual através de “sistemas de sentido” estritamente pessoais) aos “objectos”, situações, acontecimentos (...), os interesses e sistemas de valores na base dos quais os falantes se situam perante si mesmos, perante os outros e perante o mundo, e ainda o domínio dos princípios que comandam a própria interação comunicativa” (Fonseca, 1985: 17).

No jogo da comunicação também se percebe que o saber de L1 e L8 apresenta diferentes formas. Schmidt-Radefeldt (1993: 67) classificou-o como verdadeiro (factos indiscutíveis, independentes dos conhecimentos ou do saber individual dos falantes); evidente (o saber que um falante pode concluir ou deduzir a partir de um enunciado); conhecido e suposto. Acresce realçar que a participação de L8 denota procedimentos aditivos de modalização que instauram uma distância enunciativa:

“(…) une certaine distance entre le sujet d'énonciation et le contenu de l'énoncé, et par là même donnent à l'assertion des allures moins péremptoires, donc plus polies (dans la mesure où au lieu d'asséner des

vérités, elle se presente comme laissant à autrui toute liberté de conserver son quant-à-soi” (Kerbrat-Orecchioni, 1992: 221).

Concluindo, na sua fase final, esta interação de fecho denota cooperação. Kerbrat-Orecchioni (1992: 142) destaca que “(...) certains échanges en apparence agonaux peuvent avoir pour principale fonction d’exprimer, et de consolider, une relation de solidarité entre les belligérants”.

Observe-se a última unidade de análise:

(3) INTERAÇÃO 17

Tema: análise de uma imagem

L1: Alguém já reparou bem, na imagem do site onde vemos as notas? a rapariga devia estar a ver disciplinas e as notas, mas está é a ver uma lista de BEBIDAS Alcoolicas xD ai ai a Educação



Gosto · · [Partilhar](#) · [há cerca de uma hora](#) ·

L2, **L1** e **17** **outras pessoas** gostam disto.

L3:
os serviços academicos a trolarem os alunos...

lol

há cerca de uma hora · Gosto

L1: por isso é que o pessoal universitário beb tanto, é induzido para tal xD

há cerca de uma hora · Gosto

L3: são mensagens subliminares. quando acabas de ver as notas ficas com vontade de ir afogar as magoas no alcool.

há cerca de uma hora · Gosto · 1

L2: Lolol Ahaha brutal lolol coisas à esasd xp (brincar)

há cerca de uma hora · Gosto

L4:haha grande ideia do design

há cerca de uma hora · Gosto

A sequência de abertura apresenta uma chamada de atenção para os detalhes de uma imagem. O locutor (L1) dirige-se a locutores indefinidos “alguém já reparou...” iniciando e estabelecendo a interação a partir da crítica. Sendo um ato assertivo tem como estado psicológico “(...) a crença na verdade da proposição expressa” (Lima, 2007: 47). O recurso ao pronome indefinido *alguém* (desatualizador da deixis pessoal) permite a estratégia do anonimato para obscurecer a referência aos interlocutores. Sendo um procedimento substitutivo torna a questão colocada mais polida, pois coocorre um mecanismo de distanciamento. Kerbrat-Orecchioni (1992: 207) acrescenta o seguinte: “(...) peut être mis au service de la politesse tout procédé visant à estomper la référence aux interlocuteurs, et ce que l’expression de la relation intersubjective peut avoir pour eux de brutal et de menaçant”. L1 também recorre ao símbolo iconográfico “xd” para atenuar a censura, à interjeição “ai!ai!” que pode permitir várias interpretações (humor e/ou crítica) e ao conector causativo *por isso* para iniciar um segmento justificativo: “...*por isso* é que o pessoal universitário bebe tanto, é induzido para tal xD”. Compreende-se que este conector contém um elemento claramente anafórico, ou seja remete para um elemento informativo prévio (algo que foi previamente enunciado): “**L3:**lolos serviços academicos a trolarem os alunos...”.

Segundo Inês da Conceição Pinto de Oliveira (2010: 28) além do conector causativo, existem outros⁹⁸ que “(...) colocam em relação lógico-semântica segmentos textuais, sejam enunciados ou grupos de enunciados”. Também é importante relevar que estas asserções apresentam o traço da pressuposição, pois “(...) tout en prenant la responsabilité d’un contenu, on ne prend pas la responsabilité de l’assertion de ce contenu, on ne fait pas de cette assertion le but avoué de sa propre parole” (Ducrot, 1984: 233).

⁹⁸Inês da Conceição Pinto de Oliveira (2010: 28) inseriu nesta lista os conectores aditivos ou sumativos, constativos ou argumentativos, consecutivos, condicionais, finais, temporais e espaciais.

Os efeitos perlocutórios da asserção de L1 surgem na sequência avaliativa com uma manifestação indireta de vários “gosto” (17) e direta por um internauta que inicia a sua participação com o código de comunicação “Lol”. Este código representa o riso, o que permite subentender uma interpretação humorística da situação observada.

A participação de outros interlocutores também se caracteriza pelo recurso aos códigos de comunicação “Lolol”, aos símbolos iconográficos “xp” e às interjeições “haha”. O locutor que utilizou o símbolo “xp” sentiu a necessidade de explicar que este tinha implícito o sentido de brincar. A sua explicação permite manter a interação verbal, eliminando ambiguidades de interpretação. O elevado grau de concordância também é intensificado pelo uso dos adjetivos “brutal” e “grande”. Nestes contextos interacionais, “(...) os risos de ambos os interlocutores constituem “marcadores não verbais de distanciação”, permitindo a atenuação ou mitigação da ameaça de um acto ameaçador de crítica (“face threatening act”=FTA) e tendo, assim, um papel anti-orientador” (Almeida, 2010: 136). Assim, é de relevar que, ao longo desta interação comunicacional perpassa toda uma cumplicidade que também permite constatar a partilha de um sistema de crenças.

Na sequência de fecho surge a proposição “haha grande ideia do design”. Nela verifica-se a utilização da interjeição “haha” que expressa o riso vocalizado assim como o espanto e da intensificação do elogio expresso no segmento “...grande ideia do design” (ato de cortesia positiva). Este também tem uma função social, pois permite “(...) estreitar os laços entre os dois intervenientes, criar condições para o prosseguimento da interacção discursiva...” (Palrilha, 2009: 52).

Outro dos atos discursivos detetado é o de conselho que iremos analisar no ponto seguinte deste estudo.

2.3. ATOS DE CONSELHO

Sendo um ato diretivo, o ato de conselho tem como objetivo ilocutório a tentativa de levar o interlocutor a praticar uma ação e tem como condição de sinceridade o facto de o locutor acreditar que o ato Q beneficiará o alocutário. Neste ato, “[a] proposição expressa refere-se sempre à acção solicitada, que é uma acção futura do interlocutor. A

acção solicitada pode sê-lo com maior ou menor veemência...” (Pinto de Lima, 2007: 47).

Foram identificadas duas sequências com atos de conselho.

Atente-se no primeiro exemplo:

(1) INTERAÇÃO 3

Tema: Tatuagem

“(…)

L8: Força nisso, mas cuidado com a tatuagem, não te vas arrepender mais tarde

(…)”

Nesta sua participação, o locutor do sexo feminino (L8), recorre ao ato de conselho “... *mas* cuidado com a tatuagem,...” para restabelecer o equilíbrio entre as faces das participantes. Utiliza aquilo que Searle [1979] (2002: 21) considerou como ato ilocutório diretivo para tentar levar o locutor a fazer algo. Os atos diretivos têm a seguinte característica:

“(…) o querer do locutor é...determinante na configuração destes actos, que, contudo, se diferenciam em função do modo como as forças ilocutórias são reguladas pelo objectivo ilocutório, podendo ir desde a ordem à sugestão, desde o pedido ao conselho...” (Gouveia, 1996: 394).

De facto, no conjunto dos atos ilocutórios diretivos, o conselho é uma das formas da realização de uma sugestão personalizada. No entanto, trata-se de um “(…) acto directivo não sancionável (desejo), cuja direcção de interesses aponta para o alocutário (sugestão), revelando um empenhamento expresso do locutor” (Casanova, 1996: 434)⁹⁹.

É ainda importante analisar toda a sequência para se compreender o papel do marcador *mas*. O primeiro segmento “força nisso...” expressa um apoio firme logo seguido do segundo “...*mas* cuidado com a tatuagem, não te vas arrepender mais tarde” que apresenta o argumento do possível arrependimento devido ao tipo de tatuagem. Ou seja, *mas* introduz um segundo membro do discurso antiorientado, como explica Portolés na seguinte afirmação:

⁹⁹Apud David Rodrigues (2003: 246).

“(…) si el primer miembro encamina hacia una conclusión determinada, el segundo miembro presenta: o bien directamente una conclusión contraria – contraargumentación directa -, o bien un argumento que orienta hacia esta conclusión contraria – contraargumentación indirecta...” (Portolés, 2001: 98).

Quanto ao segmento justificativo “...não te vás arrepender mais tarde”, embora constitua uma estratégia de mitigação, também pretende avisar¹⁰⁰ para a eventualidade do arrependimento. Estando na forma negativa mostra que “(…) l’affirmation est présente dans la négation d’une façon plus fondamentale que ne l’est la négation dans l’affirmation” (Ducrot, 1984: 216). Quando os atos de conselho ocorrem na fase do fecho das interações, Carla Aurélia de Almeida (2007: 69) acrescenta que “(…) estes segmentos evitam (estratégias de delicadeza negativa) a ameaça de um fecho inesperado e demasiado rápido, contribuem para o ‘abrandamento do fluxo interaccional’ e são uma tentativa de entrar na fase de fecho”.

Assim, pode-se concluir que todos estes factores contribuem para a inferência conversacional, pois segundo John Gumperz (1989: 56) é esta inferência que permite a o cálculo e avaliação da intenção comunicativa:

“(…) tout locuteur indique, de façon directe ou implicite, la manière dont un énoncé doit être interprété et montre par ses réponses, verbales et non verbales, comment il a interprété l’énoncé d’un autre locuteur: c’est la nature de ses réponses plutôt que le sens en tant que tel ou la valeur de vérité des énoncés particuliers qui oriente l’évaluation de l’intention.”

Observemos, agora, o segundo exemplo:

(2) INTERAÇÃO 19

Tema: Elogio físico e psicológico

“(…)

L4: N. não procures mais *pois* a A. é isso tudo e *olha* que não conheço muitas assim e que estejam solteiras.

Sexta-feira às 23:39 · Gosto · 1

¹⁰⁰ Searle (1984: 89) estabelece as especificidades do ato de aviso e de ameaça em confronto com o ato de conselho. Nos dois primeiros, a condição essencial vale como assumir que o ato Q não é do interesse do alocutário. No conselho, a sua condição essencial vale como assumir que o ato Q é do grande interesse do alocutário.

L1: pois é, tenho de ir às c. ao ginásio onde ela anda ;)

Sexta-feira às 23:42 · Gosto · 1

L4: É isso mesmo tens de te fazer a estrada e não te atrases...

Sexta-feira às 23:44 · Gosto · 3

L1: será q nao estou já atrasado...

Sexta-feira às 23:46 · Gosto · 1

(...)"

L4, através das frases negativas¹⁰¹ com um traço injuntivo "...não procures mais..." e "...não te atrases...", recorre ao ato de conselho. David Rodrigues (2003: 180) considera que "(...) o acto directivo da ordem directa só recebe uma realização verdadeiramente cortês, quando é atenuado, isto é, realizado como conselho, sugestão ou desejo. Numa palavra, como acto indirecto".

Neste ato de conselho é importante relevar que, na proposição "...pois a A. é isso tudo e olha que não conheço muitas assim e que estejam solteiras", o locutor põe o seu saber (forma de poder) ao serviço do alocutário (L1). Para tal recorre ao marcador *pois* apresentando um comentário novo e informativamente valioso sobre o segmento que o precede¹⁰², à justificação e à asserção avaliativa. Segundo Carla Aurélio de Almeida (2007: 69) os segmentos justificativos "(...) possibilitam a mitigação dos valores ilocutórios mais ameaçadores das faces dos interlocutores". Na asserção avaliativa iniciada pelo marcador *olha*¹⁰³ também reside a informação que faz parte "(...) del conjunto de supuestos, de conocimientos y creencias implícitas que comparte una comunidad lingüística" (Montolío, 2001: 33). Ou seja, no segmento "... olha que não conheço muitas assim..." verifica-se a existência da insinuação¹⁰⁴ de que há poucas mulheres com aquelas qualidades. Além disso, a articulação de todos os segmentos é

¹⁰¹ Oswald Ducrot (1984: 217-224) inseriu na sua conceção polifónica três tipos de negação: metalingüística, polémica e descritiva.

¹⁰² Este facto corrobora a seguinte afirmação: "(...) they function like a two-place relation, one argument lying in the segment they introduce, the other lying in the prior discourse" (Fraser, 1999: 938).

¹⁰³ Segundo Delmira Maças, "olha" constitui uma das "fórmulas interlocutórias do diálogo".

¹⁰⁴ Kerbrat-Orecchioni (1986b: 43-44) definiu a insinuação "(...) comme étant en général *un sous-entendu malveillant*".

estabelecida pelo conector aditivo¹⁰⁵ e que contribui para a organização da informação discursiva.

Na última participação de L1 “será que não estou já atrasado...”, este locutor do sexo masculino manifesta preocupação ao recorrer à litote e alusão¹⁰⁶ de que a locutora do sexo feminino pode já ter um namorado.

Finalmente é de destacar que L1, através dos segmentos de concordância “pois é...” e “será que não estou já atrasado...” reforça “(...) la solidarité existant entre les interlocuteurs, et (...) euphoriquement leur communauté de goûts et d’intérêts” (Kerbrat-Orecchioni, 1998: 214).

Outro dos atos que, ao longo destas interações, se verifica existir é o de ameaça.

2.4. SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS DE DESACORDO E ATOS DE AMEAÇA

Importa relevar que “(...) todo o acto de discurso, em certas circunstâncias e em graus diversos, tem na interacção um carácter intrinsecamente ameaçador, pois age sobre o alocutário e, na dinâmica interaccional, pode adquirir diferentes interpretações” (Almeida, 2009: 46).

Foram detetadas três sequências de desacordo ameaçadoras da face do Outro.

Observe-se o primeiro exemplo.

(1) INTERAÇÃO 3

Tema: Tatuagem

“L1 diz:

Quero fazer uma tatuagem.

¹⁰⁵Sobre os conectores aditivos importa relevar que “(...) a la vez que introducen nueva información que va en la misma línea temática que la precedente, la distribuyen y dividen en bloques más pequeños, a fin de que resulte así más fácilmente interpretable, al tiempo que organizan materia discursiva, señalando de este modo cuál es la estructura del texto” (Montolio, 2001: 138).

¹⁰⁶“(...) on parle d’allusion s’agissant d’énoncés faisant implicitement référence à un ou plusieurs faits particuliers connus de certains des protagonistes de l’échange verbal et d’eux seuls, ou d’eux surtout, ce qui établit entre eux une certaine connivence...” (Kerbrat-Orecchioni, 1986b: 46).

L2,L3,L4, L5 gostam disto.

L6: e de que farias???

L1: borboleta. =)

L7: pirou de vez

L1: Ka foi?

L7: nada nada

L1: caDa um sua pancadas e gstos

L7: hmhm

ao menos faz num sitio com higiene

L1: isso nem s kestiona parvo

L7: eu sei lá

Mas apelo a uma não realização na mesma

L1: es smp do contra

L7: não sou do contra só acho que há coisas que se devem preservar

L1: mas isso cada um com seus principios ora

L7: hmhm

Falo isto e um grande amigo meu é tatuador mas pronto....:P

Até lhe estou a estragar o negócio ahahah

L1: amigos amigos, opinioes aparte=)

L7: lol

L8: Força nisso, mas cuidado com a tatuagem, não te vas arrepender mais tarde

L1: eu sei tola.Nem tem sgnifkado q pensas

(...)"

Em “Tatuagem”, o locutor do sexo feminino (L1) inicia a interação verbal com a comunicação de um desejo. Com esta proposição exprime a vontade que o mundo

venha a ser como as suas palavras o apresentam, pretende que o mundo venha a ajustar-se às suas palavras. Segundo José Pinto de Lima (2007: 46), na linha de Searle, “(...) nestes actos a direcção de ajuste é do mundo às palavras.” Para isso recorre ao presente do indicativo do verbo modalizador **querer** e à forma infinitiva do verbo **fazer**. Nestas situações, David Rodrigues (2003: 216) considera que “(...) o locutor procura fazer com que o seu alocutário faça ou diga alguma coisa, explicitando, directa e performativamente, a sua vontade.” Neste sentido verifica-se que a modalização serve a *figuração* na medida em que compromete o sujeito enunciador a realizar p (=conteúdo proposicional).

É ainda importante realçar que L1, numa intervenção reativa, comete um auto-FTA e um FTA para com a face de L7 quando afirma “cada um com suas pancadas e gostos”. Contudo recorre à atenuação através do minimizador “cada um...”.

Ao longo da conversação, verifica-se que os alocutários invadem o território do locutor do sexo feminino (L1) atingindo o seu narcisismo, pois expressam opiniões que não lhes foram pedidas. Ou seja, ameaçam a face positiva do locutor do sexo feminino. Sendo fenómenos dialógicos claramente polifónicos também evidenciam a desvalorização da imagem do outro. Ao fazerem o outro perder a face, cuidam das suas próprias imagens e dos seus perfis comunicativos. Por exemplo, L7 inicia uma proposição com o marcador¹⁰⁷ argumentativo de precisão *ao menos* e outra com o marcador argumentativo contrastivo *mas* expressando atos de conselho que têm censura implícita. Além destas funções, importa relevar que “(...) l’emploi d’un marqueur argumentatif, c’est tout simplement la marque d’un assujettissement consenti à une norme de cohérence” (Berrendonner, 1981: 235). Contudo, na resposta de L1 coocorrem atos ameaçadores da face positiva dos seus interlocutores, pois agrava a situação ao recorrer ao insulto: “pirou de vez”; “isso nem se Kestiona parvo”. Neste tipo de ocorrência reconhece-se a violação das máximas conversacionais estando simultaneamente a violar-se o princípio de cooperação. Olivier Simonin (2010: 24) classificou os insultos de casos desviantes. Assim, através de conteúdos proposicionais polémicos que revelam estereótipos sociais, instala-se o conflito¹⁰⁸. Nesta perspetiva, pode afirmar-se que “(...) os atos descorteses podem ser reforçados até ao insulto...”

¹⁰⁷ Estrella Montolío (2001: 20-21) também realça a diversidade de denominações existentes “(...) llamamos *conectores*, *expresiones* o *secuencias conectivas* – y que la bibliografía reciente denomina también *marcadores del discurso*.”

¹⁰⁸ Kerbrat-Orecchioni (1986a: 24) considera que a cooperação e o conflito são duas propriedades do diálogo.

(Rodrigues, 2003: 198). Logo de seguida, os interlocutores procuram restabelecer o equilíbrio interacional ao atenuarem a agressividade colocada nas participações com o ato de justificação “cada um suas pancadas e gostos” e de conselho “ao menos faz num sítio com higiene”. Evi Kafetzi (2010: 1) evidencia que “(...) c’est dans la nature de l’être humain d’exercer une influence sur autrui, d’exercer son pouvoir sur autrui à travers la parole. La communication linguistique est avant tout, une recherche d’influence”. O locutor do sexo masculino, à medida que vai interagindo, passa a realizar trocas reparadoras. A utilização do código paraverbal “Lol” contribui para o evitamento do conflito. Reafirmando a sua posição, L7 procura impedir L1 de realizar a ação de fazer a tatuagem e, ao mesmo tempo, mostra-a inaceitável: “...Mas apelo a uma não realização da mesma”¹⁰⁹. Este ato de desacordo “(...) constitue une menace car il exprime une dissimilarité des points de vue...” (Traverso, 1996: 165).

Atentemos no segundo exemplo:

(2) INTERAÇÃO 10

Tema: Reflexão sobre frases

“L1: Não há dinheiro que pague felicidade, sentimentos e saúde e a todos que não sabem contornar o azar da saúde, lembrem-se que a força de vontade faz milagres e acima de tudo assim não impede ser feliz. gritem pa vocês mesmos "eu sou capaz" que haverá sempre alguém a vos mostrar isso.

L2: há 4 horas · Não gosto

(...)”

L2, numa sequência reativa à asserção anteriormente escrita, através do código verbal “Não gosto” vai atingir o narcisismo e desvalorizar a face do locutor do sexo feminino (L1) recorrendo a um enunciado descortês¹¹⁰. Este FTA (ato ameaçador para a sua face positiva) manifesta-se através de um ato expressivo e, por vezes, é visto como um ato diretivo indireto, pois apesar de expressar uma opinião suportada por um verbo

¹⁰⁹ Este exemplo remete para o fenómeno da polaridade negativa que Oswald Ducrot (1984: 221-222) refere existir em determinados casos do imperativo negativo.

¹¹⁰ Quando o importante é transmitir eficazmente uma informação, especialmente se essa é de interesse particular para o locutor (L1), a necessidade de concisão e clareza faz com que prevaleçam os princípios conversacionais sobre os da cortesia.

afetivo, ao usar a forma negativa pode pretender que L1 seja direto e pertinente no seu discurso, que explicita melhor o que pretende comunicar, porque pode não ter havido eficácia comunicativa. No entanto, enquanto ato indireto, também pode “(...) reforçar, destacar os aspectos menos positivos da intenção do falante” (Palrilha, 2009: 26).

Observemos, agora, o terceiro exemplo.

(3) INTERAÇÃO 15

Tema: acidente



L1: Ai que porraa :O !!! Bateram-te ou foste tu que bateste ?

29 de Dezembro de 2011 às 21:15 · Gosto

L2: linda o que se passou??? Tu estas bem ???

29 de Dezembro de 2011 às 21:19 · Gosto

L3: Foi contra outro carro. Isso foi enguiço de chamares escáfia.:P

29 de Dezembro de 2011 às 21:20 · Gosto

L3: Sim eu estou bem.:)

29 de Dezembro de 2011 às 21:20 · Gosto

L1: Criad acasalar os escáfias ahah mas dá para andar ou tens que investir em outro?

29 de Dezembro de 2011 às 21:21 · Gosto

L2: ha de td o mal estas bem ;)

29 de Dezembro de 2011 às 21:22 · Gosto

L3:Depende. Ele anda mas o arranjo deve ser caro, vamos ver o que compensa.

29 de Dezembro de 2011 às 21:23 · Gosto

L1:tira a porta fora e andas sem ela :) isso o arranjo da para comprares outro igual

29 de Dezembro de 2011 às 21:28 · Gosto

L4: Ui tas feita... lol enquanto tinhas carro pa bater a vontade nc bateste foi preciso ficares com este para tal...

29 de Dezembro de 2011 às 21:29 · Gosto

L4: lol

29 de Dezembro de 2011 às 21:29 · Gosto

L3:Mesmooo. O Escort que era ferro nunca me aconteceu.

29 de Dezembro de 2011 às 21:30 · Gosto

L4: Ai o m...lol

29 de Dezembro de 2011 às 21:59 · Gosto

L3:O m. nem sabe o que há-de fazer. Sabes de alguém que tenha carro para vender?

29 de Dezembro de 2011 às 22:00 · Gosto

L5:deixa lá... o importante é que estás cá para contar a história :)"

Esta interação estabelece-se com a apresentação de uma fotografia. O efeito surpresa, assim como o próprio acontecimento permitiram o interesse dos alocutários levando-os a exprimirem-se mais do que uma vez. Nela o implícito está sempre presente, pois o tema (um acidente de automóvel) nunca é expresso de forma direta.

L1 e L4, através da asserção avaliativa seguida do ato de pergunta, manifestam-se com um ato ameaçador para com a suposta vítima, pois invadem o seu território. “Ai que porraa :O !!! Bateram-te ou foste tu que bateste ?”; “Ui tas feita... lol”. É de realçar o recurso às interjeições “Ai” e “Ui” que, neste contexto, revelam preocupação. Nesta última proposição verifica-se a utilização do código verbal “lol” (riso) para atenuar a força do ato ameaçador.

É de evidenciar que, posteriormente, L1 recorre ao humor como manifestação de solicitude e de preocupação, mas também como tentativa atenuadora do seu ato ameaçador à face de L3: “**L1**:Criam acasalar os escáfias ahah ...”; “tira a porta fora e andas sem ela :)”. Norrick e Spitz (2008) acentuam que a ocorrência de estratégias humorísticas constituem “(...) estratégias discursivas de mitigação do conflito ...”. Ao mitigarem o conflito, contribuem para o restabelecimento do equilíbrio interacional e, na linha de Maria Aldina Marques (2008: 291), consideramos que “(...) os actos corteses de mitigação dos FTAs são sobretudo actos de construção da identidade”, contribuindo para o estabelecimento de uma *comunidade* com as suas crenças e pontos de vista.

Também se torna importante realçar a utilização da partícula *mas* com posicionamentos e valores diferentes¹¹¹. Assim, surge nos segmentos “**L1**:Criam acasalar os escáfias ahah *mas* dá para andar ou tens que investir em outro?” e “**L3**:Depende. Ele anda *mas* o arranjo deve ser caro, vamos ver o que compensa.” O primeiro posicionamento pode-se entender como inicial da proposição interrogativa “...*mas* dá para andar ou tens que investir em outro?” na medida que a interjeição “ahah” representa uma gargalhada e marca o fim de um segmento. Embora se considere que inicia uma proposição interrogativa apresenta um valor de marcador, pois não se articula com o enunciado precedente (ato assertivo): “Criam acasalar os escáfias ahah...”. O segundo posicionamento de *mas*¹¹² surge num encadeamento de ideias. Esta participação do locutor do sexo feminino (L3) inicia-se com a asserção “ele anda...”

¹¹¹ Oswald Ducrot *et alii* (1980: 99) classificaram este conector argumentativo segundo critérios geográficos (situação no contexto imediato):

I. *Mais* est à l’intérieur d’une réplique d’un locuteur X:

X: P *mais* Q

II. *Mais* est en tête de réplique et introduit un Q explicite:

X: *mais* Q

A. *Mais* enchaîne avec une réplique P d’un locuteur Y et marque l’opposition de X:

Y: P

X: *mais* Q

a. À l’acte de parole de Y disant P;

b. Aux conclusions que Y tire de P (bien que X admette la vérité de P);

c. À la vérité de P.

B. *Mais* enchaîne avec du non-verbal et marque l’opposition de X:

X: *mais* Q

a. à un comportement de Y (Y destinataire de *mais* Q);

b. à une situation;

c. à ses propres réactions.

III. *Mais* est en tête de réplique et n’introduit pas de Q explicite:

X: *Mais*...”

¹¹²Oswald Ducrot *et alii* (1980: 94) consideram que a diversidade de *mas* “(...) n’est qu’apparente et se réduit à la diversité de leurs conditions d’emploi. On ne pourrait plus parler alors d’une classification de différentes possibilités d’emploi d’un morphème dont la valeur sémantique reste identique.”

que aparece como um facto concreto e que a afirmação seguinte - "...mas o arranjo deve ser caro..."- se vai sobrepor sem a anular: "(...) Elle ne l'annule pas, en ce sens qu'elle la maintient au niveau des faits. Mais elle la dépasse, en ce sens qu'elle la disqualifie du point de vue argumentatif" (Ducrot *et alii*, 1980: 98). No segmento "...mas o arranjo deve ser caro..." subentendem-se, pelo menos, duas inferências: que a batida no carro deve ter sido forte e que, provavelmente, partiu várias peças. Assim, verifica-se que estas duas ideias têm estatutos diferentes: "(...) l'un, de présupposition, concernant, ...la mauvaise conduite antérieure de celui qui parle, et l'autre, d'assertion, qui a trait à sa presente sagesse" (*Idem*, 1980: 39).

No último segmento "...o importante é que estás cá para contar a história :)", L5 recorre a uma asserção-resumo, através do uso de um reparador (neste caso a justificação) para fecho das trocas conversacionais. Sónia Santos Alves (2007: 87) realça que "(...) são, sem dúvida, os procedimentos aditivos os mais activados (...) no término da interacção".

Considere-se agora o seguinte exemplo com um ato de ameaça:

(4) INTERAÇÃO 20

Tema: Agressividade

"L1: Vai haver "porrada" --
o c. bonzinho tarda nada passa a revolucionario XD

(...)

L6: Vamos é andar a porrada!!!!

há 3 horas · Gosto

L1: OH R., nao te quero bater pah XD
oh V. as vezes sou bonzinho de mais XD ha coisas que tem de mudar nao posso ser sempre pisado :X

há 3 horas · Gosto · 2

L3: Sempre? Nunca! Concordo completamente!

(...)"

José Pinto de Lima inscreve o ato de ameaça no conjunto dos atos compromissivos (Lima, 2007: 48). A direção de ajuste dos atos compromissivos é do mundo às palavras; o estado psicológico é a intenção de praticar a ação e a proposição expressa refere-se a uma ação futura.

Na sequência de abertura, L1 apresenta o tema através do ato de ameaça: “vai haver ‘porrada’ manifestando a sua raiva por algo que aconteceu. Ou seja, estamos perante um ato compromissivo cujo objetivo ilocutório “(...) é colocar o falante sob a obrigação de praticar uma acção” (Lima, 2007: 48). A proposição expressa refere a intenção de uma ação futura de agressividade, cometendo um ato ameaçador para a face dos alocutários. Tal como Alain Berrendonner (1981: 22) manifesta “(...) certaines valeurs perlocutoires (menacer, embarrasser, persuader, séduire, etc) sont, elles aussi, du domaine de l’action sur autrui...”. Contudo, nesta primeira participação, a sua asserção final apresenta um adjetivo no grau diminutivo para mostrar a necessidade de defender o território do seu “eu”, logo seguido de uma outra ameaça e do símbolo iconográfico “xd” que simboliza um sorriso: “o C. bonzinho tarda nada passa a revolucionário, xd”. Ou seja, verifica-se um FTA iniciativo seguido de um auto-FFA (estratégia de auto-valorização) reforçado pelo diminutivo “bonzinho” e atenuado pelo distanciador XD (símbolo iconográfico do riso).

Na sua segunda participação, através de um ato de evitamento, L1 sente necessidade de se dirigir a um internauta específico para explicitar que não o pretende agredir fisicamente e em seguida retoma a defesa do seu território e narcisismo através de um auto-FFA: “OH R., nao te quero bater pah XD oh V. as vezes sou bonzinho de mais XD ha coisas que tem de mudar nao posso ser *sempre* pisado:X.” Este trabalho de figuração comprova que “(...) chacun doit protéger sa face des menaces qui pèsent sur elle dès qu’il est en contact avec autrui, et pour y parvenir, il doit parallèlement préserver celle d’autrui” (Traverso, 1996: 36).

A ocorrência de um auto-FFA em conversações *online* parece advir “(...) da responsabilidade acrescida de que os agentes comunicantes *online* estão investidos, relativamente à construção da sua própria imagem, e do facto de essa construção se realizar exclusivamente através de práticas discursivas” (Alves, 2007: 92).

Ao recorrer ao argumento “... as vezes sou bonzinho de mais XD...”, L1 assinala o seu universo epistémico. O recurso ao segmento “...ha coisas que tem de mudar não posso ser *sempre* pisado...” funciona como ato de justificação e permite constatar um determinado horizonte de expectativas, pois não se limita a formular uma asserção factual. Em “...não posso ser *sempre* pisado...”, importa destacar que L1 atribui uma espécie de permanência ao argumento por ele circunscrito, pois a inserção de *sempre* com um valor temporal básico de expressão de frequência pretende viabilizar

“(...) a representação de uma situação verdadeira para um intervalo de tempo, ou seja, a situação envolve uma recorrência homogeneamente repartida por todo o intervalo de referência, intervalo esse cujas fronteiras podem ou não estar discursivamente especificadas. Trata-se, pois, de um quantificador temporal, que admite uma caracterização verocondicional clássica...” (Macário Lopes, 2006: 15).

Simultaneamente, a utilização do verbo *poder* no presente do indicativo (forma negativa¹¹³) seguida do verbo *ser* no infinitivo e do advérbio *sempre* conferem à proposição um valor aspectual cessativo que pretende indiciar “nunca”.

Assim, ao longo de toda esta interação virtual depreende-se que “(...) tout acte de langage peut donc être décrit comme un FTA, un FFA, ou un complexe de ces deux composantes” (Kerbrat-Orecchioni, 2002: 4). Todavia, importa não descurar que

“(...) une certaine dose de conflit est néanmoins nécessaire à la poursuite de l’interaction, car tout dialogue authentique implique une certaine différenciation des voix, et de la part des interactants, la revendication d’une identité qui ne peut s’affirmer qu’à partir de la reconnaissance partielle d’une différence” (Kerbrat-Orecchioni, 1986a: 24).

Ao longo do *corpus* também se verifica a existência do ato de agradecimento que constitui uma estratégia discursiva de valorização da face positiva do alocutário, contribuindo para a cooperação na interação e o equilíbrio das faces nas trocas discursivas *online*.

¹¹³Mateus *et alii* (1992: 110) evidenciam que a negação “(...) é uma operação de modificação que actua sobre os vários tipos de modalidades – lexicalizadas, proposicionais, ilocutórias e pragmáticas – contrariando-as ou contradizendo-as”.

2.5. ATOS DE AGRADECIMENTO

Segundo a tipologia de Searle (1984), o ato ilocutório de agradecer insere-se na classe dos atos ilocutórios expressivos cujo objetivo é exprimir o estado psicológico especificado no conteúdo proposicional. O traço que o distingue é que o locutor não ajusta as palavras ao mundo nem o mundo às palavras e constitui uma fórmula de rotina.

Foram identificados dois exemplos com atos de agradecimento.

Observemos a primeira unidade de análise.

(1) INTERAÇÃO 4

Tema: Agradecimento

“**L1:** :) amigos obrigado por todos os momentos, espero que haja melhores....nunca vos esquecerei miudas da EPADRC e da ESRBP..... saudades adoro-vos

há 18 minutos · Gosto ·

-
- 4 pessoas gostam disto.

L2: nunca me vou esquecer de tiiiiii

5/7 às 2:24 · Gosto

L3: Adoro te

5/7 às 10:59 · Gosto

L4: Adoro-te mt e obrigado mesmo.....

5/7 às 22:56 · Gosto

L5: adoro-te j.*

6/7 às 11:36 · Gosto

L5: *j.

6/7 às 11:36 · Gosto

L6: ADORO-TEE ♥

6/7 às 22:26 · Gosto

L1: adoro-vos mesmo e ja tenho saudades...

há 18 minutos · Gosto

L1: :(

há 18 minutos · Gosto

Nesta interação, iniciada por um locutor do sexo feminino (L1), a sequência de abertura apresenta um ato de delicadeza positiva para com a face positiva dos interlocutores, pois expressa o agradecimento e o elogio implícito (ato expressivo indireto) antecedido pelo *smiley* (cara alegre). Exemplo: “:) amigos obrigado por todos os momentos...” Assim, a sua primeira participação apresenta uma estratégia de cooperação: utiliza o marcador de agradecimento *obrigado* e o quantificador universal *todos*, para valorizar as faces dos interlocutores e exprimir um estado psicológico (de agradecimento) relativamente a um estado de coisas especificado num determinado conteúdo proposicional. Ao realizar um ato expressivo,

“(...) o locutor não pretende que as suas palavras construam o mundo, determinando a sua realidade, nem que o configurem mimeticamente, antes pressupõe a verdade da proposição por si expressa, condição de sinceridade do acto, e que conta com uma propriedade consigo relacionada ou com o alocutário” (Gouveia, 1996: 397).

É ainda importante referir que esta interação se encontra fortemente ritualizada, pois L1 desenvolve atos “(...) dans le but de démontrer à un autre, avec qui il est en interaction, qu’il le reconnaît, le respecte, l’estime et parallèlement qu’il est lui-même digne de respect et d’estime” (Traverso, 1996: 39). No segmento final “...nunca vos esquecerei miudas da EPADRC e da ESRBP.....”, L1 utiliza acrónimos e siglas para reforçar o sentimento de pertença a esta comunidade. Michel Marcoccia (2002: 5) explica que “(...) une communauté de paroles doit permettre à ses membres de se construire une identité communautaire, une manière d’être reconnu au sein du groupe”. Contudo, estes símbolos são mais do que simples marcadores de identidade. Estas novas formas de comunicação

“(…) traduisent non seulement l’appartenance à un groupe mais également l’adhésion à un ensemble de valeurs. Ces conventions de communication sont en grande partie indépendantes du langage quotidien: elles peuvent être utilisées aussi bien dans la pratique de la langue dominante que dans celle de la langue minoritaire” (Gumperz, 1989: 12).

Os outros locutores, através de atos ilocutórios expressivos e de participações pontuais, estabelecem um espaço interacional com um claro envolvimento cooperativo recorrendo à cortesia positiva. Para isso utilizam expressões com verbos afetivos (esquecer, adorar). Exemplos: “Nunca me vou esquecer de tiiii”; “Adoro-te”. A cooperação conversacional existe, pois esta supõe

“(…) non seulement que la communication passe par des mots pris dans leur sens littéral mais aussi qu’il y ait, au cours de l’interaction, une construction de conventions, négociées selon la situation et permettant d’interpréter les tâches discursives” (Gumperz, 1989: 23).

Na interação de fecho, L1 recorre ao ato expressivo “Adoro-vos *mesmo* e *já* tenho saudades...”. Nele estão presentes argumentos que, segundo José Portolés (2001: 96) “(...) teniendo la misma orientación, poseen distinta fuerza” e marcadores¹¹⁴ que funcionam como intensificadores para marcar o grau de amizade. Por exemplo, *já* surge como operador aspetual:

“(…) marca uma transição entre estados de coisas e funciona como um ativador pressuposicional¹¹⁵ que tem a propriedade de focalizar aspetos da proposição expressa, deixando implícita (numa proposição facilmente recuperável) uma comparação com uma situação em que não se verificam esses aspectos”(Morais, 2003: 10).

Com a argumentação, L1 também incorre na consequência da restrição. Ou seja, limita a possibilidade de continuação do seu discurso.

“(…) après avoir avancé un argument on ne peut plus dire tout ce que l’on veut. On a accompli une énonciation marquant explicitement que l’on s’engage dans une certaine classe de cohérence, et il n’est plus possible d’en sortir, sous peine d’inconvenance” (Berrendonner, 1981: 236).

Algumas das interações de fecho revelam a passagem da comunidade ao isolamento. Com efeito

¹¹⁴Um mesmo marcador pode incluir no seu significado instruções semânticas de tipos distintos. Embora as principais sejam “(...) las argumentativas, las de formulación y las de estructura informativa. Ello no significa que sean las únicas que se pueden proponer para los marcadores” (Portolés, 2001: 86).

¹¹⁵Daí a possibilidade de descrever o conteúdo destes marcadores como pressuposições: “(...) ce contenu a en effet en commun avec les autres pré-suppositions d’être présenté comme déjà admis, reconnu par l’énonciateur, qui y souscrit” (Berrendonner, 1981: 235).

“(...) à l’instant où ils se séparent, les interactants ont à gérer le fait qu’ils ne se verront plus durant un temps plus ou moins long, ils ont donc tendance à prolonger la séquence de clôture, à passer en revue certains thèmes de la conversation qui vient d’avoir lieu, à lancer des projets pour la prochaine rencontre et à se présenter des souhaits ainsi que des remerciements” (Traverso, 1996: 75).

É importante salientar que nas participações “... nunca vos esqueceri...” e “...nunca me vou esquecer de tiiiiiii...” se verifica a existência de um traço hiperbólico¹¹⁶. De um modo geral, nas interações verbais somos impelidos a que “(...) on adoucisse les FTAs, et qu’on renforce les anti-FTAs; qu’on litotise les comportements impolis, et qu’on hyperbolise les comportements polis” (Kerbrat-Orecchioni, 1992: 228).

Os traços prosódicos patententes em “...nunca me vou esquecer de tiiiiiii...” e “ADORO TEE...” permitem constatar que, além dos sintáticos e lexicais, também estes devem ser tomados em conta para a pressuposição. Segundo Erving Goffman (1986: 67) servem “(...) entre autres choses, à distinguer les faits décisifs pour le locuteur de ceux qu’il estime moins critiques...”. Como atos ilocutórios expressivos, Silvéria Maria Ramos Palrilha (2009: 34) identificou os seguintes: pedir desculpa, agradecer, congratular-se, condoer-se, deplorar, lamentar, dar as boas-vindas, perdoar, vangloriar-se, saudar, desejar, expressar um gosto.

Estes interlocutores também recorrem aos códigos de comunicação “gosto” e à linguagem não verbal (*smiley* ☺; *corações* ♥ e olhos a brilhar *) para reforçar a expressividade dos seus atos de delicadeza positiva, pois o estado psicológico é a gratidão e o reconhecimento. Mourlhon-Dallies & Colin (1995) consideram que os *smileys* descrevem o estado de espírito do locutor tendo uma função de autorretrato ou de ilustração daquele que produz a mensagem¹¹⁷.

Observemos agora o segundo exemplo.

(2) INTERAÇÃO 6

Tema: Agradecimento

“L1:O negócio está a correr muito bem, obrigado.”

¹¹⁶No entanto, importa não descurar que a hipóbole “(...) joue fréquemment le rôle d’un indice d’ironie. Ainsi, curieusement, l’antiphrase est d’autant plus manifeste que l’énoncé est plus hyperbolique” (Berrendonner, 1981: 187).

¹¹⁷*Apud* Michel Marcoccia (2000: 3).

Este locutor, na sua única participação, recorre a um ato de delicadeza positiva para com a face positiva de um interlocutor virtual não assumido, pois através da asserção avaliativa “O negócio está a correr muito bem...” e do ato ritual mais ou menos convencionalizado de agradecimento “...obrigado.”, manifesta apreço pela atenção à sua vida pessoal. Assim, pode afirmar-se que o conceito de figuração “face-work” se aplica a esta expressão. Ela designa tanto um trabalho de manutenção dando sinais de ratificação e de respeito (deferência) para com a identidade reivindicada de outro locutor como de ato confirmativo de identidades. De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1987: 10), o locutor que realiza um ato de agradecimento coloca-se numa posição baixa, de devedor, em relação ao interlocutor. Além disso, L1, com o marcador *obrigado* revela que algo se encontra num decurso positivo. Este traço encontra-se na natureza aspetual do verbo **estar** que exprime a passividade de estado, no intensificador *muito* que remete para uma quantidade indefinida e no advérbio de modo *bem*.

Helena Carreira (2001: 92) considera ainda que o agradecimento pode ocorrer reforçado: “(...) as realizações de agradecimento, expressas frequentemente através de fórmulas, são em geral reforçadas (ex: “(muito) obrigado!/agradeço-lhe imenso/imensamente/muito/ muitíssimo/imensamente agradecido”).”

No exemplo em análise, sendo uma afirmação, esta enunciação resulta “(...) d’un choix, c’est-à-dire de la décision prise d’apporter une certaine information à propos d’un certain objet” (Ducrot, 1984: 186).

Seguido de um ato com o valor ilocutório de asserção-resumo, o ato de agradecimento prepara o fecho da interação conversacional¹¹⁸.

Outro dos atos patente no *corpus* é o convite.

2.6. ATOS DE CONVITE

O convite, na linha de Searle, é considerado um ato diretivo, orientado para o alocutário realizar um ato futuro Q. Sendo também um ato com uma dimensão

¹¹⁸“Os votos, tal como os agradecimentos e os projectos, constituem ‘actos de fecho’” (Almeida, 2007: 64).

comissiva apresenta largas convergências com o ato de oferta¹¹⁹ e evidenciando um forte interrelacionamento, mesmo sequencial, entre aqueles atos. Carla Almeida considera-o um “ato directivo comissivo” (1998: 208) assinalando que as semelhanças entre o convite e a oferta se situam: “a) ao nível da intervenção iniciativa e da intervenção reactiva; b) ao nível da organização preferencial; c) ao nível dos movimentos discursivos de cariz mais marcadamente interactivo”.

Observemos agora os cinco atos com o valor ilocutório de convite que se considera existirem.

(1) INTERAÇÃO 5

Tema: Convite

Nesta sequência inicial de abertura, o locutor de sexo feminino (L1) recorre a um ato com o valor ilocutório de convite que constitui uma estratégia de delicadeza positiva (de valorização do Outro) para com a face negativa do alocutário: “(...) sendo um acto que pertence à classe dos actos directivos comissivos, exige a aceitação (sequência preferida) ou a recusa (sequência não preferida) e/ou ratificação do alocutário” (Almeida, 2006: 68).

Atente-se:

“**L1:** *olha* eu pelo menos devo de andar por lá se quiseres aparece :P

L2: ok ;)”

Como ato indireto, este convite apresenta um carácter informal. A informalidade encontra-se patente: na coocorrência do marcador interativo *olha*¹²⁰ que é um estruturador do discurso oral e que aparece no discurso espontâneo com um carácter fático; no futuro do conjuntivo¹²¹ do verbo modal *querer*¹²² e na finalização da

¹¹⁹Carla Almeida (1998: 217) identifica um traço que distingue o convite da oferta: “(...) é o que respeita à orientação dos actos: o convite está mais orientado para o alocutário, tentando levá-lo a efectuar algo com o locutor, enquanto que a oferta, embora se oriente para o alocutário, incide mais sobre o papel e/ou compromisso do locutor”.

¹²⁰Inês da Conceição Pinto de Oliveira (2010: 28) classificou-o como marcador de advertência.

¹²¹David Rodrigues (2003: 210) destaca que o conjuntivo atenua a rudeza da diretividade.

proposição com o código iconográfico “:P” que simboliza pôr a língua de fora em sinal humorístico e de afeto (campo não verbal). Cosnier & Brossard (1984: 25) consideram que a comunicação não verbal e paraverbal contribuem para a manutenção da relação assim como da sincronização interacional¹²³.

Quanto ao convite, este “(...) pode ser expresso, numa situação informal, por um imperativo acompanhado de uma entoação que sugere um desafio cúmplice...” (Carreira, 2001: 92). De facto, o segundo verbo, *aparece*, denota um traço injuntivo. Com efeito, este ato é classificado, na linha de diversos autores, como um ato híbrido pois, embora esteja no campo da delicadeza positiva, pode ser sentido como imposição. Também importa acrescentar que “(...) representa um acto onde a dimensão de contrato com o alocutário leva a que locutor e alocutário procurem chegar a um acordo sobre uma futura actividade conjunta, a qual empenha os dois interactantes...” (Almeida, 1998: 215).

Cunha & Cintra (1999: 474-476) evidenciam que o imperativo, nas suas formas próprias e supletivas pode exprimir ordem, mas também concordância, exortação, conselho; convite, solicitação; súplica ou hipótese em lugar de asserções condicionadas.

A sequência reativa do interlocutor feminino valoriza a face positiva do locutor feminino, pois ao aceitar o convite através da expressão *ok* desenvolve um ato de delicadeza positiva para com a sua face positiva. A aceitação é selada pelo símbolo iconográfico “;)” que significa um piscar de olho. Esta comunicação não verbal também permite subentender a cumplicidade. John Gumperz (1989: 12) considera que “(...) ces conventions parviennent à refléter l’identité du groupe lui-même et peuvent être utilisées par les participants partageant ses valeurs comme des dispositifs de persuasion dans les situations quotidiennes de communication”. Acresce salientar a inexistência de ato de agradecimento, devido ao elevado grau de familiaridade e de simetria de poderes.

Atentemos na segunda interação.

¹²²Helena Carreira (1995) *apud* David Rodrigues (2003: 215) explicita que o verbo modal querer “(...) étant par nature prospectif, garde ce trait même lorsqu’il se presente comme subissant un injonction. C’est son sémantisme prospectif qui le rend apte à l’atténuation d’un ordre, d’autant plus que la visée de l’injonction transforme l’allocutaire en source déontique de son propre FAIRE/DIRE” (Carreira, 1995: 232).

¹²³*Apud* Michel Marcoccia (2000: 3).

(2) INTERAÇÃO 14
Tema: Convite para festa

“**L1, L2** e 47 outras pessoas.

4/1



6Gosto · Partilhar

L3 e 13 outras pessoas gostam disto.

L4: Bora lá pessoal ;))

4/1 às 19:04 · Gosto · 3

L5: sigaaaaaaa

Quinta-feira às 19:34 · Gosto · 1

L6: Bora laaaaa!!!!

Quinta-feira às 19:38 · Gosto”

A abertura conversacional desta interação faz-se através de um ato indireto de convite, pois o locutor (L1) apresenta um cartaz publicitário alusivo a uma festa com o objetivo ilocutório de levar os interlocutores a praticarem uma ação. Realçamos, na linha de Carla Aurélio de Almeida (1998: 157), aspetos similares entre o ato de convite e de oferta. Por exemplo, tanto um como o outro, se realizam quase sempre de modo indireto.

Na sequência reativa, os vários internautas (13) expressam-se indiretamente, de forma positiva, com o código verbal “gosto” implicando a aceitação.

Em seguida, L4 continua de forma indireta a fazer um convite, mas procura verbalizá-lo: “Bora lá pessoal;))”. Este remete para o implícito, pois a palavra “festa” nunca é referida e recorre ao deíctico de lugar “lá” que lhe imprime um traço de ambiguidade. Importa realçar que uma das funções das expressões deícticas é apontar para o contexto situacional e, deste modo, ao serem utilizadas num discurso, adquirem um novo significado, uma vez que o seu referente depende do contexto. Émile Benveniste (1992: 4) acrescenta que “(...) ce sont les indicateurs de la deixis, démonstratifs, adverbes, adjectifs, qui organisent les relations spatiales et temporelles autour du “sujet” pris comme repère...”.

L4 recorre ao *smiley* sorridente para finalizar a sua intervenção, atenuar¹²⁴ a força injuntiva da frase e expressar entusiasmo. Michel Marcoccia (2000: 260-261) também considera que o seu uso é “(...) un indice d’appartenance à la communauté.”

A esta participação segue-se outra que denota concordância, aceitação do convite: “sigaaaaaa”.

O ato de convite, tendo uma dimensão diretiva comissiva, apresenta um carácter híbrido. Carla Aurélia de Almeida (1998: 165) explica que

“(...) a dimensão comissiva corresponde claramente ao estabelecimento de um compromisso da parte do locutor; a dimensão directiva, por sua vez, residirá na circunstância de aqueles actos envolverem um apelo ao alocutário no sentido de este ratificar a intenção do locutor de os realizar/concretizar.”

De facto, verifica-se que as formas verbais “Bora” e “sigaaaaa”, apresentam um valor de injunção, mas também de aceitação. David Rodrigues (2003: 196) considera que “(...) com as formas de imperativo, o locutor atribui, por isso, a si próprio um certo estatuto de autoridade e ao seu alocutário um certo estatuto de inferioridade mesmo que este não reconheça nem aceite um e/ou outro desses estatutos.” A última forma verbal, com a repetição da vogal *a*, permite percecionar uma determinada entoação prosódica que denota alegria.

Para fecho desta interação verbal, um outro participante (L6) manifesta o seu desejo e concordância recorrendo a uma frase similar à primeira: “Bora laaaaa!!!”. Contudo é mais curta e está intensificada no deíctico “laaaaa” com a repetição da vogal *a* e do ponto

¹²⁴Sónia Santos Alves (2007: 90) realça que determinados procedimentos aditivos de figuração servem de atenuadores.

de exclamação. Salientamos, assim, que estes fenómenos discursivos indiciam o estabelecimento de uma comunidade que partilha crenças, opiniões e gostos: Erving Goffman (1986: 63) refere que “(...) un grand nombre de présuppositions sociales dans le discours sont, semble-t-il, systématiquement représentées à travers le choix des mots, leur mise en ordre, leur prosodie et leur intonation”.

É importante realçar que, neste ato de convite, a aceitação é, muitas vezes, indireta. De facto, o recurso a aceitações mitigadas é muito frequente nas interações verbais, pois “(...) le destinataire ne peut immédiatement accepter sans atténuation un objet présenté à son bénéfice”(Conein, 1986: 118).

Analisemos agora o terceiro exemplo.

(3) INTERAÇÃO 16

Tema: encontro de amigos

“**L1:** Como é vai um copinho????

18/1 às 10:11 · Gosto

L2: Quarta Feira...=)

Sexta-feira às 20:00 · Gosto

L3: Saudades dos velhos tempos :)

há 5 horas · Gosto · 2

L1: Os tempos sao velhos quando abdicamos de os viver...sao eternos sem nunca os esquecer =)

há cerca de uma hora · Gosto”

Esta interação sendo verbalizada apresenta uma sequência de abertura caracterizada por um convite. Ou seja, um ato de delicadeza positiva para com a face negativa dos alocutários. O campo do implícito também está presente, pois nunca é utilizada a palavra convite¹²⁵, não se dirige a destinatários específicos e encontra-se matizada com

¹²⁵Para Kerbrat-Orecchioni (1986b: 15) “(...) les contenus ancrés indirectement se greffent sur un (ou plusieurs) contenu(s) hyper-ordonné(s) sans posséder de signifiant propre – sauf à considérer celui-ci comme virtuellement présent, mais effacé en surface; c’est-à-dire: *élide*”.

um ato de oferta. De facto, como o convite e a oferta são atividades que implicam uma interação social, o objeto destas trocas conversacionais tem um carácter complexo e “(...) fixer une limite à l'étendue de ce segment présente une difficulté réelle” (Conein, 1986: 112). Este caso em particular de oferta de uma bebida trata-se de um ritual positivo. Segundo Véronique Traverso (1996: 39), “(...) il s’accomplit par la réalisation de certains actes spécifiques et repérables effectués de façon quasi-systématique”.

Nesta proposição inicial surge a expressão própria da oralidade “Como é”, seguida do diminutivo “copinho” finalizada pela repetição do sinal de interrogação que pretende reforçar o sentido eufórico e enfático da questão colocada. Carla Aurélia de Almeida (1998: 162) refere que “(...) o uso da interrogação é mais frequente do que o da asserção na medida em que a oferta é um acto onde a dimensão de negociação (ou de contrato) com o alocutário é bastante acentuada.”

O primeiro alocutário (L2) responde positivamente, de forma indireta, sugerindo o dia: “Quarta Feira...=)”. A esta proposta anexa um símbolo iconográfico, para atenuar a força injuntiva da frase. Verifica-se que por dever social e moral, o alocutário evita ferir a suscetibilidade do interlocutor com a rudeza de uma ordem. David Rodrigues (2003: 198) remete para a noção de FTA e das estratégias de cortesia utilizadas na sua realização, pois existem numerosos meios para enfraquecer a noção de comando¹²⁶.

Um outro internauta (L3) participa mostrando partilhar a competência enciclopédica (Kerbrat-Orecchioni, 1986b) do locutor ao estabelecer a cumplicidade através da asserção “Saudades dos velhos tempos☺” e do *smiley* sorridente. Michel Marcoccia (2000: 3) considera que o uso deste símbolo iconográfico pode ser “(...) une manière d’exprimer son émotion et de donner une tonalité particulière à l’échange.”

A interação de fecho apresenta o recurso a asserções avaliativas cujo conteúdo permite constatar essa cumplicidade e a vontade de manter a amizade “**L1:** Os tempos sao velhos quando abdicamos de os viver...sao eternos sem nunca os esquecer =)”. A utilização das reticências implícita algo que fica por dizer e o símbolo iconográfico intensifica a cumplicidade. Assim, verifica-se que

“(...) tanto o princípio de cooperação como as máximas conversacionais, enquanto princípios que descrevem características gerais de comportamento linguístico, cruciais para toda a comunicação, dão expressão ao nosso conhecimento empírico de que, como falantes, somos cúmplices uns dos

¹²⁶Por exemplo, a entoação dada à frase pode atenuar a força da ordem. Ou seja, conforme o tom de voz, a noção de comando pode enfraquecer-se até à súplica.

outros na realização dos nossos objectivos ilocutórios” (Gouveia, 1996: 403).

Neste ato indireto de convite também se verifica a aceitação mitigada. Para Bernard Conein (1986: 119-120) além das regras da delicadeza e da deferência, existe algo de mais complexo que é o saber da relação social:

“(…) Plutôt que de dire que l’offre et l’invitation sont des activités institutionnelles gouvernées par des règles, il serait plus juste de dire qu’elles sont produites comme réglées par l’activité locale interactionnelle des participants.”

Atentemos neste outro exemplo.

(4) INTERAÇÃO 19

Tema: Elogio físico e psicológico

“(…)

L2: ok pode ser que um dia nos encontremos..

Sexta-feira às 23:09 · Gosto · 1

L1:era fixe, poder encontrar-t ;) uma rapariga bonita inteligente e com mt força e fé, *estou certo?*

Sexta-feira às 23:11 · Gosto

(…)”

Neste ato de convite indireto verifica-se uma situação diferente das que já foram analisadas: L2 potencia a possibilidade de um encontro ao afirmar “ok pode ser que um dia nos encontremos...”. Perante tal asserção, L1 (locutor masculino), avança com um ato de delicadeza positiva para com a face positiva de L2: “era fixe, poder encontrar-te ;) uma rapariga bonita inteligente e com muita força e fé, *estou certo?*”, recorrendo ao pretérito imperfeito do verbo **ser** como expressão de cortesia e à pergunta-tag “estou certo?” como estratégia de apelo ao consenso (Almeida, 2012). De seguida, para valorizar o seu convite, L1 utiliza um ato de elogio intensificado pelos adjetivos *bonita*

e *inteligente*, assim como pelos nomes *força* e *fé*. Também a utilização do conector¹²⁷ de adição *e* permite a L1 reforçar a sua opinião sobre as muitas qualidades de L2. Para esta capacidade de reforço contribui a correção gramatical do enunciado, assim como ser pragmaticamente adequado. Estrella Montolío (2001: 31) explica que

“(...) el significado de los conectores consiste en una instrucción al receptor para que procese la información que sigue a la partícula conectiva manteniendo con la información precedente una determinada relación (por ejemplo, causa-consecuencia; argumento-contrargumento; hipótesis-consecuencia; nueva información sobre el mismo tema...”.

Contudo, importa relevar que um ato efetuado com o objetivo de mostrar ao outro que o apreciamos é uma anti-ameaça para a sua face, mas uma ameaça para o seu território pois reduz a distância social. Assim “(...) tout acte peut être interprété comme menace et/ou anti-menace pour la face et/ou le territoire de chacun des interlocuteurs” (Traverso, 1996: 37).

Kerbrat-Orecchioni (1998: 215) evidencia que uma relação de tipo igualitário “(...) est particulièrement propice à la production et à l’échange de compliments”. Na finalização desta asserção coocorre a pergunta-tag “... *estou certo?*” que pretende a ratificação daquilo que afirmou para poder continuar a interação verbal.

Observemos o quinto e último exemplo.

(5) INTERAÇÃO 20

Tema: Agressividade

(...)

“**L7:** Bora, bora!

há 2 horas · Gosto · 1

L1: Mariabora pra escola pah XD

há 2 horas · Gosto”

(...)

¹²⁷Estrella Montolío (2001: 34) evidencia que um conector “(...) no puede proponer una relación entre informaciones que entre en contradicción com nuestros conocimientos sobre el mundo (...) o bien que se base en supuestos que desconocemos...”

Este ato indireto de convite, realizado por L7, surge na parte final de uma interação que apresentou alguma conflitualidade. Nesta fase de fecho, ao ser acionado o sistema de regras de cortesia, com a produção de estratégias de delicadeza, como o convite, procura-se “(...) não pôr em causa a relação interlocutiva instituída (dimensão pragmática do discurso)” (Almeida, 2007: 59). “Bora, bora”, inserido no seu contexto situacional, apresenta um carácter informal e injuntivo, mas também funciona como estratégia de evitação da ameaça potencial dos atos. O recurso ao símbolo iconográfico XD contribui para a evitação da ameaça, pois permite a atenuação. Assim, nesta interação conversacional verifica-se a ocorrência de estratégias de delicadeza negativa com a realização de *atenuadores*. Apesar da informalidade, trata-se de um convite que não deixa de representar “(...) um acto onde a dimensão de contrato com o alocutário leva a que locutor e alocutário procurem chegar a um acordo sobre uma futura actividade conjunta, a qual empenha os dois interactantes” (Almeida, 1998: 215).

Perante a resposta de L1, na qual é expresso o lugar onde se realizará o encontro expresso no ato de convite, subentende-se “o par adjacente convite-aceitação” (Almeida, 1998: 208).

Outro ato presente nestas interações é o de oferta.

2.7. ATOS DE OFERTA

A oferta, sendo um ato comissivo, tem:

“(...) um valor social de troca, sendo uma actividade (social) que só se realiza dizendo, apresentando um dimensão sequencial determinada pelo carácter susceptível de revisão e não estável dos papéis, o qual permite dar conta do dinamismo da interacção verbal, na qual todo o locutor procura agir (dizendo) sobre o alocutário” (Almeida, 1998: 217).

No *corpus* foram assinalados dois atos de oferta.

Observemos o primeiro exemplo.

(1) INTERAÇÃO 19

Tema: Elogio físico e psicológico

(...)

L4: Se quiseres vou-te buscar ao terminal da camioneta não me custa nada...

Sexta-feira às 23:31 · Gosto

(...)

Sendo um ato ilocutório de oferta apresenta um caráter comissivo. Este ato de oferta partilha “(...) com a promessa não só a orientação presente-futuro do estado de coisas correspondente ao conteúdo proposicional, como também a presença de uma dimensão avaliativa positiva sobre tal conteúdo e ainda a assunção por parte do locutor de um compromisso” (Almeida, 1998: 158). De facto, L4 oferece uma boleia “se quiseres vou-te buscar...” demonstrando uma dimensão de avaliação axiológica positiva realizada através da asserção “...não me custa nada...”. Este ato comissivo permite ainda a valorização da face do alocutário e contribui “(...) para criar uma certa afetividade entre os interlocutores...” (Carreira, 1995: 226-274)¹²⁸. Na construção desta afetividade, o uso do tratamento de “tu” também tem um papel relevante. Kerbrat-Orecchioni (1986: 62) refere que esta forma de tratamento “(...) connote, confirme ou institue un lien particulier (familiarité, intimité...) entre les interactants”.

É importante realçar que a sua realização é indireta. L4 escolhe a forma indireta de um ato de discurso para introduzir um ato não solicitado pelo alocutário do sexo feminino.

Ao iniciar a sua frase com a expressão “se quiseres...” apresenta como condição primordial a aceitação do alocutário. Daí a oferta ser caracterizada como um ato ilocutório condicional. Outra ilação presente nesta proposição encontra-se patente no marcador condicional *se* posicionado no topo, indicando que este deriva de uma sequência conversacional¹²⁹. Importa ainda relevar neste ato de oferta o facto de L4 manifestar uma forma de submissão ao expor-se. Ou seja, a partir do momento que formula o convite fica fragilizado e comete um auto-FTA, pois já não pode retroceder e arrisca-se a que o locutor do sexo feminino não aceite: “(...) On ne lui reconnaît plus le

¹²⁸Apud David Rodrigues (2003: 180).

¹²⁹Estrella Montolío (2001: 23) realça que estas unidades conectivas “(...) pueden servir tanto para unir oraciones, como para relacionar párrafos entre sí.”

droit de soutenir une opinion opposée. Il s'ensuit qu'on augmente les possibilités d'infraction, liées à chacune de ses énonciations ultérieures, et, dans la même proportion, le risque de sanctions encouru à chaque acte locutoire” (Berrendonner, 1981: 237).

Observemos agora este outro exemplo.

(2) INTERAÇÃO 20

Tema: Agressividade

“(…)

L4: Eu ofereço me para saco de box :D mas vai com Calma

há 3 horas · Gosto · 2

(…)”

Neste ato direto de oferta verifica-se que o contexto situacional é um fator relevante na produção e receção do significado. Todavia, o elo de ancoragem encontra-se na deixis pessoal “Eu” e “me”, pois funciona como

“(…) instrumento configurador de quadros de referência que modelizam universos de discurso, permitindo ao falante jogar com entidades, processos, eventos, objectos, etc., que podem não pré-existir ao contexto de enunciação, ou que, pré-existindo, não fazem necessariamente parte do mundo real” (Gouveia, 1996: 414).

De facto, este ato de oferta “(…) aponta para um projecto semântico-pragmático que não tem concretização” (Fonseca, 1994: 118).

Importa assinalar que o recurso à metáfora¹³⁰ “...saco de box...” com um sentido humorístico¹³¹ intensificado pelo pictograma “:D”, assim como a finalização da proposição com o ato de conselho “...*mas* vai com calma” contribuem para o evitamento do conflito. Contudo, tanto a cooperação como o conflito

¹³⁰Sobre a metáfora, Alain Berrendonner (1981: 185-186) refere que “(…) il n'est pas étonnant que certaines puissent être qualifiées d'ironiques, et d'autres non, cependant que toutes comportent une contradiction”.

¹³¹Oswald Ducrot (1984: 213) atribui um carácter polifónico ao humor definindo-o como uma forma de ironia, pois “(…) présenté comme le responsable d'une énonciation où les points de vue ne sont attribués à personne, le locuteur semble alors extérieur à la situation de discours: défini par la simple distance qu'il établit entre lui-même et sa parole, il se place hors contexte et y gagne une apparence de détachement et de désinvolture”.

“(…) sont deux composantes également nécessaires à la poursuite d’un dialogue, qui doit se garder sur ses deux flancs opposés: d’un côté, l’excès de conflit peut entraîner la mort de l’interaction, voire des interactants; mais de l’autre, l’excès de consensus ne mène lui aussi qu’au silence” (Kerbrat-Orecchioni, 1992: 148).

Outro fator relevante é que

“(…) este trabalho de figuração percorre largamente as interações em que se concretiza um acto de oferta, projectando nelas dimensões matizadas de cortesia/delicadeza, nomeadamente da parte do alocutário que faz regularmente acompanhar a aceitação da oferta de manifestações explícitas de delicadeza positiva para com a face positiva do locutor” (Almeida, 1998: 172).

Também é importante salientar que a ocorrência do marcador *mas*¹³² no segmento “...*mas* vai com calma” estabelece uma implicatura convencional, pois as possíveis inferências estão convencionalmente condicionadas. Em suma, este marcador “(…) sea cual sea el contexto, nos dice que la conclusión a la que se ha de llegar será una que se obtenga del miembro del discurso que lo sigue y no del que lo precede” (Portolés, 2001: 18).

Atentemos agora nos segmentos com atos de elogio.

2.8. ATOS DE ELOGIO

O elogio insere-se no conjunto dos comentários avaliativos. Ou seja, “(…) são segmentos reveladores da construção conjunta ou co-construção dos rumos discursivos que os participantes realizam” (Almeida, 2008: 17).

Nestes contextos, ocorrem, regularmente, atos ilocutórios de elogio. Observemos alguns destes exemplos.

¹³²No entanto nem todos os elementos conectivos apresentam as mesmas propriedades gramaticais e sintáticas. Estrella Montolío (2001: 35) dividiu os conectores em dois grandes grupos: os parentéticos que se posicionam entre pausas (sinais de pontuação) e os integrados na oração que não se encontram entre sinais de pontuação. Para a autora, estes últimos apresentam um elemento subordinante na sua formação, no qual também inclui os elementos tradicionalmente considerados conjunções.

(1) INTERAÇÃO 10

Tema: reflexão sobre frases

“L1: Não há dinheiro que pague felicidade, sentimentos e saúde e a todos que não sabem contornar o azar da saúde, lembrem-se que a força de vontade faz milagres e acima de tudo assim não impede ser feliz. gritem pa vocês mesmos "eu sou capaz" que haverá sempre alguém a vos mostrar isso.

(...)

L1, L3 e 7 outras pessoas gostam disto.

L3: gosto tanto das palavras :D”

Verifica-se, nesta participação de abertura, que o locutor do sexo feminino (L1) utiliza uma asserção para iniciar a interação: “Não há dinheiro que pague felicidade, sentimentos e saúde...” e num outro segmento vários atos de conselho: “...e a todos que não sabem contornar o azar da saúde, lembrem-se que a força de vontade faz milagres e acima de tudo assim não impede ser feliz. gritem pa vocês mesmos ‘eu sou capaz’ que haverá sempre alguém a vos mostrar isso.” L1 recorre ao *ethos* para dar de si mesmo uma imagem favorável, imagem que compreende o seguinte:

“(...) l’apparence que lui confèrent le débit, l’intonation, chaleureuse ou sévère, le choix des mots, des arguments (le fait de choisir ou de négliger tel argument peut apparaître symptomatique de telle qualité ou de tel défaut moral” (Ducrot, 1984: 201).

Importa realçar a ambiguidade destas proposições, o seu carácter polifónico (existência de dois locutores distintos¹³³ e o recurso à forma negativa), assim como a utilização do conector aditivo *acima de tudo*. Este introduz informação nova que prossegue a linha temática das informações prévias. Também pretende realçar que o argumento que introduz é o mais forte de todos os que foram utilizados para conduzir a uma determinada conclusão. Acresce o recurso ao conector aditivo *e*. Em suma, estes

¹³³Oswald Ducrot (1984: 203) refere que esta forma de polifonia surge em caso de dupla enunciação “(...) phénomène rendu possible par le fait que le locuteur est un être de discours, participant à cette image de l’énonciation apportée par l’énoncé.”

dois conectores potenciam a articulação de ideias e contribuem para a inferência¹³⁴ de mensagens/conclusões, pois “(...) en general, tienen un significado que consiste en una instrucción para el interlocutor sobre cómo tiene que procesar las informaciones que se plantean en el enunciado” (Montolío, 2001: 29). Inseridos numa cadeia reativa surgem vários locutores (L1, L3 e 7 outras pessoas) que, através do elogio, exprimem a sua opinião de forma indireta. Um desses locutores (L3) reforça o ato de elogio através do ato expressivo “gosto tanto das palavras” manifestando um ato de delicadeza positiva para com a face positiva do locutor do sexo feminino (L1). O processo de ênfase está patente no advérbio de quantidade *tanto* que funciona como intensificador, no recurso ao símbolo iconográfico “:D” que simboliza o *smiley* sorridente¹³⁵ e reforça o acordo. Véronique Traverso (1996: 165) realça que “(...) une règle implicite de la conversation est la préférence pour l’accord puisque c’est un type d’interaction dans lequel les participants cherchent avant tout à confirmer leur relation et leurs représentations d’eux-mêmes et des autres”.

Concluindo, nesta interação verifica-se que

“(...) le locuteur communique également les présupposés sociaux à partir desquels un message doit être interprété. Les notions de normalité diffèrent au sein de ce qui est défini par ailleurs comme une même communauté de langage” (Gumperz, 1989: 30).

Observemos este outro exemplo:

(2) INTERAÇÃO 11

Tema: partilha de ideias sobre o amor

“**L1:** Amar não é ter namorado ou namorada, nem beijar, nem fazer sexo. O Amor é amar, cuidar, respeitar, partilhar e dedicar tempo à pessoa AMADA! ♥ Cola isto no teu mural se és da mesma opinião. :)

(...)

L1, L2 e 10 outras pessoas gostam disto.

¹³⁴Kerbrat-Orecchioni (1986: 24) define inferência como “(...) toute proposition implicite que l’on peut extraire d’un énoncé, et déduire de son contenu littéral en combinant des informations de statut variable (internes ou externes)”.

¹³⁵Segundo Gauducheau e Marcocchia (2007) existem quatro tipos de *smileys*: expressivos que são de ironia e humor; relacionais de proximidade e de delicadeza.

L3: Bela mensagem. Aí está o busílis da questão. Poucos compreendem.

Ontem às 22:04 · Gosto

L1: só mesmo tu para m compreeenderes :)”

Nesta participação de abertura, o locutor do sexo feminino (L1) começa por apresentar uma asserção: “**L1:** Amar não é ter namorado ou namorada, nem beijar, nem fazer sexo. O Amor é amar, cuidar, respeitar, partilhar e dedicar tempo à pessoa AMADA! ♥”. O início conversacional apresenta-se como uma fase de introdução

“(…) où les participants négocient leurs relations interpersonnelles et cherchent des expériences communes ou des traces d’une perspective réciproque. Si cette manoeuvre réussit, il y a de grandes chances pour que l’interaction ultérieure se presente comme une série de mouvements de coopération dans une séquence coordonnée d’échanges verbaux” (Gumperz, 1989: 42).

Posteriormente L1 procura o acordo e a aprovação através da injunção “cola isto...”. Cunha & Cintra (1999: 474) reforçam esta possibilidade ao considerarem que “(...) quando empregamos o imperativo, em geral, temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a acção indicada pelo verbo. É pois, mais o modo da exortação, do conselho, do convite, do que propriamente do comando, da ordem”. Ou seja, este ato diretivo veicula uma tentativa por parte de L1 de levar o seu interlocutor a fazer algo. Em seguida surge a proposição condicional “...se és da mesma opinião” que irá atenuar a força da ordem. O uso do condicional, segundo Joaquim Fonseca (1998: 26), também “(...) traz consigo um distanciamento do locutor em relação aos estados de coisas referenciados e às avaliações activadas”. Perante isto infere-se a polifonia, neste caso a possibilidade de um conflito de vozes¹³⁶. Como reforço desta atenuação surge, na extremidade da frase, o *smiley* sorridente :)☺. David Rodrigues (2003: 182) define atenuação como:

“(…) uma função interactiva dum acto comunicativo *a* (contendo meios de atenuação) graças à qual – comparado com um acto comunicativo *a*’ menos atenuado, que este seja realizado concretamente no contexto ou seja hipotético (realizável) – os participantes da interacção aceitam e/ou estabelecem menos obrigações do que pelo acto comunicativo *a*’.”

¹³⁶Oswald Ducrot *et alii* (1980: 47) evidenciam que, numa situação de polifonia “(...) en faisant s’exprimer l’autre, on s’exprime soi-même”.

Após a sequência de abertura, L1 tem como sequências reativas enunciações assíncronas: “Não gosto” e “gostam disto”. Esta última pretende funcionar como uma troca reparadora, evitando a ameaça de conflito e mantendo o equilíbrio interacional.

A participação direta de um outro alocutário (L3) é expressa pelo elogio “Bela mensagem”. Nesta proposição está presente o adjetivo “Bela” que qualifica a mensagem de L1. Ou seja, a cortesia de L3 evidencia um ato de delicadeza positiva para com a face positiva do locutor (L1). Ao finalizar a sua interação com a asserção “...poucos compreendem” exprime um lamento. Sendo um ato expressivo, o locutor manifesta o seu estado de espírito face ao que se encontra expresso no conteúdo proposicional de L1. Carlos Gouveia (1996: 397) explica:

“(...) ao realizar um acto expressivo, o locutor não pretende que as suas palavras construam o mundo, determinando a sua realidade, nem que o configurem mimeticamente, antes pressupõe a verdade da proposição por si expressa, condição de sinceridade do acto...”

O locutor do sexo feminino (L1) faz a sequência de fecho com a proposição “só mesmo tu para me compreenderes..”, sendo uma estratégia de consenso e de equilíbrio na relação interlocutiva¹³⁷. Esta sequência expressa valores ilocutórios indiretos: o elogio é aqui implicitado. Carla Aurélia de Almeida (2007: 70) considera que os atos de elogio no fecho contribuem para o equilíbrio da relação interlocutiva: “(...) estes actos denotam o “empenhamento mútuo” dos interactantes na construção da “história conversacional”, terminando a interacção com uma nota optimista que revela a possibilidade de esta continuar futuramente”. O uso do *smiley* sorridente¹³⁸“:;)”, na finalização da frase, permite reforçar o sentimento de cumplicidade, afeto e também de agradecimento. Ou seja, reforça um ato de delicadeza positiva para com a face positiva de L2. Além disso, a repetição da vogal *e* no verbo *compreender* pretende enfatizar através duma aproximação à oralidade. Tendo também um carácter adulatório, Sónia Santos Alves (2007: 87) refere que estas expressões “... funcionam como uma espécie de *captatio benevolentiae*, são também um procedimento de figuração habitual no término da conversa, realizando-se normalmente, através de elogios e de apelativos ternos”.

¹³⁷ Importa acrescentar que “(...) si l’inférence conversationnelle dépend de l’identification d’activités langagières, et si celles-ci sont signalées par des signes linguistiques spécifiques du point de vue culturel, la capacité à maintenir, contrôler et évaluer la conversation sera fonction de l’appartenance communicationnelle et ethnique” (Gumperz, 1989: 72).

¹³⁸ Kerbrat-Orecchioni (1992: 198) refere que uma das principais funções do sorriso “ (...) est aussi de neutraliser, au moins partiellement, un comportement menaçant...”

Atente-se agora no terceiro exemplo.

(3) INTERAÇÃO 12

Tema: encontro

“26/7 às 0:53 · Gosto ·

L1: gosta disto.

L1: oh minha nenuquinha!

26/7 às 17:35 · Gosto · 1 pessoa

28/7 às 22:09 · Gosto ·

L2: gosta disto.

L3: OH LOIRAAAAAAAAAAAAAAA! :D

28/7 às 23:05 · Gosto ·

L1: gosta disto.

L1: tão bom saber que vou ver-te hojee

29/7 às 8:52 · Gosto

L1: OLÁ VIDA, OBRIGADA POR DEVOLVER O MEU SORRISO!!!”

Nesta sequência de abertura, a locutora do sexo feminino (L1) inicia a sua participação com um ato de delicadeza positiva “gosta disto” para com a face positiva de outro locutor do sexo feminino (L2). Contudo, esta atitude não se revela suficiente para estabelecer o diálogo, pois ninguém responde. Como tal reinicia a sua participação com a proposição “oh minha nenuquinha!”. Através da interjeição “oh”, do pronome possessivo “minha” e da metáfora “nenuquinha”, em forma de diminutivo, recorre à invocação e ao elogio para exprimir um ato ao serviço de uma estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva de alguém e estabelecer a interação interlocutiva. John Gumperz (1989: 71-72) considera que uma interação bem sucedida

“(…) commence entre des locuteurs parlant sur un certain mode et utilisant certains indices de contextualisation. Le style langagier de leur réponse et les indices qu’ils produisent en tant qu’allocutaires signalent de façon implicite leur accord ou leur désaccord; ils se règlent ainsi sur la façon de parler d’autrui”.

Posteriormente, surge uma nova participante (L3) que inicia a sua interação através da interjeição¹³⁹ “oh” seguida do adjetivo “loiraaaaaaaaaaaaa” no qual a repetição da vogal “a” intensifica uma vocalização¹⁴⁰ que tem implícito: um chamamento em forma de grito, uma saudação e, possivelmente, um elogio¹⁴¹. A finalização da frase com o ponto de exclamação também reforça a ênfase dada à expressão. O uso do *smiley* sorridente “:D” atenua a agressividade que se possa inferir existir.

Na sua segunda participação direta, com a asserção avaliativa “tão bom saber que vou ver-te hojee”, L1 volta a recorrer ao elogio implícito que faz parte do conjunto dos atos ilocutórios expressivos. Palrilha (2009: 1) considera que estes

“(…) constituem por natureza uma área do “eu”, mas o “eu” na sua interação com o outro, agradecendo-lhe, pedindo-lhe desculpa, elogiando-o, criticando-o, prestando-lhe apoio, numa cadeia de trocas verbais convencionalizadas pelo uso e pela cultura. Esse carácter convencional dos actos ilocutórios não se limita à leitura que Searle faz das regras constitutivas de cada acto, alarga-se às práticas sociais que rodeiam cada interação verbal.”

A intensificação a partir do advérbio de quantidade “tão” e do adjetivo “bom” revela a sua satisfação por se ir encontrar com L2 admitindo que esse alguém é importante para ela e que lhe trará alegria. É de realçar que a expressão de tempo “hojee” apresenta a repetição da vogal *e*. O objetivo é reforçar o seu valor temporal e a satisfação pelo encontro que está para breve. No entanto, e apesar de se verificar alguma ambiguidade na comunicação na medida em que esta proposição do locutor do sexo feminino (L1) surge no dia seguinte podendo dirigir-se a outra pessoa, teve como sequência reativa que explicita ainda um efeito perlocutório de agrado¹⁴² expresso através do código de

¹³⁹David Rodrigues (2003: 270-271) identificou interjeições que, em co(n)textos não irónicos, considerou orientadas para a face dos interlocutores valorizando-as (FFAs) ou ameaçando-as (FTAs), outras que tanto podem valorizar como ameaçar.

¹⁴⁰John Gumperz (1989: 47) evidencia que “(...) les différences interculturelles correspondant à des divergences dans l’utilisation des indices prosodiques et paralinguistiques peuvent ainsi perturber le rythme conversationnel ainsi que la progression thématique”.

¹⁴¹Os elogios são “(...) utilisés pour renforcer la solidarité – et aussi toujours, plus ou moins, pour rassurer les interactants sur l’image qu’ils ont et qu’ils donnent d’eux mêmes – ils sont, pourrait-on dire, une expression directe de l’acceptation d’autrui...” (Traverso, 1996: 107).

¹⁴²“Ao praticar um acto ilocutório, o falante pode causar certos efeitos no ouvinte; o acto perlocutório é o acto de causar estes efeitos. É, portanto, através da prática do acto ilocutório que sobrevém o acto

comunicação “gosto” que caracteriza uma participação indireta e constitui um ato de delicadeza positiva para com a face positiva de L1.

Na sequência de fecho, a terceira participação deste locutor do sexo feminino (L1) é iniciada com a saudação “Olá” que permite percecionar uma relação de familiaridade. Palrilha (2009: 50) refere que “(...) a saudação reflecte particularmente bem as relações entre os falantes através da escolha do registo de língua e da forma de tratamento utilizada...”. Importa acrescentar que “(...) la salutation est en principe un acte «courtois», c’est-à-dire qu’elle constitue un acte «flatteur pour la face» (FFA)...” (Kerbrat-Orecchioni, 2007: 11-12). Depois desta saudação informal, L1 utiliza o lexema *Vida* verificando-se que o campo do implícito está de novo ativado, pois recorre à metáfora. Além disso, esta ambiguidade é intensificada pela alteração de registo: passa para o tratamento de você (registo formal). Neste segmento também surge o agradecimento “obrigada por devolver o meu sorriso!!!” que constitui uma estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva de alguém. A repetição do ponto de exclamação é um procedimento muito frequente na comunicação mediatizada por computador e “(...) permet de simuler des données non-verbales (mimique de surprise ou de joie) et paraverbales (intonation)” (Marcoccia, 2000: 4).

Observemos o quarto exemplo:

(4) INTERAÇÃO 13

Tema: o nascimento de uma criança

L1: Apresento-vos a R.

13/8 às 20:10 · Gosto · 1

L2: Congratulazioni, papa` P.!

13/8 às 20:10 · Gosto

L3: Que linda!!!

13/8 às 20:14 · Gosto

perlocutório. Por exemplo, ao afirmar (a. Iloc.) algo, o falante pode envergonhar, ou ofender, ou convencer o ouvinte (actos perlocutórios)” (Pinto de Lima, 2007: 106).

L4: E verdade, nao ha nada melhor. Votos de boa noite:)

13/8 às 20:24 · Gosto

L5:Que babado e com razão....

13/8 às 20:25 · Gosto

L6:Ficámos encantados com a R.! É linda!

13/8 às 20:43 · Gosto

L7: MUITA SAUDE E SORTE PARA CRIARES A R...APROVEITA BEM PORQUE ELES CRESCEM MTO DEPRESSA...FELICIDADES MTS BEIJINHOS PARA TODOS...

13/8 às 21:07 · Gosto

L8:Parabéns!!! Tudo de bom!!! Ela é um AMOR!!!! Felicidades :)

13/8 às 21:24 · Gosto

L9: uau!!!! que linda :)) muitos parabéns e felicidades

13/8 às 22:26 · Gosto

L10: Parabéns aos 2 novos papás!!

13/8 às 22:36 · Gosto

L11: Parabéns aos papás. Muitas felicidades! ;-)

13/8 às 22:44 · Gosto

L12: Olha a minha bonequinha!!!

13/8 às 22:46 · Gosto

L13:Muitos Parabéns!!!!!! É linda! bjs

14/8 às 0:12 · Gosto

L14: Parabéns P. e M. ;) é lindaaaa. Muitas felicidades. Bjocas

14/8 às 0:20 · Gosto

L15: Linda foto :) Que princesa tão bonita!

14/8 às 10:21 · Gosto

L16: Muitos parabéns! abraços

15/8 às 8:30 · Gosto

L17: Linda! :)

15/8 às 11:12 · Gosto

L18: parabéns!! enjoy her a lot!

15/8 às 12:31 · Gosto

L19: parabéns P. que sejam muito felizes => beijoka D. e do R.

15/8 às 19:10 · Gosto

L20: é linda a nossa princesa, não é?!

15/8 às 21:55 · Gosto

L21: Não sei qual dos dois está mais fofo :P ehehehe lindos*

20/8 às 1:04 · Gosto · 1

L22:a r. tem mais cabelo que o pai! ihihih

21/8 às 23:53 · Gosto

L23: Olá P!!Foi com um sorriso que vi esta Foto!! Desejo-vos mtas felicidades!! Um beijinho mto grande!

1/9 às 23:50 · Gosto · 1

L24: Muitas felicidades, Aproveita bem cada momento... é mesmo priceless!!! Beijinhos

7/9 às 11:39 · Gosto · 1

L25: Tanto jeitinho!!!!!!!!!!!!

12/9 às 19:09 · Gosto · 1"

O locutor masculino (L1) faz a abertura conversacional apresentando o tema - o nascimento de uma criança - e esta é a sua única participação. Importa referir que “(...) lorsque des personnes qui se connaissent se réunissent pour une conversation familière, (...) vient alors fréquemment un énoncé ‘initiateur de topique’, quelque chose de

‘mentionnable’, de ‘rapportable’, qui mérite d’une quelconque façon d’être développé” (Goffman, 1986: 68).

A frase “Apresento-vos a R.” tem implícita o pedido de aceitação deste novo elemento pela comunidade, mas também um traço impositivo no recurso ao presente do indicativo do verbo “apresentar”. David Rodrigues (2003: 196) considera que o efeito perlocutório desta vontade ou desejo, procurado pelo locutor, pode surgir através de enunciados impositivos. Como tal indicia uma ameaça (FTA) ao território dos outros locutores.

Em seguida surgem diversos interactantes que expressam enunciados que constituem estratégias discursivas de cortesia positiva para com a face positiva do alocutário. Assim recorrem aos votos de “dar os parabéns”, ao marcador discursivo de confirmação “é verdade”, aos votos “Muitas felicidades”, aos atos com o valor ilocutório de conselho “APROVEITA BEM” seguidos de segmentos de justificação¹⁴³ “...PORQUE ELES CRESCEM MUITO DEPRESSA” e de atos de elogios “linda!”. Neste segmento de justificação iniciado pelo conector *porque*, L7 pretende reforçar um argumento. Bruce Fraser (1999: 940) explica que sendo o marcador “(...) syntactically a subordinate conjunction, it cannot introduce a sentence which stands alone, but requires that the previous independent clause be present”. É ainda importante salientar a utilização de maiúsculas para dar ênfase tanto ao ato de conselho como ao de justificação. As manifestações de cortesia positiva,

“(...) direccionada à acomodação intersubjectiva e, mais ainda, à valorização das faces dos interlocutores, à manifestação de apreço e de expectativas positivas, à ratificação de imagens recíprocas de papéis ou estatutos conversacionais, à expressão de modéstia, de comunhão (não raro hiperbolizada) de interesses e de perspectivas e ainda de um generalizado envolvimento cooperativo são aspectos que favorecem ou mesmo optimizam o bom relacionamento interactivo” (Fonseca, 1996: 3).¹⁴⁴

Muitos dos locutores estabelecem as suas interações de abertura com atos de elogio e as de fecho com expressões como “abraços”; “beijocas”; “um beijinho muito grande”. A este propósito, Véronique Traverso (1996: 67) refere que

“(...) les échanges de salutations permettent l’établissement du contact, ils signalent que l’on est prêt à s’écouter, et au minimum – lorsqu’il s’agit d’une rencontre en passant – que l’on se reconnaît. Les salutations de clôture permettent le passage inverse, de la compagnie à l’isolement”.

¹⁴³Segundo Véronique Traverso (1996: 55) “(...) les justifications et les excuses se distinguent par le fait que les secondes font intervenir une part de regret que ne font pas intervenir les premières”.

¹⁴⁴*Apud* Carla Aurélia de Almeida (2007: 59).

Como forma de reforçar o sentimento de alegria, efusividade e afeto, estes internautas recorrem, assim, ao uso de:

- diminutivos “beijinhos”;
- interjeições “ihihih”; “uau”¹⁴⁵.

Como se aproximam da oralidade, estas interjeições posicionam-se no início da proposição, pois os valores semântico-pragmáticos dos segmentos assim o permitem. Oswald Ducrot (1984: 186) evidencia que a interjeição “(...) sert de relais entre la situation et l’ énonciation”. A ocorrência de “uau!!!” resulta do espanto e da alegria sentidos no momento em que o locutor (L9) recebe a notícia. O sentimento expresso através da interjeição apresenta-se como uma explosão emocional.

Ocorrem ainda metáforas através de maiúsculas “Ela é um AMOR”. Neste caso, este segmento constitui um reforço do ato de cortesia patente nesta interação. O recurso às maiúsculas apresenta uma “(...) association synesthésique de l’ auditif et du visuel, le volume sonore et sa valeur expressive sont en relation avec la taille des caracteres” (Anis, 1998: 22)¹⁴⁶.

São ainda expressão da emoção o seguinte:

- os quantificadores “tanto, muitas” servem de intensificadores;
- as perguntas-tag “...é linda a nossa princesa, *não é?!?*” na qual se procura a confirmação de uma opinião;
- repetição de vogais “é lindaaaa” e sinais de pontuação “Tanto jeitinho!!!!!!!!!!!!” para intensificar o elogio;
- símbolos iconográficos a meio ou no fim das sequências verbais “:P;. felizes =)”.

Assim, verifica-se que a construção deste discurso é dominado pelo jogo mimético, claramente consensual, para o qual “(...) contribui o desenvolvimento de estratégias discursivas de estabelecimento de acordo que implica a partilha do ponto de vista do outro” (Almeida, 2008: 17).

A utilização do humor é também uma forma de interação que revela familiaridade e afeto: “a r. tem mais cabelo que o pai!”. Esta asserção constitui um comentário avaliativo humorístico que se baseia no conhecimento subjacente e permite estabelecer

¹⁴⁵David Rodrigues (2003: 268) considera que “(...) entre conhecidos, iguais e/ou próximos (sobretudo jovens), as interjeições não lexicais (de saudação, de estabelecimento, manutenção, recuperação ou confirmação de contacto), num co(n)texto informal, são consideradas, regra geral, não propriamente descortesias.”

¹⁴⁶Apud Michel Marcoccia (2000: 4).

“(…) um espaço interaccional dominado pela partilha e pela solidariedade entre os participantes” (Almeida, 2010: 133).

Apenas um dos interactantes (do sexo feminino) inicia a sua participação com uma saudação¹⁴⁷ “Olá P.”. Palrilha (2009: 50) refere que “(…) a saudação está integrada em todas as culturas como componente verbal da interacção social, que se realiza por meio de fórmulas, de estruturas consolidadas e de uso estritamente convencional.”

A existência do código de comunicação “gosto” reforça a existência da cortesia positiva, o que contribui para a manutenção desta interação através da realização de estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do alocutário.

A sequência de fecho é efetuada por um dos alocutários e nela coocorre mais um elogio “tanto jeitinho!”. O sufixo diminutivo também traduz valores pragmáticos e retóricos. Skorge (1956;1957;1958) explica que “(…) por vezes, as pessoas parecem até usá-lo para influenciar o interlocutor, para o distrair ou para despertar nele maior atenção para algo”¹⁴⁸.

Em suma, nesta interação verificam-se atos que constituem estratégias de delicadeza positiva para com a face positiva do alocutário (neste caso, L1).

Atentemos nesta outra interação.

(5) INTERAÇÃO 15

Tema: acidente

“(…)

L2: linda o que se passou??? Tu estas bem ???

29 de Dezembro de 2011 às 21:19 · Gosto

(…)

L2: ha de td o mal estas bem ;)

29 de Dezembro de 2011 às 21:22 · Gosto”

¹⁴⁷Kerbrat-Orecchioni (2007: 10) contesta Searle quando este afirma que a saudação apenas surge na abertura da interação entre locutores que se conhecem. A autora evidencia que, por vezes, L1 também recorre à saudação porque “(…) il a l’intention d’engager avec lui un échange verbal”. Acresce relevar que, entre locutores que se conhecem, pode verificar-se um ato indireto de reprimenda quando, por exemplo, alguém chega e não cumprimenta. Neste último contexto situacional passará a existir uma ameaça (FTA) para as faces de L2.

¹⁴⁸Apud David Rodrigues (2003: 184).

Esta proposição surge no desenvolvimento interacional desta conversação eletrónica. L2 ao recorrer ao elogio¹⁴⁹ contribui para a valorização da face de L3 e com a interrogação invade o seu território (a face negativa deste último), mas também demonstra preocupação pelo locutor do sexo feminino (L3) o que permite a manutenção da interação verbal: “linda o que se passou??? Tu estas bem ???” e “ha de td o mal estas bem ;)”.

Considere-se agora a última interação exemplificativa do ato de elogio.

(6) INTERAÇÃO 19

Tema: elogio físico e psicológico de um locutor do sexo feminino

“L1: kiss kiss

17/1 às 1:45 · Gosto · 1

L1: como tens passado?

18/1 às 22:46 · Gosto

L2: muito bem N... então esta semana tem sido treinar e mais treinar.. mas os resultados aparecem na balança.. Ando muito feliz e essa felicidade é contagiante :D queres um bocadinho??! xD

Sexta-feira às 22:57 · Gosto · 1

L1: ainda bem q andas bem :) ainda bem q tens treinado mt para a tua saude e felicidade ;) só de ler isto já m contagias-t xD

Sexta-feira às 23:00 · Gosto

L2: esta semana comecei a treinar num ginásio diferente, onde foi bem recebida e onde tento fazer tudo o que é aulas.. estou adorar e estou a sentir-me muito bem comigo mesmo.. estou a fazer isto tudo pela minha saude e para me sentir bem e claro para perder ainda muito mais peso.. quero ficar bonita :D

Sexta-feira às 23:03 · Gosto · 1

¹⁴⁹Em termos de figuração, este é ao mesmo tempo “(...) *une anti-menace pour la face du récepteur* (c’est même l’exemple type de l’anti-menace); *une menace pour son territoire*: on porte en effet un jugement sur ses goûts, ses choix et finalement sur lui-même” (Traverso, 1996: 95).

L3: linda :D

Sexta-feira às 23:04 · Gosto · 1

L4:E como é que é amanhã A.??

Tenho de ir as C. ou não??

Sexta-feira às 23:05 · Gosto

L1:ahahah, mas tu já és bonita, o q pode acontecer é ficares mais ;) comes-te num ginásio nas c.?

Sexta-feira às 23:06 · Gosto

L2: sim comecei num ginasio nas c..

Sexta-feira às 23:06 · Gosto

L2: Z. estou as 8h30m em m... obrigado

Sexta-feira às 23:07 · Gosto

L1:eu nasci nas c., e costume ir lá de vez em qd, pode ser q t encontre um dia destes ;)

Sexta-feira às 23:07 · Gosto

L2: eu tambem nasci no hospital das c., onde nascem os bebés mais bonitos e inteligentes :p

Sexta-feira às 23:09 · Gosto · 2

L2: ok pode ser que um dia nos encontremos..

Sexta-feira às 23:09 · Gosto · 1

(...)

L5: Linda a modelo :) gostO muito dela ♥

há 2 horas · Gosto · 2

L6: gosto muito da roupa :) e estavas muito bonita ♥

há cerca de uma hora · Gosto · 1

L7: Estás lindissima! ;)

há cerca de uma hora · Gosto · 1

L8: Mt linda A., tb gosto mto ver-te assim. beijnhos

há cerca de uma hora · Gosto · 1

L9:Muito bonita a minha a.:) adoro.te pah xD um beijão

há cerca de uma hora · Gosto · 1

L2: T., foste ontem embora e eu já tenho saudades tuas.. és a mulher da minha vida ♥ amo'te maninha ♥

há cerca de uma hora · Gosto · 1

L10: Sou quase tua vizinha lol e conheço te de vista, queria te dizer que gostei muito da tua prestação no p.p., apesar de pareceres uma rapariga simples e humilde enfrentas te tudo de frente e com garra... muito parabéns A. tudo de bom nesta nova fase =>

há cerca de uma hora · Gosto · 1

L2: J. --> eu também te adoro.. já tenho muitas saudades tuas.. andas muito desaparecida.. ou então sou eu!! ahh beijinhoos grandes :D

há cerca de uma hora · Gosto

L5: Eu também já tenho saudadinhas tuas maninha e muitasss ♥

há cerca de uma hora · Gosto

L11: Linda :) beijinhos

há 5 minutos · Gosto”

Sendo caracterizada por ser a mais longa interação verbal, trata-se de um ato ilocutório expressivo que apresenta o traço transversal do elogio.

A sequência de abertura é iniciada por um internauta (L1) que recorre a uma saudação afetuosa “kissKiss” (cumprimento) para estabelecer a interação¹⁵⁰. Kerbrat-Orecchioni (2007: 13) realça que

“(...) on ne procède pas partout de la même manière pour «entrer en conversation»: ce ne sont pas partout les mêmes actes, verbaux et non verbaux, qui se rencontrent dans la séquence d’ouverture, et ils ne se réalisent pas partout de la même manière...”

Como essa expressão não surtiu efeito, utilizou a saudação tradicional “Como tens passado?”. Carla Aurélia de Almeida, na linha de J. Laver (1981: 303), considera que estes atos “(...) constituem estratégias discursivas de delicadeza positiva para com as faces positivas de quem os recebe e a sua não ocorrência constituiria uma forte ameaça a estas faces e poderia pôr em risco a consolidação das relações instituídas” (Almeida, 2007: 61).

A partir da saudação “como tens passado?”, L2 (locutor do sexo feminino) permite a participação de L1: “muito bem N. *então* esta semana tem sido treinar e mais treinar.. *mas* os resultados aparecem na balança.. Ando muito feliz e essa felicidade é contagiante :D queres um bocadinho??! xD”. Nesta sua proposição verifica-se o recurso

¹⁵⁰Importa relevar a variação cultural como fator que influencia a saudação. Esta variação “(...) peut affecter même des communautés qui partagent la même langue: les normes communicatives sont relativement indépendantes du système linguistique dans lequel elles s’incarnent” (Kerbrat-Orecchioni, 2007: 17).

à asserção avaliativa e ao recorrer ao conector continuativo *então* pretende aliar a sequencialidade temporal *esta semana* à causalidade da sua satisfação *muito bem*. Assim, segundo Ana Cristina Macário Lopes (1996: 180) “(...) a ordenação temporal resulta de uma inferência pragmática”.

Durante a interação verbal, L2, através de um auto-FFA atenuado por um distanciador como o riso, estabelece uma atmosfera de cumplicidade afetiva com L1. Sobre o humor¹⁵¹ patente no segmento “eu também nasci no hospital das c., onde nascem os bebés mais bonitos e inteligentes :p”, atentemos no que Alessandra Del Ré e Aliyah Morgenstern (2010: 3) consideram a este propósito:

“(...) dans la production humoristique, il y a une discordance entre ce qui est dit ou fait et ce que cela peut signifier en fonction du contexte, de la situation, de l’interlocuteur. C’est cet écart entre les attentes des interlocuteurs et le contenu exprimé qui peut provoquer une émotion partagée à travers le rire ou le sourire qui sont des décharges émotionnelles.”

Na sua última participação, L2 retribui atos expressivos: “J.> eu também te adoro.. já tenho muitas saudades tuas.. andas muito desaparecida.. ou *então* sou eu!! ahh beijinhoos grandes :D”. É de evidenciar, neste contexto, o recurso ao marcador de estruturação conversacional *então* precedido pela conjunção *ou*. Ana Cristina Macário Lopes (1996: 186) explica que este tipo de marcador discursivo

“(...) além de permitir assegurar a estruturação do discurso, nunca perde em absoluto um valor anafórico/de retoma, já que implícita que algo foi dito previamente, funcionando como mecanismo de sinalização de continuidade discursiva. Mesmo quando desencadeia a interação, com uma função meramente iniciativa, pressupõe trocas verbais anteriores entre os interlocutores”.

Outro facto a relevar é que o número de participantes passa a ser elevado e todos recorrem ao ato de elogio para com L2. Por exemplo, um dos locutores (L6) utiliza a expressão “Gosto muito da roupa :)...”. Ao focalizar-se num objeto fortemente associado a L2 “(...) c’est le complimenter lui-même indirectement parce qu’il a choisi, réalisé, arrangé, cet objet” (Traverso, 1996: 89). Quando a densidade de ocorrência de atos de elogio surge nas aberturas conversacionais, estes constituem “(...) rituais

¹⁵¹Segundo Alessandra Del Ré e Aliyah Morgenstern (2010: 6) o acesso ao discurso humorístico só é possível quando estão reunidos quatro critérios:

- a. Le marquage de l’amusement chez les interlocuteurs (rire, sourire, autres manifestations).
- b. Un contexte favorable avec l’irruption d’une discontinuité.
- c. La connivence entre les interlocuteurs.
- d. L’intentionnalité chez le locuteur.”

confirmativos que visam preparar, de forma equilibrada, a relação interlocutiva, uma vez que se tratam de actos de cortesia positiva para com a face positiva do alocutário destes actos” (Almeida, 2009: 48).

Importa realçar que L2, perante a profusão de atos de elogio, “(...) conserve le thème, sur lequel elle embraye, mais paraît ignorer l’évaluation. Son accord est pourtant implicite” (Traverso, 1996: 98).

Ao longo das suas participações, os internautas recorrem:

- aos adjetivos: “linda”, “bonita”;
- diminutivos: “beijinhos”, “saudadinhas”, “maninha”;
- aumentativos: “beijão”;
- símbolos iconográficos que exprimem sorrisos e afeto:“;)”, “xD”, “D”, “♥”;
- interjeições: “ahahah”;
- repetição de vogais/consoantes para intensificar a expressividade do elogio: “beijinhoos”, “muitasss”.

A sequência de fecho apresenta-se com o elogio “Linda” e o diminutivo “beijinhos”, que funcionará como fórmula de despedida.

2.9. ATOS DE DISCURSO EM INTERAÇÃO: O CONTEXTO *ONLINE*

Ao procurarmos identificar especificidades na comunicação eletrónica, também verificámos que existem dificuldades comunicacionais. A partir de vários contextos situacionais e, alicerçados numa metodologia eclética que tem por base o princípio de cooperação, as máximas conversacionais, as regras de cortesia e as condições de felicidade subjacentes à realização dos atos de discurso, analisámos algumas sequências paradigmáticas.

Atente-se no primeiro exemplo.

(1) INTERAÇÃO 7

Tema: comentário sobre um cartaz

“L1: AHAAH muitaa bom :P



Nesta participação, o locutor de sexo masculino (L1) emite um comentário que contém uma avaliação subjacente, iniciado por um riso vocalizado sobre um cartaz: “AHAH muitaa bom :P”. O segmento, ao começar com a interjeição “AHAH”, apresenta uma função expressiva e intensificadora:

“(…) expressiva porque a imediatez, também característica dos performativos, define a interjeição como um acto expressivo; intensificadora porque a interjeição, quando associada a uma frase, nunca é redundante, reforça o que se pretende comunicar, assemelhando-se a elementos de natureza paralinguística, como o sorriso, ou o gesto...” (Parilha, 2009: 87).

Como a proposição não está inserida num determinado contexto, tanto pode ser um ato de elogio como de ironia¹⁵². A esta dificuldade que, frequentemente, surge na identificação do ato de ironia, acrescem outros indícios que Alain Berrendonner (1981: 214) considerou serem essencialmente de ordem comportamental: a gesticulação locutória¹⁵³, a pronúncia, o riso. À inexistência pré-sequencial de contexto¹⁵⁴, pode-se acrescentar o uso de uma frase curta. Sobre este facto, David Rodrigues (2003: 209) evidencia que as “(…) produções discursivo-textuais mais breves, mais concentradas, mais elípticas, mais directas, são em geral menos corteses (e eventualmente mesmo descorteses) que as produções discursivo-textuais mais desenvolvidas”. Ou seja, correlativamente, se o locutor pretende ser cortês a interjeição¹⁵⁵ (através de maiúsculas)

¹⁵²Segundo Kerbrat-Orecchioni (1986: 16) os indícios de um conteúdo eventualmente irónico podem ser de natureza cotextual, paratextual e contextual.

¹⁵³A gesticulação locutória inclui expressões faciais, determinadas entoações e gestos durante o ato ilocutório. Com efeito, o locutor pode estar a desenvolver um duplo jogo enunciativo. Por um lado “(…) affirme, apparemment sous sa responsabilité, un contenu propositionnel...mais d’autre part, il présente cette affirmation comme la «singerie» critique d’une autre énonciation, primaire, qui, elle, est supposée accomplie sérieusement” (Berrendonner, 1981: 213).

¹⁵⁴André (2006: 124-125) refere-se ao contexto como parecendo estar “(…) réservé exclusivement aux éléments linguistiques qui influencent, pèsent ou agissent sur les interactions verbales. Le contexte d’une conversation ou de tout échange langagier s’apparente alors au cotexte, habituellement employé en analyse textuelle pour désigner l’environnement linguistique d’un élément au sein d’une phrase ou d’un texte écrit. Néanmoins, dans les discours oraux, le “contexte linguistique”, ainsi nommé par W. Labov, semble englober non seulement les interactions émises lors de l’événement de parole que les participants sont en train de construire mais également tout échange ultérieur ayant une influence sur les interactions verbales en cours.”

¹⁵⁵David Rodrigues (2003: 266) considera que é ao nível da função modalizadora e argumentativa que “(…) as interjeições podem substituir formas imperativas e realizar ou acompanhar actos de maior ou

ênfatiza o elogio que coocorre na expressão “muitaa bom”. Segundo Carla Aurélia de Almeida (2007: 68) “(...) estes actos ilocutórios orientam-se para a valorização da face positiva do alocutário, constituindo estratégias de delicadeza positiva para com a face positiva deste último”. Ao partir da interjeição “ahaha”, este comentário também denota espanto e/ou satisfação. Ao percebermos o espanto e/ou satisfação, verificamos que estas pequenas

“(...) partículas (interjeições), além de essencialmente reativas, também funcionam como marcadores da emoção e da estruturação da co-acção dando a entender ao outro (por meio da mímica e dos gestos) um encadeamento entre a acção verbal ou não verbal precedente” (Figueiredo, 2006: 149).

Esta percepção é-nos facultada pela sequência proposicional, pois o advérbio de quantidade *muitaa* funciona como intensificador do advérbio *bom*. Palrilha (2009: 81) reforça que a interjeição “(...) quando posta ao serviço da expressão de sentimentos e emoções, tem subjacente uma determinada intencionalidade”. Neste caso revela relações de proximidade e de camaradagem.

Com esta análise verifica-se que as variáveis argumentativas nos podem levar a resultados diferentes, *i.e* que “(...) la description linguistique d’une phrase *implique* que le sens de ses énoncés soit différent selon la situation de discours, et même qu’il y ait de multiples lectures possibles pour un énoncé donné” (Ducrot *et alii*, 1980: 17-18). Assim, também pode estar a ser irónico¹⁵⁶. As modulações prosódicas e os alongamentos vocálicos (repetição da vogal “a” que irá estabelecer uma proximidade com a oralidade) patentes em “...muitaa...” podem ser uma estratégia de provocação e de sarcasmo. Além disso, permitiria argumentar “(...) sans avoir à en subir les conséquences, c’est-à-dire sans risquer ni l’enfermement isotopique, ni les sanctions qu’entraînerait une incohérence” (Berrendonner, 1981: 237).

Na finalização do comentário surge o símbolo iconográfico “:P”¹⁵⁷ que tanto pode estar a transmitir um sentimento de afeto, como a acentuar a ironia da proposição.

menor directividade, bem como, por isso, expressar ou ajudar a expressar actos de cortesia ou de descortesia, entre os interactantes”.

¹⁵⁶Segundo Oswald Ducrot (1984: 210) para que exista ironia “(...) il faut “faire comme si” ce discours était réellement tenu, et tenu dans l’énonciation elle-même...le locuteur fait entendre un discours absurde, mais qu’il le fait entendre comme le discours de quelqu’un d’autre, comme un discours distancié”.

¹⁵⁷Embora estes símbolos iconográficos sejam pouco diversificados, importa referir que os sorrisos apresentam uma grande abrangência na sua tipificação. Véronique Traverso (1996: 17) identifica-os: “(...) Il est des sourires railleurs qui cinglent comme un coup de fouet; des sourires féroces; des sourires compatissants et compréhensifs; des sourires résignés ou douloureux, plus émouvants qu’une plainte, des sourires spirituels, des sourires niais, des sourires fats; et chacun de ces sourires en dit, souvent, plus long qu’un long discours”.

Kerbrat-Orecchioni (1994: 59) insere a ironia no conjunto dos tropos¹⁵⁸ ilocutórios e refere que, por vezes, não é fácil a sua identificação pois a ironia “(...) implique donc toujours la reconnaissance d’un décalage entre sens littéral et sens actualisé, donc l’identification conjointe de ces deux niveaux de contenu, ainsi que la possibilité de les hiérarchiser à l’inverse de la normale” (*Idem*). De facto, também em termos pragmáticos, se pode constatar que

“(...) ce qui fait qu’une proposition est susceptible d’emploi antiphrastique et ironique, c’est la possession d’une valeur argumentative. Autrement dit, il n’y a possibilité d’antiphrase sur un contenu *p* que si *p*, à un moment donné du discours, est préalablement reconnu comme un argument pertinent au regard d’une alternative de conclusions...” (Berrendonner, 1981: 183).

Portanto todos estes fatores contribuem para a não obtenção de cooperação. Acontece que a disforia destas situações

“(...) n’est pas tellement due au fait que les personnes doivent se décider en faveur de l’une ou l’autre ligne de conduite, mais plutôt à la nécessité de réfléchir sur ces choses et de les prendre en considération. Si la définition de la situation n’est pas automatique et spontanée, alors, du point de vue de l’interaction, elle importe peu, car la dysphorie a des chances d’apparaître quelle que soit la ligne de conduite adoptée” (Goffman, 1993: 71).

A esta análise acresce a importância das condições de felicidade, pois

“(...) celui qui répond doit prendre en compte la force illocutoire de ce qui lui est dit, force qu’il ne peut évaluer que s’il a accès à toute une série de données convenues, biographiques et culturelles, seules capables de lui permettre de donner un sens aux allusions qu’il doit déchiffrer” (Goffman, 1986: 96).

Atentemos agora neste outro exemplo.

(2) INTERAÇÃO 8

Tema: comentário sobre uma foto

“L1: gosta disto.



¹⁵⁸Kerbrat-Orecchioni (1994: 64) realça que os tropos também podem servir outros interesses “(...) ceux de la politesse, conçue comme un ensemble de procédés de “ménagement des faces” (*face work*, ou *figuration*)”.

L1: Ta lindo!

há 2 horas · Gosto · 2 pessoas”

Este locutor de sexo masculino (L1) estabelece a sua sequência de abertura com o código verbal “gosta disto” constituindo assim uma estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do seu interlocutor. Contudo, verifica-se que, como a expressão não está ancorada em mais nenhum segmento anterior, o campo do ambíguo fica ativado, pois os possíveis interlocutores não sabem qual é o tema. Ou seja, este segmento não cumpre os critérios da quantidade, qualidade, relação e modo referidos por Grice e os *indícios de contextualização* referenciados por Gumperz são quase inexistentes. Logo não existe cooperação nem a interpretação é possível¹⁵⁹, pois esta última é assegurada “(...) par des implications conversationnelles fondés sur des attentes stéréotypées de cooccurrence entre le contenu et le style superficiel” (Gumperz, 1989: 28). Assim, até “(...) l’interprétation relativement indépendante du contexte, littérale, facile d’une énonciation, quand elle existe, n’est pas nécessairement celle qui avait été voulue ou perçue” (Goffman, 1986: 75). Em seguida, L1 mostra uma foto como forma de evitamento de um possível conflito e manutenção da interação. Erving Goffman (1993: 72) evidencia que, para prevenir uma interação disfórica, existem dois tipos de estratégias: o evitamento e o humor. Estamos, com este exemplo, perante uma forma de evitamento.

Posteriormente, recorre à asserção declarativa “Ta lindo!” para exprimir uma opinião, mas esta não é muito esclarecedora. Através do processo de ênfase, o locutor pode estar a utilizar:

- uma manifestação de delicadeza positiva para com a face positiva do alocutário exprimindo um elogio intensificado pelo adjetivo “lindo”, salientando o que Helena Carreira (2001: 91-92) refere a propósito da manifestação de elogios que é enfatizada através de escolhas lexicais em séries sinonímicas (ex: “lindo”, em vez de “bonito”), do emprego de advérbios de quantidade e de exclamações;

¹⁵⁹ Além do saber gramatical e lexical existem outros fatores que contribuem para o processo de interpretação: “(...) le cadre, le savoir d’arrière-plan propre à chaque participant, ses attitudes avec les autres participants, les postulats socioculturels concernant les rôles et les status, les valeurs sociales associées à diverses composantes du message jouent un rôle décisif”(Gumperz, 1989: 55).

- uma estratégia de delicadeza negativa, isto é, recorre à asserção avaliativa utilizando uma estratégia de evitação da ameaça, expressa pela ironia¹⁶⁰. Ou seja, pretenderá dizer o contrário daquilo que transmite o sentido literal¹⁶¹. Também é importante realçar que quando as pessoas “(...) feel caught in the grip of the incompatibility between expectation and reality, irony seems very appropriate to let others know of the psychological consequences of being so disappointed or surprised...” (Gibbs, 2012: 104-105). Esta última interpretação demonstra que “(...) a eficácia comunicativa resulta, portanto, da exploração das máximas de conversação, e a sua infracção traduz-se, muitas vezes, em mentira, sarcasmo ou ironia, por exemplo, por parte do locutor” (Gouveia, 1996: 403-404). Daí a ironia ser considerada “(...) une arme défensive contre toutes les formes de normes, qu’elles soient de nécessité ou de qualité” (Berrendonner, 1981: 238).

Para reforçar esta ambiguidade no recurso aos elogios, constata-se que

“(...) l’incessant soupçon d’insincérité qui plane sur eux n’est-il pas sans rapport avec le fait qu’au fond, cette remarque agréable, cette caresse verbale est nécessaire pour continuer à présenter de soi l’image attendue, et surtout indispensable pour continuer à avoir de soi cette image” (Traverso, 1996: 110).

O facto de nenhum interlocutor manifestar recetividade para interagir pode ser interpretado como “(...) une marque de désintérêt ou comme un comportement volontaire (...) ce qui ouvre la porte à deux inférences également désagréables: il désapprouve, ou il veut infliger un affront” (Traverso, 1996: 122-123). Outra das razões para uma inexistência de sequência reativa poderá ser a não utilização de marcadores desbloqueadores desta ambiguidade. Estas constatações confirmam que um *tropo* é mais ou menos claro e o seu grau de solidificação variável, dependendo da natureza “(...) des marqueurs du trope, qui lorsqu’ils existent, peuvent solliciter plus ou moins fortement le mécanisme dérivationnel et la nature des données contextuelles, qui peuvent plus ou moins loquer le sens littéral, et imposer le sens dérivé” (Kerbrat- Orecchioni, 1994: 60).

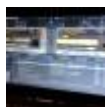
Vamos agora analisar a seguinte interação:

¹⁶⁰ Kerbrat-Orecchioni (1994: 66) evidencia que Brown e Levinson elaboraram um inventário sobre estratégias de delicadeza e procedimentos linguísticos que permitem a sua realização, no qual incluíram, entre outros, a ironia. Contudo, a autora inseriu-os na designação de *tropo* ilocutório.

¹⁶¹ O contrário seria “Tá horrível”. Embora seja uma ideia generalizada, a definição de ironia baseada no seu caráter agressivo, não se pode construir baseada numa “(...) rhétorique qui confond la figure et sa fonction, le mécanisme sémantique et les fins auxquelles il peut être occasionnellement utilisé (...) on doit reconnaître que l’ironie, en tant que structure sémantique argumentativement paradoxale, est en quelque sorte neutre quant à sa fonction, et peut être utilisée à des fins aussi bien polémiques que panégyriques, tantôt agressives, tantôt gratifiantes” (Berrendonner, 1981: 225).

(3) INTERAÇÃO 9

Tema: Identificação com uma foto



L1: vou começar a fazer o mesmo em casa

há 2 horas · Gosto · 1 pessoa

L2:Estou sem palavras!

há cerca de uma hora · Gosto

Neste exemplo verifica-se que L1 procura estabelecer a interação verbal através da apresentação de uma foto. Posteriormente anexa-lhe um ato ilocutório compromissivo “vou começar a fazer o mesmo em casa”, pois assume um compromisso que o obriga a realizar uma ação futura. No entanto, esse compromisso “(...) conta com a condição de sinceridade *ter a intenção de*, sem a qual o acto resulta infeliz, ou defectivo...” (Gouveia, 1996: 396). Ou seja, no segmento “vou começar a fazer o mesmo em casa” pode-se inferir que o locutor do sexo masculino (L1) estará a ser sarcástico (a criticar e pensar o contrário daquilo que afirma)¹⁶². Perante a possibilidade da ironia¹⁶³, L1 pretende ridicularizar alguém e, simultaneamente, valorizar a sua própria face. Esta possibilidade reforça a teoria de que a ironia “(...) est fondamentalement défensive. Loin d’être faite pour agresser, elle ne peut servir, (...) qu’à déjouer, ou plus exactement à prévenir certaines formes d’agression...” (Berrendonner, 1981: 228);

Por outro lado, a ambiguidade semântica do segmento em análise poderá permitir uma interpretação literal, considerando, através deste ato compromissivo, determinada ação correta e, de forma explícita, a assumir uma intencionalidade de mimetismo e de

¹⁶²Kerbrat-Orecchioni (1992: 59) realça que a descodificação da ironia “(...) peut prêter à «contresens» et à bien des controverses interprétatives.”

¹⁶³Oswald Ducrot (1984: 221) refere que “(...) dans l’ironie, le choix de certains mots (...) ait pour valeur quasi conventionnelle de marquer la répugnance du locuteur pour le point de vue d’un énonciateur qu’il présente – et qu’il présente sans lui opposer un point de vue concurrent.”

identificação com determinado *modus operandi*. Este ato de promessa implícita o acordo expresso pelo modo indicativo e pelo sentido do futuro próximo (presente do verbo *ir* sequenciado pelas formas infinitivas não flexionadas do verbo *começar* - que apresenta um valor aspetual incoativo –e do verbo *fazer*). Maria Helena Mira Mateus *et alii* (1992: 107) consideram que o modo indicativo “(...) é o menos marcado quanto à expressão da atitude ou da relação que se estabelece entre locutor, alocutário e universo de referência...”. De facto, a proposição “vou começar a fazer o mesmo em casa” remete para algo que está em vias de acontecer.

Na interação de fecho surge um locutor do sexo masculino (L2) que manifesta a sua perplexidade perante aquilo que observa: “Estou sem palavras”. Ao utilizar o presente do verbo *estar* pretende transmitir a passividade de estado, a qual sai reforçada pela preposição *sem* que implica subtração, ausência e reforça o efeito perlocutório de perplexidade. Esta sequência reativa de L2 evidencia partilha do mesmo conhecimento enciclopédico, pois aquilo que visualizaram teve o mesmo impacto e o contexto é dominado pelos dois interactantes. Acresce relevar que uma grande parte do saber partilhado não é só constituído por informações, mas também por

“(...) représentations (que les uns et les autres ont des uns et des autres). Ces représentations se construisent au fil des rencontres, et elles sont en perpétuelle négociation entre les interactants. Dans la conversation familière, il est clair que cette réserve d’informations communes est d’une importance considerable” (Traverso, 1996: 124-125).

Em suma,

“(...) une stratégie d’interprétation reste en vigueur jusqu’à ce que quelque chose survienne dans la conversation qui fasse prendre conscience aux participants qu’un changement de stratégie est nécessaire. Les interprétations sont donc négociées, corrigées et altérées dans l’interaction et non communiqués de façon unilatéral” (Gumperz, 1989: 62-63).

Atente-se no último exemplo.

(4) INTERAÇÃO 18

Tema: análise de uma imagem e sentido de uma palavra

“L1: verdade :)”



Vício dos signos

O vício de câncer é : Colo.

ê!

Por: Mania dos Signos

Gosto · · Partilhar · há cerca de uma hora ·

L2 gosta disto.”

A sequência de abertura é estabelecida sem ter um alocutário identificado e o locutor do sexo feminino (L1) recorre a uma asserção avaliativa que exprime concordância, “verdade” seguida do símbolo iconográfico ☺ que define um sorriso. Ou seja, o riso permite atenuar¹⁶⁴ a agressividade de uma interpretação da imagem e da palavra “Cancer”. Em seguida verifica-se o recurso a um ato ilocutório com uma asserção na qual se percebe uma gradação crescente no grau de explicitação: “O vício de câncer é: Colo. ê!”

Paul Grice (1975: 45) assinala o seguinte: “(...) make your conversational contribution such as is required, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged...”. Partindo desta

¹⁶⁴Meyer-Hermann (1984) *apud* David Rodrigues (2003: 182) apresentou sete tipos de atenuadores assim como as formas/meios que lhe correspondem. São eles: advérbios (talvez, às vezes; por vezes, possivelmente, provavelmente); partículas (assim, pouco, bocado, bocadinho, mais ou menos, não sei, sei lá, ou qualquer coisa, não é (em posição final); verbos modais (dever, poder, querer, é capaz de+infinitivo, julgo que, penso que, parece que, tenho a impressão, se bem entendi, se bem percebi...); tipos de frase (pergunta alternativa, pergunta alternativa negada, frase de comparação); tempos verbais e modo conjuntivo (futuro e imperfeito do indicativo, condicional...); fenómenos de hesitação e pausas sonoras (digamos, quer dizer, ah, eh, etc...); metacomunicação (isto é para já uma opinião pessoal, a minha opinião, como se costuma dizer, quanto a mim...)

formulação, pode-se afirmar que, nesta sequência de abertura, não são respeitados os critérios de quantidade, qualidade, relação e modo responsáveis pelo princípio de cooperação conversacional¹⁶⁵. Contudo, podemos afirmar o seguinte sobre as implicações:

“(…) se reflectirmos um pouco sobre as implicações, chegaremos à conclusão de que elas são um fenómeno que ocorre com bastante frequência na comunicação. Um falante, quando comunica, nem sempre o faz directa e literalmente: por vezes, apenas implícita o que quer dizer” (Lima, 2007: 64).

De facto, apesar de L1 estar a descrever uma ação procurando estabelecer uma identificação, nela não se consegue perceber o valor de verdade da afirmação para que se verifique a condição de felicidade. Erving Goffman (1986: 95) define-a como “(…) toute disposition qui nous incite à juger les actes verbaux d’un individu comme n’étant pas une manifestation de bizarrerie”. Perante a ineficácia da proposição colocada, nenhum interlocutor participa diretamente. Esta sequência iniciativa tem apenas como sequência reativa um “gosto” expresso por um participante indireto¹⁶⁶ que manifesta uma estratégia discursiva de delicadeza positiva.

Este ato comunicacional também confirma que “(…) l’échange communicatif ne peut jamais être qu’imparfait, partiel, précaire, et que le malentendu est un mal plus qu’attendu: inéluctable” (Kerbrat-Orecchioni, 1986: 23).

¹⁶⁵Paul Grice (1975: 46-47) evidencia que “(…) it is obvious that the observance of some of these maxims is a matter of less urgency than is the observance of others; a man who has expressed himself with undue prolixity would, in general, be open to milder comment than would a man who has said something he believes to be false. Indeed, it might be felt that the importance of at least the first maxim of Quality is such that it should not be included in a scheme of the kind I am constructing; other maxims come into operation only on the assumption that this maxim of Quality is satisfied. While this may be correct, so far as the generation of implicatures is concerned it seems to play a role not totally different from the other maxims, and it will be convenient, for the present at least, to treat it as a member of the list of maxims”.

¹⁶⁶Kerbrat-Orecchioni (1998: 83) explica que “(…) la notion de participant est donc elle-même problématique…”

3. SÍNTESE DOS MARCADORES DISCURSIVOS UTILIZADOS NO *CORPUS*

Procurando obter uma perspectiva mais ampla dos tipos, valores e sequências discursivas em que ocorrem estes marcadores discursivos ao longo do *corpus*, proceder-se-á à apresentação de um quadro.

<u>Interações</u>	<u>Marcadores</u>	<u>Valores</u>	<u>Sequências Discursivas/ Atos Principais/Estratégias de delicadeza</u>
Abertura	“ <i>Talvez se</i> a conversa tivesse havido não estaríamos agora...”; “ <i>Sabes V.</i> , o melhor foi ...”;	Argumentativo	Sequências de Acordo e sequências de Justificação
	“ <i>Já</i> não te vejo há muito tempo...”; “Adoro-vos <i>mesmo</i> ...”	Contraste Precisão argumentativa	Estratégias de Cortesia positiva
	“ <i>Olha</i> eu pelo menos devo de andar por lá se quiseres aparece:P”;	Interacional	Convite
	“ <i>Se</i> quiseres aparece:P...”;	Condição	Oferta

Desenvolvimento	“... <i>mas</i> ¹⁶⁷ cuidado com a tatuagem...”;	Aprovação	Conselho
	“Eu ofereço me para saco de box: D <i>mas</i> vai com Calma”;	Oposição	
	“... <i>ao menos</i> faz num sítio com higiene”;	Concessão	
	“... <i>acima de tudo</i> assim não impede ser feliz...”;	Aditivo	
	“... <i>mas</i> dá para andar ou tens que investir?”;	Transição	Sequências de Desacordo
	“Muito bem N... <i>Então</i> esta semana tem sido treinar e mais treinar...”;	Concessivo	Elogio
	“... <i>mas</i> o arranjo deve ser caro”;	Contraste	Auto-FTA
	“... <i>mas</i> já passou e tu estás bem...”;	Contrastivo e aditivo	Sequências de Acordo

¹⁶⁷Oswald Ducrot *et al.* (1980: 95) identificaram outros possíveis valores: a) transição. Exemplo: “*Mais* revenons à notre sujet”; b) adição. Exemplo: “Non seulement *mais* encore”; c) reforço. Exemplo: “On ne lui donne rien à faire, *mais* ce qui s’appelle rien”; d) convite. Exemplo: “*Mais* venez donc déjeuner”.

	“... <i>mas</i> acho que podemos ter esta conversa em outro sitio...”;	Transição	
	“... <i>mas</i> apelo a uma não realização da mesma...”;	Oposição	Descortesia - Desacordo
	“ <i>Então</i> ¹⁶⁸ deixamos os ânimos passar, deixamos o stresse...”;	Temporal	Justificação
	“...o melhor foi <i>mesmo</i> termos crescido...”;	Precisão Argumentativa	
	“... <i>pois</i> a A. é isso tudo...”;	Explicativo	
	“... <i>por isso</i> é que o pessoal universitário...”;	Conclusivo	
	“... <i>e</i> tu <i>também</i> ”;	Aditivo e Inclusivo	
	“... <i>porque</i> apesar de tudo o que aconteceu...”;	Argumentativo	
	“Adoro-vos <i>mesmo</i> ...”;	Precisão Argumentativa	Estratégias de cortesia positiva

¹⁶⁸Maria Antónia Coutinho (2008: 205) refere que, neste caso, “(...) estaremos necessariamente num mundo discursivo da ordem do narrar: o carácter anafórico de *então* retoma uma localização temporal distinta do tempo da enunciação...”

	“... <i>e</i> a todos que não sabem contornar o azar da saúde, ...”;	Aditivo	
Fecho	“... <i>alias</i> ¹⁶⁹ ainda te lembrás de nos??”;	Reformulador	Ironia
	“... <i>depois</i> ¹⁷⁰ xama de amigos”;	Avaliativo	
	“... <i>e já</i> tenho saudades”;	Aditivo e Modal	Cortesia positiva
	“... <i>e eu também</i> ”;	Aditivo e Inclusivo	Acordo
	“... <i>mas</i> os resultados aparecem...”;	Contrastivo	Elogio
	“... <i>e olha</i> que não conheço...”;	Aditivo e Interacional	Justificação
	“... <i>porque</i> eles crescem muito depressa”;	Explicativo	
	“...ou <i>então</i> sou eu”;	Concessivo	
	“... <i>mas</i> vai com calma...”	Oposição	Conselho

¹⁶⁹Schmidt-Radefelt (1993: 66) também considera este marcador apresentativo de um argumento.

¹⁷⁰Segundo Ana Cristina M. Lopes e Maria da Felicidade Morais (1999-2000: 28) “(...) *depois* promove a localização de uma situação num intervalo de tempo posterior a um outro, tomado como ponto de referência. A organização destes dois intervalos de tempo na linearidade discursiva ora reflecte, isomorficamente, a ordem temporal das situações representadas, ora a subverte”.

3.1. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao observarmos o quadro verificamos que nas sequências de abertura apenas coocorrem os marcadores *talvez, sabes, já, mesmo, olha* e *se*. Estes estão inseridos em atos de acordo, em sequências de justificação, em segmentos com estratégias de cortesia positiva, em atos de oferta e de convite. O tipo de marcadores, assim como a pouca profusão resultam do facto de os locutores pretenderem apresentar o tema nas sequências de abertura para iniciarem e estabelecerem a interação verbal.

Em maior destaque encontram-se os marcadores existentes nas interações reativas ou de desenvolvimento. A quantidade e a variedade são relevantes, embora alguns sejam recorrentes. Contudo, aquele que apresenta uma maior permeabilidade é o marcador *mas*. Os locutores ao exporem e desenvolverem as suas opiniões utilizam com maior frequência este marcador argumentativo para consolidarem as suas asserções. Assim, surge em atos de conselho, descortesia, auto-FTA e em sequências de acordo com diversos valores. Em menor ocorrência aparecem *pois, por isso, também e porque*.

Nas sequências de fecho a diversidade de marcadores é mais acentuada. A variedade está patente em *aliás, depois, já, também, mas, olha, porque* e *então*. Importa realçar a repetição do marcador *mas*. Surge num ato de elogio e de conselho.

Como se verifica alguns dos mesmos marcadores mudam de posição (surgem nas sequências de abertura, desenvolvimento e fecho) e de valor. Ou seja o posicionamento na proposição, assim como o contexto revelam-se determinantes. Os marcadores mais exemplificativos são:

- *já e olha* - surgem em sequências de abertura e fecho inseridos em atos de cortesia positiva, em atos de convite e atos de ironia;

- *mesmo* - surge em sequências de abertura e desenvolvimento inserido em atos de cortesia positiva e também em sequências de justificação;

- *então, pois, e, também e porque* - surgem em sequências de desenvolvimento e fecho inseridos em atos de elogio, em sequências de justificação, no seio de estratégias de cortesia positiva e de sequências de acordo.

É ainda relevante que as funcionalidades destes marcadores são muito diversas, pois a pragmática conversacional assim o exige. O facto de, por vezes, o mesmo marcador surgir com vários valores ao longo das sequências interacionais confirma a sua polivalência.

Quanto aos atos e estratégias de delicadeza que, na generalidade, a eles se encontram anexados pode-se concluir que ocorrem, de modo mais regular, nas sequências de justificação, nas expressões de cortesia positiva, nos atos de conselho e de elogio e nas sequências que expressam o acordo. Com menor preponderância surgem no desacordo, na ironia, no convite, na oferta e na atenuação com auto-FFA.

Importa agora proceder a uma reflexão final sobre todo o trabalho desenvolvido.

CAPÍTULO IV - CONCLUSÕES

1. CONCLUSÕES

Como considerações finais devem ser realçados alguns traços que perpassam por estas interações quanto à tipologia frásica e interacional, assim como às estratégias de delicadeza.

No que concerne à tipologia frásica verifica-se que, neste *corpus*, a maior parte das participações se apresenta com frases curtas e o tempo verbal predominante é o presente do indicativo.

Também importa evidenciar que as interações de abertura e de fecho, na maior parte das vezes, não seguem os modelos formais: não existem fórmulas de saudação, de despedida, nem trocas confirmativas de fecho de conversação. A quase totalidade dos segmentos introdutórios ou sequências de abertura inicia-se com a apresentação imediata do tema de conversa. De forma assíncrona verifica-se alguma exploração temática e, a maior parte das vezes, interrompe-se a interação sem marcadores de fecho. Algumas participações pontuais apresentam, na estrutura de uma única proposição, sequência de abertura (com saudações) e de fecho (fórmula de despedida).

A frontalidade e informalidade também são características dos interlocutores destas páginas Web que se constata no tratamento, quase exclusivo, na segunda pessoa do singular, assim como na alegria e euforia. Estes fatores resultam do conhecimento pessoal e de prolongado contacto presencial, de se enquadrarem na mesma faixa etária, de partilharem os mesmos interesses.

Outros traços que espelham e contribuem para a informalidade são, entre outros, o recurso a interjeições, repetição de vogais/consoantes/sinais de pontuação, maiúsculas, abreviaturas, assim como o uso de símbolos iconográficos (*smileys* sorridentes; piscadelas de olho; olhos a brilhar; deitar a língua de fora; corações; estrelinhas). Embora a presença destes símbolos não seja persistente e não apresentem uma posição fixa nas proposições, é de realçar a predominância de símbolos positivos. Importa acrescentar que todos estes fatores pretendem uma aproximação à oralidade, pois fazem parte da expressão da linguagem verbal, paraverbal e não verbal que é característica do discurso oral interativo.

A ambiguidade surge com ou sem símbolos iconográficos. Apesar de a maior parte dos locutores parecer compreender as inferências estabelecidas, por vezes estes

símbolos não contribuem para uma decodificação segura das participações, pois o implícito/subjetivo também está presente nestas interações virtuais.

Os atos de discurso que mais predominam no *corpus* recolhido são, numa ordem decrescente, atos de elogio, convite, ameaça, acordo, conselho, agradecimento, oferta e ironia. A estes acrescem as estratégias de delicadeza que permitem o evitamento, a atenuação com a justificação e a reparação das faces. A ocorrência de auto-FTA's é condicionada, enquanto que a produção de auto-FFA's é mais frequente. Contudo, esta última surge seguida de estratégias de atenuação. É de realçar que não se verificam trocas reparadoras, de desculpa explícita, mas de desculpa implícita. Em suma, a expressão da delicadeza também se constitui uma estrutura de base neste tipo de interações, "(...) embora o meio social e tecnológico em que ela se desenrola possa condicionar e modificar as suas regras" (Alves, 2007: 95).

A utilização dos códigos de comunicação "gosto", "gostam disso", "não gosto" e "Lol" permite expressar cortesia positiva/negativa. A inexistência de utilização destas potencialidades no *facebook* também pode significar indiferença intencional ou uma preferência em exprimir, de forma mais explícita, a sua opinião. Acresce o facto de, tendencialmente, estes códigos de comunicação permitirem a realização indireta do sentido.

Por vezes, como não se consegue perceber se a ironia está presente, existe dificuldade na interpretação da intencionalidade dos atos presentes nas interações. Portanto, verifica-se também a disforia. Contudo, este obstáculo também existe na comunicação oral.

A mitigação é uma das estratégias de delicadeza que surge através de representações iconográficas como os denominados *smileys*. A sua aplicação em contextos de interação socioemocional permite atribuir-lhes quatro funções: uma função expressiva, como marcadores de ironia e de humor, uma função relacional e um procedimento de delicadeza. Enquanto procedimentos de delicadeza servem para atenuar o carácter ameaçador ou hostil do conteúdo verbal de uma mensagem, mas também são utilizados em mensagens que já comportam processos de atenuação: desatualização modal, modalização das críticas.

Estas interações, além de virtuais, distanciam-se dos rituais formais que são habituais entre pessoas que acabaram de se conhecer, que pertencem a faixas etárias, classes sociais ou hierarquias diferentes. Todavia, não se pode negar a existência de rituais.

Estes continuam a existir, com traços diferentes, porque são necessários para manter o equilíbrio interacional:

“(…) Certes, ce sont essentiellement des routines relevant de la politesse positive, qui donc visent avant tout à confirmer le lien, à renforcer la solidarité et à faire plaisir à l’autre. La situation et la relation amicale entre les interactants font que ceux-ci rajoutent un petit “plus” à ces comportements obligés” (Traverso, 1996: 127).

Concluindo, nestas interações electrónicas, a cortesia positiva está muito presente, dada a proximidade da relação estabelecida entre os interactantes própria de contextos de conversação familiar. Com efeito, citando Traverso, “(…) ainsi la proximité de la relation, loin de donner aux interactants du champ par rapport à la nécessité de préserver les faces, semble les attacher davantage aux précautions qui permettent de les préserver et surtout de les valoriser” (Traverso, 1996: 229).

BIBLIOGRAFIA E WEBIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Carla Aurélia Rodrigues de, (1998), "O acto ilocutório de oferta em português" in Fonseca, Joaquim (org.) 1998 *A Organização e o Funcionamento dos Discursos. Estudos sobre o Português*, Tomo III, Porto, Porto Editora, pp. 157-217.

ALMEIDA, Carla Aurélia Rodrigues de, (2000), "Actos de discurso - a Oferta e o Convite", DVD feito a partir do videograma de *Introdução aos Estudos Linguísticos*, Lisboa, Universidade Aberta, programa 8.

ALMEIDA, Carla Aurélia Rodrigues de, (2005), *Discurso Radiofónico Português. Padrões de organização sequencial, actos e estratégias de discurso, relações interactivas e interlocutivas*, Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Aberta, Tomo I, II e III.

ALMEIDA, Carla Aurélia Rodrigues de, (2005), "Não foi pela arbitragem que o Boavista perdeu': a construção do sentido numa interacção conversacional com três participantes" in Carvalho, Dulce; Vila Maior, Dionísio; Teixeira, Rui de Azevedo (orgs.) *Des(a)fiando discursos. Volume de homenagem a Maria Emília Ricardo Marques*, Lisboa, Universidade Aberta, 2005, pp. 5-16.

<http://repositorioaberto.univ->

[ab.pt/bitstream/10400.2/331/1/Des%28a%29fiando%20Discursos5-16.pdf](http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/331/1/Des%28a%29fiando%20Discursos5-16.pdf)

ALMEIDA, Carla Aurélia Rodrigues de, (2007), "Olhe estamos mesmo no fecho da emissão: sequências prototípicas de actos ilocutórios, variações e estratégias discursivas no (pré-fecho) e fecho de interacções verbais na rádio" in Lobo, Maria; Coutinho, Maria Antónia (orgs.) *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística - Textos seleccionados*, Lisboa, Universidade Aberta, 2007, pp. 57-71.

ALMEIDA, Carla Aurélia de, (2009), “Processos de figuração e manutenção da *ordeminteraccional*: estratégias de mitigação no quadro do sistema de delicadeza desenvolvido pelos participantes de programas de rádios específicos” in Fiéis, Alexandra; Coutinho, Maria Antónia (2009) *Textos seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Braga, 20-22 de Novembro de 2008*, Lisboa, Colibri, pp. 43-60; também disponível em <http://www.apl.org.pt/docs/actas-24-encontro-apl-2008.pdf>.

ALMEIDA, Carla Aurélia de, (2008), “O ‘envolvimento conversacional’ no momento de desenvolvimento de interações verbais na rádio: sequências de actos ilocutórios e ‘estratégias de alinhamento’ em programas de rádio específicos”, in Frota, Sónia; Santos, Ana Lúcia (org.), *Textos seleccionados. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Évora, 1-3 de Outubro de 2007*, Lisboa, Colibri, 2008, pp. 7-21; ISBN 978-972-96615-1-8; também disponível em <http://www.apl.org.pt/images/docs/apl2008.pdf>

ALMEIDA, Carla Aurélia de, (2010a), “(...) é um rapaz cheio de sorte, digo-lhe já (risos)”: o humor como estratégia discursiva de mitigação do conflito (potencial) em interações verbais na rádio” in Brito et al., *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, APL*, pp. 127-142, ISBN 978-989-96535-1-1; disponível também em <http://www.apl.org.pt/apl-actas/xv-encontro-nacional-da-apl.html>

ALMEIDA, Carla Aurélia de, (2010b), “«se à sua imagem corresponder a beleza da sua voz, é fácil imaginar a razão pela qual não nos dá o sono nestas duas horas» (ouvinte do programa ‘Boa Noite’): a co-construção do sentido em programas de rádio nocturnos”, in Ribeiro, José da Silva; Gonçalves, Ortelinda; Pinto, Casimiro (2010) *Imagens da Cultura. Actas do VI Seminário Imagem da Cultura, Cultura das Imagens*, Ebook, Edição Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais – CEMRI – Universidade Aberta, ISBN: 978-972-674-699-7, pp. 122-130; disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2201/1/IMAGENS%20DA%20CULTURA.pdf>

ALMEIDA, Carla Aurélia de, (2012), *A Construção da Ordem Interaccional na Rádio: Contributos para uma análise linguística do discurso em interações verbais*, Porto, Afrontamento, Biblioteca das Ciências Sociais/Plural, ISBN 978-972-36-1324-7.

ALVES, Sónia Santos, (2007), “«DDTC Nome Idade» - A Delicadeza linguística em Private Chat” in Revista *Millenium*, n.º 33, Instituto Politécnico de Viseu, maio de 2007, pp. 69-97, disponível em <http://www.ipv.pt/millenium/millenium33/8.pdf> (consultado em 07.05.2013).

ANDRÉ, Virginie, (2006), *Construction Collaborative du Discours au Sein de Réunions de Travail en Entreprise: de l'Analyse Micro-Linguistique à l'Analyse Socio-Interactionnelle*, Université Nancy 2 – École Doctorale «Langage, Temps, Société» - U.F.R. Sciences du Langage, Thèse présentée et soutenue en vue de l'obtention du Doctorat en Sciences du langage, pp. 124-125.

AUSTIN, J. L., (1962), *How to do things with words*, Cambridge, Harvard University Press.

AUSTIN, John L., [1977] (1989), "Performativo-constativo" in LIMA, José Pinto de (org.), 1989, *Linguagem e acção - da filosofia analítica à linguística pragmática*, Lisboa, Apáginastantas, Coleção Materiais Críticos 3, pp. 43-58; tradução portuguesa de “Performative-constantive” in Searle, J. R. (ed.), 1977, *The philosophy of language*, London, Oxford University Press, pp. 13-22.

BATORÉO, Hanna, (2004), *Linguística Portuguesa – Abordagem Cognitiva*, Lisboa, Universidade Aberta.

BENVENISTE, Émile, (1992), *O Homem na Linguagem*, Lisboa: Vega.
<http://latina.phil2.unifreiburg.de/raible/Lehre/2006/Materialien/Benveniste.pdf>

BERRENDONNER, Alain, (1981), *Éléments de Pragmatique Linguistique*, Paris, Les Éditions de Minuit.

CAMPOS, Henriqueta Costa; **XAVIER**, Francisca, (1991), *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.

CARREIRA, Maria Helena de Araújo, (1994), “Pedido de Desculpa e Delicadeza: Para o Estudo dos seus Processos Linguísticos em Português” in X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, pp. 105-114.

CARREIRA, Maria Helena de Araújo, (2001), “A delicadeza em português – para o estudo das suas manifestações linguísticas” in *Semântica e Discurso – Estudos de Linguística Portuguesa e Comparativa (Português/Francês)*, 2001, Porto, Porto Editora, pp. 82-93.

CONEIN, Bernard, (1986), “Conversation et interaction sociale. Analyse de séquences d’offre et d’invitation” in *Langages*, nº 81, pp. 111-120.

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/Igge_0458-726X_1986_num_21_81_2481

CUNHA & CINTRA, Celso, Lindley, (1999), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, pp.474-479.

DUARTE, Isabel Margarida, (2004), *Falar Claro a Mentir*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, pp. 291-300.

DUCROT, Oswald *et al.*, (1980), *Les Mots du Discours*, Paris, Les Éditions de Minuit.

DUCROT, Oswald, (1984), *Le Dire et le Dit*, Paris, Les Éditions de Minuit.

FAUCONNIER, Gilles, (1981), “Questions et actes indirects” in *Langue Française*, vol. 52, pp. 44-55.

http://www.persee.fr/showPage.do;jsessionid=AE56156F7D4E831091084A0022FD5208.erato?urn=lfr_0023-8368_1981_num_52_1_5105

FELECAN, Daiana, (2010), “Le commérage – phénomène polyphonique”, in MUR, Clara-Ubaldina Lorda, (2010), *Polyphonie and Intertextuality in Dialogue*, iada.online.series volume 1/10, University Pompeu Fabra, pp. 1-15.

FIGUEIREDO, Olívia Maria, (2006), “Les émotions dans les interactions verbales”, *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, pp. 145-151.

FONSECA, Joaquim, (1985), “Coerência do Texto”, in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Línguas e Literaturas*, pp. 7-18.

FONSECA, Joaquim, (1991), “Heterogeneidade na Língua e no Discurso”, in *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, vol. VIII, Porto, pp. 261-304.

FONSECA, Joaquim, (1994), “O Lugar da Pragmática na Teoria e na análise Linguísticas”, in *Máthesis 3*, 1994, pp. 35-42.

http://www4.crb.ucp.pt/biblioteca/mathesis/Mat3/mathesis3_35.pdf.

FONSECA, Joaquim, (1996), “O discurso de Corte na Aldeia de Rodrigues Lobo - o Diálogo I”, *Revista da Faculdade de Letras do Porto - Línguas e Literaturas*, Porto, Vol. XIII, pp. 87-145.

FONSECA, Joaquim, (1998), “Elogio do Sucesso”: a força da palavra / o poder do discurso”, in FONSECA, Joaquim (Org.) 1998, *A Organização e o Funcionamento dos Discursos – Estudos sobre o Português*, Tomo III, Porto, Porto Editora, pp. 9-71.

FRASER, Bruce, (1999), “What are discourse markers?”, *Journal of Pragmatics 31*, pp. 931-952.

GAUDUCHEAU, Nácia, **MARCOCCIA**, Michel, (2007), “L’Analyse du Rôle des Smileys en Production et en Réception: Un Retour sur la Question de l’Oralité des Écrits Numériques”, in *Glottopol, Revue de Sociolinguistique en ligne*.

<http://www.univ-rouen.fr/dyalang/glottopol>

GIBBS JR., Raymond W., (2012), "Are ironic acts deliberate?", *Journal of Pragmatics* 44, pp. 104-115.

GOFFMAN, Erving, (1986), "La condition de félicité - 1", *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 64, n° 1, pp. 63-78.

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1986_num_64_1_2338

GOFFMAN, Erving, (1986), "La condition de félicité - 2", *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 65, pp. 87-98.

http://www.persee.fr/showPage.do?urn=arss_0335-322_1986_num_65_1_2353

GOFFMAN, Erving, (1993), "La communication en défaut", *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 100, n° 1, pp. 66-72.

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1993_num_100_1_3074

GOUVEIA, C. A. M. "Pragmática", (1996), (Cap.8), FARIA, I. H.; E. R. PEDRO, I. DUARTE e Carlos A. M. Gouveia(orgs.) 1996, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, Série Linguística, pp.383-419.

GRICE, H. Paul, **KANT**, Emmanuel, **FOUCAULT**, Michel, (1979), "Logique et Conversation", *Communications*, pp. 57-72.

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1979_num_30_1_1446

GRICE, H. Paul (1989) "Querer dizer", in LIMA, José Pinto de, 1989, *Linguagem e Acção - da Filosofia Analítica à Linguística Pragmática*, Lisboa, Apáginastantas, pp 89-105.

GUMPERZ, John, (1989), *Engager la Conversation*, Paris, Les Éditions de Minuit.

HERRING, Susan, (1999), "Interactional coherence in CMC", *Journal of Computer-Mediated Communication*, [en ligne], 1999, Vol.4 (4).: <http://jcmc.indiana.edu/vol4/issue4/herring.html>

JACQUES, Francis, (1983), "La mise en communauté de l'énonciation", *Langages*, 1983, volume 18, n°. 70, pp. 47-71. http://www.persee.fr/authorSearch.do?alias=auteur_lgge_264.

KAFETZI, Evi, (2010), "Aspects du dialogisme interdiscursif et interlocutif dans le débat politique télévisé", in Mur, Clara-Ubalдина Lorda, (2010), *Polyphonie and Intertextuality in Dialogue*, iada.online.series volume 1/10, University Pompeu Fabra, pp. 1-10.

KERBRAT-ORECCHIONI, C., (1986a), "'Nouvelle communication' et 'analyse conversationnelle'", *Langue Française*, vol. 70, n°. 1, pp. 7-25, http://www.persee.fr/showPage.do?urn=lfr_0023-8368_1986_num_70_1_6368

KERBRAT-ORECCHIONI, C., (1986b), *L'implicite*, Paris, Armand Colin, 2ème édition.

KERBRAT-ORECCHIONI, C., (1987), - «La description des échanges en analyse conversationnelle : l'exemple du compliment», *DRLAV*, 36-37, pp.1-53.

KERBRAT-ORECCHIONI, C., (1990), *Les interactions verbales*, I, Paris, Armand Colin.

KERBRAT-ORECCHIONI, C., (1992), *Les interactions verbales*, II, Paris, Armand Colin.

KERBRAT-ORECCHIONI, C., (1994), "Rhétorique et Pragmatique: les figures revisitées", http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_0023-8368_1994_num_101_1_5843

KERBRAT-ORECCHIONI, C., (1999), *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*, (4^a. edição), Paris: Armand Colin. pp. 11-33.

KERBRAT-ORECCHIONI, C., (2002), "Politesse en deçà des Pyrénées, impolitesse au delà: retour sur la question de l'universalité de la (théorie de la) politesse", *Marges Linguistiques*, Mai, pp. 1-18. <http://www.marges-linguistiques.com>

KERBRAT-ORECCHIONI, C., (2007), "L'analyse du Discours en Interaction: quelques principes méthodologiques", *Limbaje si comunicare IX*, pp. 13-32, disponível em http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/Artigo_Catherine_Kerbrat_Orecchioni.pdf

KERBRAT-ORECCHIONI, C., (2010), "The case for an eclectic approach to discourse-in-interaction" in Streeck, Jürgen (ed.) *New adventures in language and interaction*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, pp. 71-97.

LABBE, Hélène, MARCOCCIA, Michel, (2005), Communication numérique et continuité des genres: l'exemple du courrier électronique. *Texto!* [en ligne]. Septembre 2005, vol. X, n°3. <http://www.revue-texto.net/Inedits/Labbe-Marcoccia.html>

LIMA, José Pinto de, (2007), *Pragmática Linguística - O Essencial sobre Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho.

LOPES, Ana Cristina Macário, (1996), "Então: elementos para uma análise semântica e pragmática", *Actas do XII Encontro da APL*, vol. 1, Braga, Universidade do Minho, pp. 177-190.

LOPES, Ana Cristina Macário, (1997), "Contribuição para o estudo dos valores discursivos de sempre", *Actas - XIII Encontro APL*, vol. 2, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 3-14.

LOPES, Ana Cristina Macário, (2006), “Antes e sempre”, *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 13-22.

LOPES, M. Carmo Azeredo; **PINTO**, M. Isabel Freitas M. Pinto; **AZEREDO**, M. Olga, (2006), “Pragmática e Linguística Textual”, in *Gramática Prática de Português – da Comunicação à Expressão*, Lisboa, Lisboa Editora, pp. 298-345.

LUCARIELLO, Joan, (1994), “Situational Irony”, *Journal of Experimental Psychology: General* 123, pp. 129-145.

MAÇÃS, Delmira, (1976), “Fórmulas interlocutórias do diálogo no português moderno coloquial”, *Separata de Biblos*, Vol. XLV, Coimbra, Faculdade de Letras.

MARCOCCIA, Michel, (2002), “Les communautés en ligne comme communautés de paroles”, Troyes, Tech-CICO/Université de Technologie de Troyes.

MARCOCCIA, Michel, (2003), “La communication médiatisée par ordinateur: problèmes de genres et de typologie”, *Journée d'études: les genres de l'oral*, Lyon, Université Lumière.

MARCOCCIA, Michel, (2004), “La communication écrite médiatisée par ordinateur: faire du face à face avec de l'écrit”, Troyes, Tech-CICO/Université de Technologie de Troyes.

MARCOCCIA, Michel, (2004), “On-line polylogues: conversation structure and participation framework in internet newsgroups”, *Journal of Pragmatics*, vol. 36, pp. 115-145.

MARCOCCIA, Michel, GAUDUCHEAU, Nadia, (2007), “Analyser la mimogestualité: un apport méthodologique pour l’étude de la dimension socio-affective des échanges en ligne”, *Tech-CICO* (CNRS/ Université de Technologie de Troyes).

<http://w3.u-grenoble3.fr/epal/>

MARCOCCIA, Michel, (2012), “La représentation du nonverbal dans la communication écrite médiatisée par ordinateur”, *Communication et organisation en ligne*.

<http://communicationorganisation.revues.org/2431>

MARQUES, Maria Aldina, (2008), “Quando a Cortesia é agressiva. Expressão de cortesia e imagem do outro”, in Fátima Oliveira e Isabel Margarida Duarte (orgs), *O fascínio da linguagem: actas do colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca*, Porto: CLUP, pp.277-296.

MATEUS, Maria Helena Mira, *et alii*, (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, 3^a edição, Lisboa, Editorial Caminho.

MILLS, Sara, (2009), “Impoliteness in a cultural context”, *Journal of pragmatics*, vol. 41, n°5, pp. 1047-1060.

MOESCHLER, J., (1989), “Marques Linguistiques, Interprétation Pragmatique et Conversation”, *Cahiers de Linguistique Française 10*, pp. 43-76.

MOESCHLER, J., **REBOUL**, A., (1998), “Pragmatique et Sciences Cognitives” (cap.2), *La pragmatique aujourd’hui. Une nouvelle science de la communication*, Paris, Éditions du Seuil, pp. 1-15.

MONTOLÍO, Estrella, (2001), *Conectores de la Lengua Escrita*, Barcelona, Editorial Ariel.

MORAIS, Maria da Felicidade A.; **LOPES**, Ana Cristina Macário, (1999-2000), “Antes e Depois: Elementos para uma Análise semântica e Pragmática”, in *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXIII, 1999-2000, pp. 183-243.

MORGENSTERN, Aliyah, **DEL RÉ**, Alexandra, (2010), “To laugh or not to laugh: that is the question – Les premières manifestations de l’humour chez l’enfant”, in Mur, Clara-Ubaldina Lorda, (2010), *Polyphonie and Intertextuality in Dialogue*, iada.online.series volume 1/10, University Pompeu Fabra, pp. 1-14.

NORRICK, N.R., (1993), *Conversational joking; humour in everyday talk*, Bloomington, Indiana University Press.

NORRICK, N.R., (1994), “Involvement and joking in conversation”, *Journal of pragmatics*, vol. 22, 3/4, pp. 409-430.

NORRICK, N.R., (2008), “Humour as a resource for mitigating conflict in interaction”, *Journal of pragmatics*, vol. 40, pp. 1661-1686.

OLIVEIRA, Inês da Conceição Pinto de, (2010), *Coesão Interfrásica – Os Conectores Discursivos em Produções Escritas de Alunos de PLE*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

PALRILHA, Silvéria Maria Ramos, (2009), *Contributos para a análise dos Actos Ilocutórios Expressivos em Português*, Faculdade de Letras- Universidade de Coimbra, Tese de mestrado.

PORTOLÉS, José, (2001), *Marcadores del Discurso*, Barcelona, Editorial Ariel, 2º edición.

RODRIGUES, David Fernandes, (2003), *Cortesia Linguística uma competência discursivo-textual*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Tese de doutoramento.

SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen, (1993), “Partículas discursivas e interaccionais no português e no espanhol em contraste com o alemão”, *Semiótica e linguística portuguesa e românica – homenagem a José Gonçalo Herculano de Carvalho*, Gunter Narr Verlag Tübingen, pp. 63-78.

SEARLE, J. R., (1984), *Os Actos de Fala*, Coimbra, Almedina.

SEARLE, J. R., (1989), "O que é um acto linguístico?" in LIMA, José Pinto de (org.), 1989, *Linguagem e acção: da filosofia analítica à linguística pragmática*, Lisboa, Apáginastantas, colecção Materiais Críticos 3, pp. 61-85.

SEARLE, John R., [1979] (2002), “Uma Taxinomia dos Atos Ilocucionários” (cap. 1) e “Os Atos de Fala Indiretos” (cap. 2), *Expressão e Significado*, São Paulo, Martins Fontes, pp. 1-94; tradução para o Português de *Expressing and meaning, studies in the theory of speech acts*, Cambridge, Cambridge University Press.

SIMONIN, Olivier, (2010), “(Im)politesse, coopération et principes d’inférence”, in *Lexis Spécial 2: «Impoliteness/Impolitesse»* (revue électronique), Université de Perpignan, pp. 21-34.

TRAVERSO, Véronique, (1996), *La Conversation Familiale – Analyse pragmatique des interactions*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.

WITTGENSTEIN, Ludwic, (1958), *Philosophical Investigations*, Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

YAGUELLO, Marina, (1997), *Alice no País da Linguagem. Para compreender a Linguística*, Lisboa, Editorial Estampa.

ANEXOS

INTERACÃO 1

Tema: Comentários a um álbum de fotos

L1: Eh...inda to pa saber pa k foi tanta coisa pa pedir as fotos do verão “ah e tal pk foi pa coiso e na sei kê...” ya ya...tass bem...dp xama de amigos...

L2: Olaaa P.!

Como estas?!

Já não te vejo à muito tempo!

Espero que tejas beem:P

beijinHOO*

L3: Só quem merece?? Ainda gostava de saber porque é que não faço parte deste álbum????lool. Vou-me já embora prós Açores!! Ahah.

L1: Oh...oh P....tas-te a sentir BEST demais n?!

AHAH...vês cmo se pica uma pxoa??! Eu sou horrível! I love me so much!!!TP

L4: Oh menina j. e as fotos de verão??? LOLLOL a serio é preciso por as fotos aqui com muita urgência a ver se falo com o P.....lol....saudades vossas☺

Bjnhs*

L5: oh menino P. e eu, onde estou? Lool

Beijinhooooooooooooo

L1: Elahhh...ainda te lembras k existem fotos “nossas”...alias ainda te lembras de nos??.....Acordou do coma!!! BOA P., seja bem -vindo, an ;)

INTERACÇÃO 2

Tema: Relacionamento

L1 e L2 gostam disto.

L3: conheço muito bem esta foto.....Outros tempos

L4: Sim é verdade...tempos passados, ficou a lembrança, e claro como sabes um carinho por ti, porque apesar de tudo o que aconteceu, decidimos não guardar rancor, e isso faz de nós adultos e humanos. Um beijinho para ti

L3: o rancor não leva a lado nenhum, o que passou passou!

L4: Exactamente o que lá vai lá vai...o importante é que fomos capazes de seguir as nossas vidas e somos adultos. Fico bastante contente por ti, acredita.!

L3: concordo

L4: Ainda bem que conseguimos entendermo-nos....so demonstra e cala muitas pessoas, que apesar da nossa relação ter terminado e apesar de tudo apos, conseguimos passar à frente e olhar bem alto. Calamos assim as bocas das pessoas que diziam barbaridades de ambos e que fizeram de tudo para que nem uma amizade houvesse entre nós, assim dessa forma, ficam caladas. ☺

L3: tas correcto, é pena é as coisas não terem acabado da melhor forma e nem uma conversa tivemos. Mas já passou e tu estás bem e eu também!

L3: claro que sim, mas acho que podemos ter este conversa em outro sitio pois só estaremos a dar temas de conversa e outras pessoas.... Acho que compreendes

L4: concordo plenamente...a partir desta não temos de dizer mais nada aqui lol...mas o que aqui ficou escrito mostra as pessoas k não eu não te odeiu nem tu a mim, e sim falamos um com o outro. Obrigado por esta conversa era o que precisavamos.....Beijinho* qualquer coisa podes contar comigo, sabes onde me encontrar

L3: ☺

L4: Talvez se a conversa tivesse havido não estaríamos agora aqui a falar certo?!Entao deixamos os ânimos passar, deixamos o stresse... sabes V., o melhor foi mesmo termos crescido. E sim eu estou bem e tu também isso e o que importa pois so assim é que damos valor ao passado.

INTERACÃO 3

Tema: Tatuagem

L1 diz:

Quero fazer uma tatuagem.

L2,L3,L4, L5 gostam disto.

L6: e de que farias???

L1: borboleta. =)

L7: pirou de vez

L1: Ka foi?

L7: nada nada

L1: caDa um sua pancadas e gstos

L7: hmhm

ao menos faz num sitio com higiene

L1: isso nem s kestona parvo

L7: eu sei lá

Mas apelo a uma não realização na mesma

L1: es smp do contra

L7: não sou do contra só acho que há coisas que se devem preservar

L1: mas isso cada um com seus principios ora

L7: hmhm

Falo isto e um grande amigo meu é tatuador mas pronto....:P

Até lhe estou a estragar o negócio ahahah

L1: amigos amigos, opinioes aparte=)

L7: lol

L8: Força nisso, mas cuidado com a tatuagem, não te vas arrepender mais tarde

L1: eu sei tola.Nem tem sgnifkado q pensas

L8: eu sei que não.

Estava a falar no geral. Eu imagino o significado

INTERACÃO 4

Tema: Agradecimento

L1: :) amigos obrigado por todos os momentos, espero que haja melhores....nunca vos esquecerei miudas da EPADRC e da ESRBP..... saudades adoro-vos

há 18 minutos · Gosto ·

-
- 4 pessoas gostam disto.

L2: nunca me vou esquecer de tiiiiii

5/7 às 2:24 · Gosto

L3: Adoro te

5/7 às 10:59 · Gosto

L4: Adoro-te mt e obrigado mesmo.....

5/7 às 22:56 · Gosto

L5: adoro-te j.:

6/7 às 11:36 · Gosto

L5: *j.

6/7 às 11:36 · Gosto

L6: ADORO-TEE ♥

6/7 às 22:26 · Gosto

L1: adoro-vos mesmo e ja tenho saudades...

há 18 minutos · Gosto

L1: :(

há 18 minutos · Gosto

INTERACÇÃO 5

Tema: Convite

L1: olha eu pelo menos devo de andar por lá se quiseres aparece :P

L2: ok ;)

INTERACÇÃO 6

Tema: Agradecimento

L1:O negócio está a correr muito bem, obrigado.

INTERACÇÃO 7

Tema: Comentário sobre um cartaz

P. R.

L1: AHAH muitaa bom :P



INTERAÇÃO 8

Tema: Comentário sobre uma foto

há 4 horas · Gosto · Partilhar

L1: gosta disto.



L1: Ta lindo!

há 2 horas · Gosto · 2 pessoas

INTERAÇÃO 9

Tema: Identificação com uma foto



L1: vou começar a fazer o mesmo em casa

há 2 horas · Gosto · 1 pessoa

L2:Estou sem palavras!

há cerca de uma hora · Gosto

INTERACÇÃO 10

Tema: reflexão sobre frases

L1: Não há dinheiro que pague felicidade, sentimentos e saúde e a todos que não sabem contornar o azar da saúde, lembrem-se que a força de vontade faz milagres e acima de tudo assim não impede ser feliz. gritem pa vocês mesmos "eu sou capaz" que haverá sempre alguém a vos mostrar isso. **L2** há 4 horas · Não gosto ·

L1, L3 e 7 outras pessoas gostam disto.

L3: gosto tanto das palavras :D

INTERACÇÃO 11

Tema: partilha de ideias sobre o amor

L1: Amar não é ter namorado ou namorada, nem beijar, nem fazer sexo. O Amor é amar, cuidar, respeitar, partilhar e dedicar tempo à pessoa AMADA! ♥ Cola isto no teu mural se és da mesma opinião. :)

há 14 horas · Não gosto ·

L1, L2 e 10 outras pessoas gostam disto.

L3: Bela mensagem. Aí está o busílis da questão. Poucos compreendem.

Ontem às 22:04 · Gosto

L1: só mesmo tu para m compreenderes :)

INTERACÇÃO 12

Tema: encontro

26/7 às 0:53 · Gosto ·

L1: gosta disto.

L1:oh minha nenuquinha!

26/7 às 17:35 · Gosto · 1 pessoa

28/7 às 22:09 · Gosto ·

L2: gosta disto.

L3: OH LOIRAAAAAAAAAAAAAA! :D

28/7 às 23:05 · Gosto ·

L1: gosta disto.

L1: tão bom saber que vou ver-te hojee

29/7 às 8:52 · Gosto

L1: OLÁ VIDA, OBRIGADA POR DEVOLVER O MEU SORRISO!!!

INTERACÇÃO 13

Tema: Nascimento de uma criança

L1:Apresento-vos a R.

13/8 às 20:10 · Gosto · 1

L2: Congratulazioni, papa` P.!

13/8 às 20:10 · Gosto

L3: Que linda!!!

13/8 às 20:14 · Gosto

L4: E verdade, nao ha nada melhor. Votos de boa noite:)

13/8 às 20:24 · Gosto

L5:Que babado e com razão....

13/8 às 20:25 · Gosto

L6:Ficámos encantados com a R.! É linda!

13/8 às 20:43 · Gosto

L7: MUITA SAUDE E SORTE PARA CRIARES A R...APROVEITA BEM PORQUE ELES CRESCEM MTO DEPRESSA...FELICIDADES MTS BEIJINHOS PARA TODOS...

13/8 às 21:07 · Gosto

L8:Parabéns!!! Tudo de bom!!! Ela é um AMOR!!!! Felicidades :)

13/8 às 21:24 · Gosto

L9: uau!!!! que linda :)) muitos parabéns e felicidades

13/8 às 22:26 · Gosto

L10: Parabéns aos 2 novos papás!!

13/8 às 22:36 · Gosto

L11: Parabéns aos papás. Muitas felicidades! ;-)

13/8 às 22:44 · Gosto

L12: Olha a minha bonequinha!!!

13/8 às 22:46 · Gosto

L13:Muitos Parabéns!!!! É linda! bjs

14/8 às 0:12 · Gosto

L14: Parabéns P. e M. :) é lindaaaa. Muitas felicidades. Bjocas

14/8 às 0:20 · Gosto

L15: Linda foto :) Que princesa tão bonita!

14/8 às 10:21 · Gosto

L16: Muitos parabéns! abraços

15/8 às 8:30 · Gosto

L17: Linda! :)

15/8 às 11:12 · Gosto

L18: parabéns!! enjoy her a lot!

15/8 às 12:31 · Gosto

L19: parabéns P. que sejam muito felizes => beijoka D. e do R.

15/8 às 19:10 · Gosto

L20: é linda a nossa princesa, não é?!

15/8 às 21:55 · Gosto

L21: Não sei qual dos dois está mais fofo :P ehehehe lindos*

20/8 às 1:04 · Gosto · 1

L22:a r. tem mais cabelo que o pai! ihihih

21/8 às 23:53 · Gosto

L23: Olá P.!!Foi com um sorriso que vi esta Foto!! Desejo-vos mtas felicidades!! Um beijinho mto grande!

1/9 às 23:50 · Gosto · 1

L24: Muitas felicidades, Aproveita bem cada momento... é mesmo priceless!!! Beijinhos

7/9 às 11:39 · Gosto · 1

L25: Tanto jeitinho!!!!!!!!!!!!

12/9 às 19:09 · Gosto · 1

INTERAÇÃO 14

Tema: Festa

L1, L2 e 47 outras pessoas.

4/1



[Gosto](#) · [Partilhar](#)

L3 e [13](#) outras pessoas gostam disto.

L4: Bora lá pessoal ;))

4/1 às 19:04 · [Gosto](#) · [3](#)

L5: sigaaaaaa

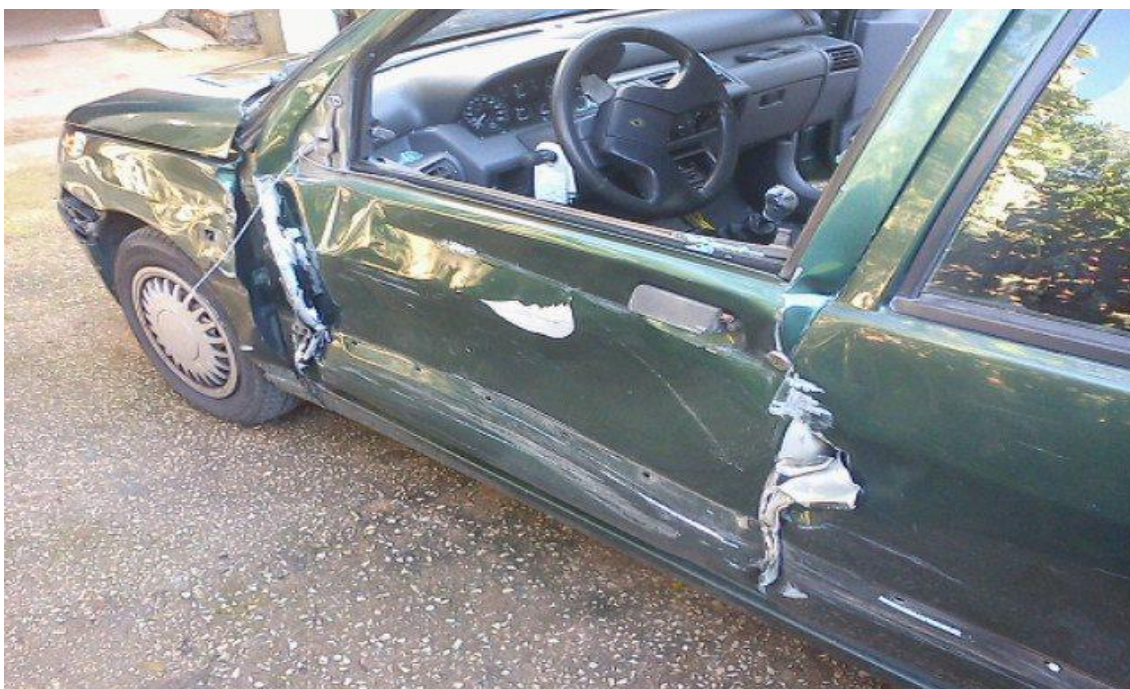
Quinta-feira às 19:34 · [Gosto](#) · [1](#)

L6: Bora laaaaa!!!

Quinta-feira às 19:38 · Gosto

INTERACÇÃO 15

Tema: Acidente



L1: Ai que porraa :O !!! Bateram-te ou foste tu que bateste ?

29 de Dezembro de 2011 às 21:15 · Gosto

L2: linda o que se passou??? Tu estas bem ???

29 de Dezembro de 2011 às 21:19 · Gosto

L3: Foi contra outro carro. Isso foi enguiço de chamares escáfia.:P

29 de Dezembro de 2011 às 21:20 · Gosto

L3: Sim eu estou bem.:)

29 de Dezembro de 2011 às 21:20 · Gosto

L1: Criam acasalar os escáfias ahah mas dá para andar ou tens que investir em outro?

29 de Dezembro de 2011 às 21:21 · Gosto

L2: ha de td o mal estas bem ;)

29 de Dezembro de 2011 às 21:22 · Gosto

L3:Depende. Ele anda mas o arranjo deve ser caro, vamos ver o que compensa.

29 de Dezembro de 2011 às 21:23 · Gosto

L1:tira a porta fora e andas sem ela :) isso o arranjo da para comprares outro igual

29 de Dezembro de 2011 às 21:28 · Gosto

L4: Ui tas feita... lol enquanto tinhas carro pa bater a vontade nc bateste foi preciso ficares com este para tal...

29 de Dezembro de 2011 às 21:29 · Gosto

L4: lol

29 de Dezembro de 2011 às 21:29 · Gosto

L3:Mesmooo. O Escort que era ferro nunca me aconteceu.

29 de Dezembro de 2011 às 21:30 · Gosto

L4: Ai o m...lol

29 de Dezembro de 2011 às 21:59 · Gosto

L3:O m. nem sabe o que há-de fazer. Sabes de alguém que tenha carro para vender?

29 de Dezembro de 2011 às 22:00 · Gosto

L5:deixa lá... o importante é que estás cá para contar a história :)

INTERACÇÃO 16

Tema: encontro de amigos

L1: Como é vai um copinho????

18/1 às 10:11 · Gosto

L2: Quarta Feira...=)

Sexta-feira às 20:00 · Gosto

L3: Saudades dos velhos tempos :)

há 5 horas · Gosto · 2

L1: Os tempos sao velhos quando abdicamos de os viver...sao eternos sem nunca os esquecer =)

há cerca de uma hora · Gosto

INTERACÇÃO 17

Tema: Comentários sobre imagem

L1: Alguém já reparou bem, na imagem do site onde vemos as notas? a rapariga devia estar a ver disciplinas e as notas, mas está é a ver uma lista de BEBIDAS Alcoolicas xD ai ai a Educação



Gosto · · Partilhar · há cerca de uma hora ·

L2, L1 e 17 outras pessoas gostam disto.

L3:
os serviços academicos a trolarem os alunos...

lol

há cerca de uma hora · Gosto

L1: por isso é que o pessoal universitário beb tanto, é induzido para tal xD

há cerca de uma hora · Gosto

L3: são mensagens subliminares. quando acabas de ver as notas ficas com vontade de ir afogar as magoas no alcool.

há cerca de uma hora · Gosto · 1

L2: Lolol Ahaha brutal lolol coisas à esasd xp (brincar)

há cerca de uma hora · Gosto

L4:haha grande ideia do design

há cerca de uma hora · Gosto

INTERAÇÃO 18

Tema: Análise de uma imagem e sentido de uma palavra

L1: verdade :)



Vício dos signos

O vício de câncer é : Colo.

ê!

Por: Mania dos Signos

Gosto · · Partilhar · há cerca de uma hora ·

L2 gosta disto.

INTERACÃO 19

Tema: Elogio físico e psicológico

L1: kiss kiss

17/1 às 1:45 · Gosto · 1

L1: como tens passado?

18/1 às 22:46 · Gosto

L2: muito bem N.... então esta semana tem sido treinar e mais treinar.. mas os resultados aparecem na balança.. Ando muito feliz e essa felicidade é contagiante :D queres um bocadinho??! xD

Sexta-feira às 22:57 · Gosto · 1

L1: ainda bem q andas bem :) ainda bem q tens treinado mt para a tua saude e felicidade ;) só de ler isto já m contagias-t xD

Sexta-feira às 23:00 · Gosto

L2: esta semana comecei a treinar num ginásio diferente, onde foi bem recebida e onde tento fazer tudo o que é aulas.. estou adorar e estou a sentir-me muito bem comigo mesmo.. estou a fazer isto tudo pela minha saude e para me sentir bem e claro para perder ainda muito mais peso.. quero ficar bonita :D

Sexta-feira às 23:03 · Gosto · 1

L3: linda :D

Sexta-feira às 23:04 · Gosto · 1

L4:E como é que é amanhã A??
Tenho de ir as C. ou não??

Sexta-feira às 23:05 · Gosto

L1:ahahah, mas tu já és bonita, o q pode acontecer é ficares mais ;) comes-te num ginásio nas c.?

Sexta-feira às 23:06 · Gosto

L2: sim comecei num ginasio nas caldas..

Sexta-feira às 23:06 · Gosto

L2: Z. estou as 8h30m em m... obrigado

Sexta-feira às 23:07 · Gosto

L1:eu nasci nas c., e costumo ir lá de vez em qd, pode ser q t encontre um dia destes ;)

Sexta-feira às 23:07 · Gosto

L2: eu tambem nasci no hospital das c., onde nascem os bebés mais bonitos e inteligentes :p

Sexta-feira às 23:09 · Gosto · 2

L2: ok pode ser que um dia nos encontremos..

Sexta-feira às 23:09 · Gosto · 1

L1:era fixe, poder encontrar-t ;) uma rapariga bonita inteligente e com mt força e fé, estou certo?

Sexta-feira às 23:11 · Gosto

L4:Se quiseres vou-te buscar ao terminal da camioneta não me custa nada...

Sexta-feira às 23:31 · Gosto

L4:N. não procures mais pois a A. é isso tudo e olha que não conheço muitos assim e que estejam solteiras.

Sexta-feira às 23:39 · Gosto · 1

L1: pois é, tenho de ir às c. ao ginásio onde ela anda ;)

Sexta-feira às 23:42 · Gosto · 1

L4:É isso mesmo tens de te fazer a estrada e não te atrases...

Sexta-feira às 23:44 · Gosto · 3

L1:será q nao estou já atrasado...

Sexta-feira às 23:46 · Gosto · 1

L5: Linda a modelo :) gostO muito dela ♥

há 2 horas · Gosto · 2

L6: gosto muito da roupa :) e estavas muito bonita ♥

há cerca de uma hora · Gosto · 1

L7: Estás lindíssima! ;)

há cerca de uma hora · Gosto · 1

L8: Mt linda A., tb gosto mto ver-te assim. beijinhos

há cerca de uma hora · Gosto · 1

L9:Muito bonita a minha a. :) adoro.te pah xD um beijão

há cerca de uma hora · Gosto · 1

L2: T. S., foste ontem embora e eu já tenho saudades tuas.. és a mulher da minha vida ♥ amo'te maninha ♥

há cerca de uma hora · Gosto · 1

L10:Sou quase tua vizinha lol e conheço te de vista, queria te dizer que gostei muito da tua prestação no p. p., apesar de pareceres uma rapariga simples e humilde enfrentas te tudo de frente e com garra... muito parabés A. tudo de bom nesta nova fase =)

há cerca de uma hora · Gosto · 1

L2: J. G. --> eu tambem te adoro.. já tenho muitas saudades tuas.. andas muito desaparecida.. ou então sou eu!! ahh beijinhoos grandes :D

há cerca de uma hora · Gosto

L5: Eu também já tenho saudadinhas tuas maninha e muitasss ♥

há cerca de uma hora · Gosto

L11:Linda :) beijinhos

há 5 minutos · Gosto

INTERACÃO 20

Tema: Agressividade

L1: Vai haver "porrada" --
o c. bonzinho tarda nada passa a revolucionario XD

Gosto · · [Partilhar](#) · [há 3 horas](#) ·

L2 e [5 outras pessoas](#) gostam disto.

L3: calma rapaz, nem parece teu:b

[há 3 horas](#) · Gosto · [1](#)

L4: Eu ofereço me para saco de box :D mas vai com Calma

[há 3 horas](#) · Gosto · [2](#)

L5:O

[há 3 horas](#) · Gosto

L6:Vamos é andar a porrada!!!!

[há 3 horas](#) · Gosto

L1:OH R., nao te quero bater pah XD
oh V. as vezes sou bonzinho de mais XD ha coisas que tem de mudar nao posso ser
sempre pisado :X

[há 3 horas](#) · Gosto · [2](#)

L3:Sempre? Nunca! Concordo completamente!

[há 3 horas](#) · Gosto

L1: Por isso à que mudar de modo de viver xD que o modo de pensar eu gosto dele xD
ah ah

[há 3 horas](#) · Gosto · [1](#)

L3: ahah :P

[há 2 horas](#) · Gosto

L7: Bora, bora!

[há 2 horas](#) · Gosto · [1](#)

L1: M. bora pra escola pah XD

[há 2 horas](#) · Gosto